U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

MESTRADO

LINGUÍSTICA

Produção de sons vocálicos do português por parte de falantes de espanhol

Carolina Contreras

M

2019

Carolina Contreras

Produção de sons vocálicos do português por parte de falantes de espanhol

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística orientada pelo Professor Doutor João Veloso

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Julho de 2019

Produção de sons vocálicos do português por parte de falantes de espanhol

Carolina Contreras

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística orientada pelo Professor Doutor Joaõ Veloso

Membros do Júri

Professora Doutora Maria Fátima Favarrica Pimenta de Oliveira
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Clara Figueiredo Amorim
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 14 valores

Sumário

Declaração de honra 7
Agradecimentos 8
Resumo 9
Abstract 10
Índice de quadros e gráficos 11
Lista de abreviaturas 13
Introdução 14
Capítulo 1. Os sistemas vocálicos 16
1.1. As vogais do espanhol 16
1.1.1. O espanhol chileno 18
1.2. O sistema vocálico do português e do espanhol 20
1.3. Processos fonológicos 26
1.3.1. Harmonização Vocálica 27
1.3.2. Redução do Vocalismo Átono 33
1.2.3. Nasalização 38
Capítulo 2. Metodologia 42
2.1. Participantes 42
2.1.1. Amostra de estudantes 43
2.1.2. Amostra de académicos 44
2.1.3. Amostra de nativos 45
2.2. Instrumentos de recolha de dados 45
2.2.1. Teste de leitura 45
2.2.2. Inquérito on-line 46
2.3. Aplicação de instrumentos 47
2.3.1. Aplicação do teste oral 47
2.3.2. Aplicação do inquérito on-line 48
Capítulo 3. Análise e resultados 48
3.1. Análise e resultados teste oral 49
3.1.1. Resultados gerais 51
3.1.2. Harmonização Vocálica 62
3.1.3. Redução do vocalismo átono 70
3.1.4. Nasalização 73

3.2. Resultados inquérito on-line 78
Considerações finais 83
Referências bibliográficas 89
Anexos 93
Anexo 1 94
Anexo 2 96
Anexo 3 98

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação de mestrado é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 24 de Julho de 2019

Carolina Contreras

Agradecimentos

Começo por indicar que este trabalho foi realizado graças ao apoio do Camões I.P. Instituto da Cooperação e da Língua através da sua Bolsa de Investigação, sem a qual não teria sido possível frequentar o Mestrado em Linguística na Universidade do Porto.

Agradeço à minha família pelo apoio constante e incondicional em cada uma das ideias e aventuras que decido empreender.

Obrigada aos meus amigos, aos que estão longe por conseguirem estar presentes apesar da distância com a vossa energia, amor e apoio; obrigada aos que estão mais perto pelo apoio e boa companhia.

Obrigada aos ex-colegas, agora amigos: Clara, Joana, Regina e Carlos pela amizade, cumplicidade, pelas correções, pelas contribuições a este meu trabalho e, sobretudo, pelas intensas discussões sobre os mais variados temas. Vocês contribuem, talvez sem o saberem, com a minha incessante aprendizagem da vossa língua.

Obrigada às professoras que me têm acompanhado durante o percurso académico e que são fonte de inspiração: Catarina Stichini e Ana Laura dos Santos Marques.

Obrigada ao meu orientador, o Dr. João Veloso, por guiar as minhas ideias com o seu saber teórico e prático, com quem espero seguir contando para me orientar durante o doutoramento.

Resumo

O presente trabalho insere-se na área da fonologia e tem como objetivos principais comparar os sistemas vocálicos do espanhol e do português e, partindo daí, analisar a produção de sons vocálicos do português por falantes nativos de espanhol.

Para isso, foi recolhido um *corpus* de produções orais em português de duas amostras: um grupo de estudantes universitários de nível intermédio-avançado e um grupo de académicos.

O *corpus* foi analisado à luz de três processos fonológicos do português, nomeadamente, a harmonização vocálica, a redução do vocalismo átono e a nasalização, com o intuito de determinar se os participantes conseguiam produzir os sons vocálicos que derivam destes processos.

Os resultados mostram que os falantes de espanhol atingem resultados semelhantes entre eles, independentemente da sua formação, no desempenho da produção de sons vocálicos em português. De modo geral, eles conseguem produzir sons semiabertos, semifechados e nasais, no entanto, os sons são produzidos de forma assistemática. Apesar de que o contexto da vogal, ou a categoria gramatical da palavra determinam a forma de pronunciar o som, muitas vezes isso não é respeitado.

Em linhas gerais, as amostras tiveram melhores resultados no processo de nasalização. Em segundo lugar, segue-se a harmonização vocálica; a redução do vocalismo átono apresentou os resultados mais baixos.

Tanto os estudantes de português como os académicos da língua precisam de atingir níveis mais altos não só no entendimento da fonologia da L2, mas também na qualidade da sua produção oral, porque, por um lado, os estudantes são os futuros profissionais da língua e, pelo outro, porque os académicos devem utilizar uma pronúncia apropriada que sirva de modelo para a formação de futuros profissionais.

Este estudo pode servir de base para delinear metodologias de ensino da fonética e fonologia da L2.

Palavras-chave: fonologia, processos fonológicos, vogais, português.

Abstract

The present work is inserted in the area of phonology, and its main goals are to compare Portuguese and Spanish vowels systems in order to analyze the production of vowel sounds by native Spanish speakers.

To do so, a corpus of oral productions in Portuguese was gathered from two sources: a group of upper-intermediate university students, and a group of professors.

The corpus was analyzed in accordance with three phonological processes of the Portuguese lanuguage, namely, vowel harmony, unstressed vowel reduction, and nasalization, with the aim of determining whether the participants were able to produce vowel sounds that derive from those processes.

The results suggest that, regardless of their qualifications, Spanish speakers reach similar performance among them, when producing Portuguese vowel sounds. Generally speaking, they can produce close-mid, open-mid, and nasal sounds. However, sounds are produced randomly. Although the context of the vowel, or the grammatical category of the word determine certain pronunciation, many times it is not followed.

Globally, participants did better on the nasalization process task, which obtained the highest score, followed by vowel harmony. Unstressed vowel reduction had the lowest score.

Both Portuguese students and language professors need to reach higher levels not only on the understanding of the L2 phonology, but also on their performance in oral production. On one hand, because students are future language professionals, and on the other, professors should use a proper pronunciation to serve as a model for the instruction and training of future professionals.

This study can help define methodologies to teach L2 phonetics and phonology.

Keywords: phonology, phonological processes, vowels, Portuguese.

Índice de quadros e gráficos

Quadros

Quadro 1: As vogais no alfabeto fonético internacional 21
Quadro 2: Triângulo articulatório das vogais espanholas 22
Quadro 3: Sistema vocálico tónico do português 23
Quadro 4: Português brasileiro e português europeu contemporâneos 24
Quadro 5: Vogais da IPA para espanhol e português 25
Quadro 6: Vogais fonológicas e fonéticas do português 25
Quadro 7: Vogais fonológicas e fonéticas do espanhol 26
Quadro 8: Assimilação do traço de altura pela vogal do radical 28
Quadro 9: Abaixamento da vogal do radical 28
Quadro 10: Alternância de altura 29
Quadro 11: AMF entre verbos e nomes 29
Quadro 12: HV da UVRD e marcador temático 30
Quadro 13: HV e RVA em verbos, nomes e palavras derivadas 30
Quadro 14: HV da última vogal do radical flexional 31
Quadro 15: Aplicação das regras fonológicas de elevação e de recuo 34
Quadro 16: Mudança nas realizações fonéticas das vogais 34
Quadro 17: Valores médios de duração das vogais 36
Quadro 18: Correspondência entre vogais subjacentes e vogais de superfície 38
Quadro 19: Relação entre fonema e alofone nasal 40
Quadro 20: Variación alofónica tradicional del español 41
Quadro 21: Resultados gerais por amostra para cada processo fonológico 59
Quadro 22: Palavras para HV 63
Quadro 23: Palavras para RVA 70
Quadro 24: Palavras para NAS 73

Gráficos

Gráfico 1: Amostra de estudantes – Resultados gerais Le1 e Le2 51
Gráfico 2: Amostra de estudantes – Resultados individuais e média geral 53
Gráfico 3: Amostra de estudantes – Médias por grupo com a média geral 54
Gráfico 4: Amostra de académicos – Resultados individuais e média geral 55
Gráfico 5: Amostra de académicos – Médias por grupo e média geral 56
Gráfico 6: Média amostra de estudantes e amostra de académicos 58
Gráfico 7: Comparação amostra de estudantes e a amostra de académicos. 60
Gráfico 8: HV – Le1, Le2 e média por estudante. Total 11 palavras. 64
Gráfico 9: HV – Média amostra de estudantes. Total 11 palavras. 64
Gráfico 10: HV – Acertos por palavras e a sua posição, amostra de estudantes. 65
Gráfico 11: HV – Acertos por palavras e a sua posição, amostra de estudantes 66
Gráfico 12: HV – Média resultados amostra de académicos. Total 11 palavras 68
Gráfico 13: HV – Acertos por palavra e a sua posição, amostra de académicos. 68

Gráfico 14: RVA – Médias amostra de estudantes e de académicos. Total 3 palavras.. 71
Gráfico 15: RVA – Acertos por palavra estudantes e académicos. 72
Gráfico 16: NAS – Le1 e Le2 amostra de estudantes. Total 28 palavras. 74
Gráfico 17: NAS – Média amostra de estudantes. Total 28 palavras. 75
Gráfico 18: NAS – Acertos por palavra amostra de estudantes 76
Gráfico 19: NAS – Resultados e média geral amostra de académicos. 77
Gráfico 20: NAS – Acertos por palavra amostra de académicos. 77

Lista de abreviaturas

AMF	Alternância Morfofonológica
es	Espanhol
es-Cl	Espanhol chileno
ESP	Espanha
HV	Harmonização Vocálica
IPA	International Phonetic Association
L1	Língua 1
L2	Língua 2
LAT	Linguística Aplicada à Tradução
Le1	Leitura 1
Le2	Leitura 2
LM	Língua Materna
LP	Língua Portuguesa
NAS	Nasalização
PB	Português Brasileiro
PBC	Português Brasileiro Contemporâneo
PE	Português Europeu
PEC	Português Europeu Contemporâneo
PLE	Português Língua Estrangeira
pt	Português
PT	Portugal
RVA	Redução do Vocalismo Átono
Usach	Universidad de Santiago de Chile
UVR	Última vogal do radical
UVRD	Última vogal do radical derivacional

Introdução

Durante a aprendizagem do português, a fonética representa um desafio para os falantes de espanhol, devido às suas caraterísticas específicas, nomeadamente no que diz respeito aos sons que não existem na língua materna dos falantes de português como L2.

Na literatura de caráter contrastivo português-espanhol, a fonética portuguesa é principalmente tratada através descrições dos sistemas consonânticos. Detalham-se as articulações que devem ser realizadas para conseguir a sua reprodução, mas o mesmo não acontece com os sons vocálicos. Um dos objetivos deste trabalho é preencher essa lacuna.

As vogais são portadoras de informação que foca, por um lado o conteúdo fonológico segmental da própria vogal e, por outro, informação suprassegmental melódica e acentual (Román, s.d.).

No espanhol, a diferença entre as vogais átonas e tónicas radica apenas na duração das mesmas, não chegando a ser contrastiva. A diferença na qualidade das vogais no espanhol poderia estar mais relacionada a variáveis pragmáticas, mas em nenhum caso a processos fonológicos (Pereira e Soto-Barba, 2011). O timbre das vogais espanholas é invariável independentemente da posição onde elas se encontrem.

No português, as vogais são elementos sensíveis ao contexto, ou seja, a sua produção é influenciada pelos elementos adjacentes e não só; esta diferença derivada de causas morfológicas e fonológicas tem um valor significativo. Em português, as vogais são capazes de diferenciar a categoria gramatical de palavras que têm a mesma grafia, mas diferente significado (*jogo, governo*, etc.). Elas manifestam foneticamente a nasalização, redução, harmonização, e outras articulações derivadas de processos fonológicos.

Tendo por referência os aspetos acima enunciados, coloca-se neste trabalho a hipótese de que a produção de sons vocálicos do português constitui uma dificuldade na aprendizagem da língua aos falantes de espanhol.

Para testar a hipótese, foi recolhido um *corpus* oral de duas amostras de falantes nativos de espanhol que estudam e trabalham com o português, respetivamente: um

grupo de estudantes universitários de nível intermédio-avançado e um grupo de académicos.

Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar a produção oral de sons vocálicos do português por falantes nativos de espanhol. Pretende-se, igualmente, determinar se existem diferenças no grau de proficiência em língua portuguesa (LP) entre ambos os grupos, considerando o ensino formal por um lado, e o ensino formal aliaso à frequência e forma de uso do português, pelo outro.

Mediante a observação de três processos fonológicos do português, nomeadamente harmonização vocálica (HV), redução do vocalismo átono (RVA) e nasalização (NAS), analisaremos o desempenho de cada amostra.

Com este trabalho, pretende-se contribuir para a descrição e comparação dos sistemas vocálicos, bem como para o eventual desenho de metodologias de ensino da fonologia da LP. Os resultados deste estudo podem servir de base para delinear metodologias de ensino da fonologia da L2, baseadas na fonologia da L1.

A presente dissertação de mestrado organiza-se em três capítulos. O primeiro capítulo corresponde ao enquadramento teórico da problemática em estudo, dividindo-se em duas seções: a descrição dos sistemas vocálicos do português e do espanhol; e a descrição dos processos fonológicos. As duas secções são desenvolvidas tendo semore como foco o contraste português-espanhol.

O segundo capítulo dá conta das opções e procedimentos metodológicos seguidos. O capítulo apresenta uma descrição das amostras consideradas no estudo, bem como do processo, desenho e aplicação dos instrumentos de recolha de dados utilizados.

O terceiro e último capítulo apresenta a análise dos dados recolhidos e os resultados e conclusões alcançadas. O capítulo organiza-se por uma apresentação geral dos dados, seguida de uma análise mais aprofundada processo fonológico.

A dissertação termina com algumas considerações finais, nas quais são identificadas algumas projeções desde estudo e limitações do mesmo.

Capítulo 1. Os sistemas vocálicos

O objetivo deste capítulo é apresentar o marco teórico que enquadra o presente trabalho. Para isso, primeiramente, estabelece-se uma comparação entre os sistemas vocálicos do espanhol e do português. Considerando que o estudo tem como foco a fonologia da língua materna (LM) para a produção dos sons da língua portuguesa (LP), num primeiro momento é apresentada uma descrição das vogais do espanhol, que são posteriormente comparadas com o sistema vocálico português.

A segunda parte deste capítulo, discute teoricamente três processos fonológicos das vogais do português, a saber, harmonização vocálica (HV), redução do vocalismo átono (RVA), e nasalização (NAS). Cada um destes processos é descrito nas suas caraterísticas e as respetivas regras de uso. Tendo como foco o contraste espanhol-português, procuramos encontrar um fenómeno equivalente ou, o mais próximo possível, na língua espanhola, de modo a comparar as vogais de ambos os sistemas.

Este marco teórico servirá de base para a análise do *corpus* oral que se apresenta no capítulo 3.

1.1. As vogais do espanhol

A maior quantidade de falantes de espanhol no mundo está fora da Espanha, principalmente, no que hoje geograficamente é parte de América do Norte, América Central e América do Sul. É, portanto, natural que existam diferenças nas formas de falar espanhol nos diferentes contextos. Várias são as descrições feitas sobre as variedades do espanhol na América, especialmente aquelas feitas pelas próprias nações sobre a sua própria variedade. Sobre este aspeto, Lipski (2009) apresenta uma análise das 19 variedades americanas da língua espanhola, que inclui Argentina, Chile, Colômbia, Peru, Porto Rico, México, Venezuela, entre outros. O autor faz referência a vários teóricos que classificam, segundo os mais diversos critérios, o espanhol falado na América. Alguns critérios, são: a geografia atual, isto é, uma classificação por países; a morfologia, com ênfase no uso de pronome *vos* e a sua correspondente conjugação verbal; o léxico partilhado; a cronologia dos assentamentos espanhóis, divididosem três etapas: o espanhol de 1550, de 1650 e de 1750; e a análise fonética.

A descrição e análise fonética aborda, quase exclusivamente, as diversas formas de pronunciar os sons das consoantes nas diferentes variantes de espanhol. Nesse sentido, destaca-se a existência de um maior número de semelhanças do que as

diferenças. Sobre este aspeto vários autores concordam que o enfraquecimento, aspiração ou apagamento do <s> final de sílaba ou de palavra, em palavras ou frases como es. *los otros* ou *los amigos*, é comum a diversos países, sobretudo em contextos mais informais. Este fenómeno é designado por Lipski (2009: 190, 222, 234) como "fala popular", e que pode ser encontrado, por exemplo, na Argentina, no Chile, e na Colômbia, entre outros.

Dentro das diferenças de pronúncia entre as variedades de espanhol, apenas um dos países apresenta a sonorização do <s>. Esta diferença não está relacionada com imitação ou herança espanhola, mas sim com a sonorização em contexto intervocálico. Por exemplo, em algumas zonas do Equador, é possível encontrar es. *los amigos* pronunciado como /lozamigos/ e es. *desempleo* dito como /dezempleo/ (Lipski, 2009: 266).

O caso das vogais é pouco discutido, por não se encontrarem diferenças significativas entre as variantes de espanhol. Destacam-se alguns exemplos de pronúncia de vogais influenciada pelas línguas indígenas que se falam em algumas zonas da América. O primeiro exemplo diz respeito à zona do altiplano dos Andes, que atualmente corresponde à Bolívia e ao Peru – importa referir que a fronteira dialetal nem sempre coincide com a fronteira geopolítica. Nesta zona, verifica-se uma redução do inventário das vogais do espanhol de cinco para três, por influência das línguas quéchua e aimará. Ficando o inventário com as vogais /i, a, u/. Os falantes destas línguas nativas, com pouco domínio do espanhol, têm dificuldade em diferenciar /i – e/ e /o – u/. Estes fonemas são, muitas vezes, confundidos na oralidade do espanhol, uma vez que o sistema de vogais das suas línguas maternas carece do contraste entre esses pares de vogais (Hualde, 2014: 114). Em contato com /s/, eles reduzem ou elidem completamente as vogais átonas. Esta pronúncia é conhecida popularmente como "*motosidad*" e está carregada de preconceito linguístico.

O segundo caso acontece na zona atualmente correspondente ao Paraguai, onde a língua materna é o guarani. Por influência desta língua nativa, os falantes bilíngues de espanhol tendem a nasalizar as vogais átonas. Do mesmo modo, uma vez que o guarani tem a vogal central posterior não arredondada /ɨ/, os falantes tendem a tirar o arredondamento à vogal /u/. Estes casos são claramente influenciados pelas línguas nativas, e as mudanças fonéticas nas vogais não representam nenhum impacto na norma do espanhol padrão.

Um estudo com foco exclusivamente nas vogais é o de Almeida (1990) que, sumariza resultados de estudos de diferentes autores sobre as vogais no espanhol de Espanha, Cuba, Porto Rico, Chile, México, Colômbia, Argentina, entre outros. De forma simples e conclusiva, o autor afirma que as vogais no espanhol, independente da sua posição dentro da sílaba e independente de carregarem tonicidade ou não, apresentam uma leve variação no grau de abertura vocálica. Neste caso, as tónicas tendem a ser mais abertas, e as finais tendem ao fechamento. Além disso, é possível encontrar numa mesma posição todos os alofones vocálicos possíveis, com leve variação segundo o contexto. Por exemplo, em contato com palatal, algumas vogais são levemente mais avançadas. De modo geral, /i, u/ são sempre realizadas como fechadas, /e, o/ estão na posição intermédia e /a/ é a vogal mais baixa. Pode haver uma variação na sua articulação, mas esta não chega a ser significativa em termos fonológicos.

1.1.1. O espanhol chileno

Dado que o sistema fonológico do espanhol é quase o mesmo em todo o mundo hispânico e que as variações fonológicas nas vogais são tão leves, é possível estender algumas conclusões a todas as variantes desta língua, apesar de esta seção ter como foco uma variedade específica.

Relativamente ao espanhol do Chile, falado pela amostra de estudantes do presente estudo, podemos indicar que partilha com o espanhol peninsular (falado pela amostra de académicos) grande parte do nível morfossintático, e também um vocabulário patrimonial, ou seja, partilhado por todo o mundo hispano-falante. No plano da fonética, o espanhol chileno acompanha bastante os grafemas, no entanto, nas palavras de Rabanales (2000) “solo diferimos por carecer de dos fonemas: totalmente, del que representamos con la letra <z> y casi totalmente, del que representamos con la letra <ll>; el primero sustituido por /s/, y el segundo por /y/”. Este autor faz uma descrição fonética dos sons consonânticos que diferem do espanhol peninsular, destacando três fenómenos gerais para o espanhol do Chile: o desaparecimento de -s final (o mais estudado de sempre, segundo Sadowsky, 2015), em sintagmas como es. *tres años* dito como “tre año”; o yeísmo, ou seja, a pronúncia do dígrafo <ll> realizada como <y>; e uma pronúncia do dígrafo <ch>, como se fosse <sh> (Rabanales, 2000). Estas variações ocorrem apenas ao nível da fonética e não envolvem mudança de significado. Outro fenómeno que se verifica no espanhol chileno, mas apenas no plano

informal, é o desaparecimento de <d> intervocálico e em posição final de palavra, por exemplo, es. *cansa[d]o* e *verda[d]*.

Ainda no plano mais informal da língua falada, e só nesse plano, Rabanales (2000) destaca vários fenómenos,entre eles, o fenómeno de assimilação de sons vocálicos, por exemplo, a palavra es. *intrínseco*, dita como "intrínsico" ou es. *viceversa* pronunciada como "viciversa"; e a dissimilação, em palavras como es. *comisaría* dita como "comisería" e "bacenica" por es. *bacinica*. Há ainda uma vocalização de consoantes quando acompanhadas por outra consoante. Por exemplo, dizer "paire" por es. *padre*, ou "caule" em lugar de es. *cable*.

Para Morales e Lagos (2000: 42, 79), o que acontece é uma neutralização das oposições fonológicas /e/-/i/ e /o/-/u/. Na fala rápida ou descuidada, as vogais <e> e <o>, não são realizadas como [e] e [o], mas sim como [i] e [u] nos contextos onde elas são átonas e estão a acompanhar à vogal que é núcleo de sílaba. Descrevem-se a seguir dois exemplos retirados e adaptados dos supramencionados autores.

<e> átono → [i] átono. (A) es. *campeón* camp[e]ón→ camp[i]ón; (B) es. *cae (v. caer)* ca[i].

<o> átono → [u] átono (A) es. *poeta* p[o]éta → p[u]eta; (B) es. *ahogar* ah[o]gar → ah[u]gar.

Para os autores, a alternativa (A) ocorre fala descuidada; e a alternativa (B), é classificada como esporádica e pertencente ao nível inculto de fala. Outros exemplos são es. *pasear* → pas[i]ar e *toalla* → t[u]alla.

É possível reflectir sobre este ponto, com base nos sistemas vocálicos do português e do espanhol, uma vez que a alternância do /e/ subjacente átono para [i] fonético, está presente nas duas línguas, mas com status diferentes. No caso do português, este fenómeno acontece exatamente nos mesmos contextos que no espanhol (exemplos prévios: campeão, poeta, passear), no entanto, uma redução deste tipo não é considerada uma articulação inculta ou descuidada e não é culturalmente "feia", como no espanhol. Este é um fenómeno que tem uma justificação no contexto, faz parte do sistema de forma natural por não ser um fenómeno forçado (aparentemente é mais forçado não o realizar), que acontece porque o sistema o permite. As reduções aparecem antes na fala mais coloquial, e podem estender-se a estilos mais formais, para, finalmente, fazerem parte da pronúncia normativa (Hualde, 2014: 103).

Como conclusão, as variantes americanas de espanhol não imitam o espanhol peninsular, apesar de derivarem dele. As caraterísticas típicas dessa variante de

espanhol, tais como a fricativa interdental [Θ]; um [x] muito gutural e uso do pronome *vosotros*, não aparecem na América e não são aceites sociolinguisticamente, a menos que proferidos por um falante nativo daquela variante.

A maioria dos estudos sobre o espanhol da América dedica-se quase exclusivamente a destacar ou comparar a fonética das consoantes, Isto permite inferir que o inventário das vogais se mantém invariável nas variantes de espanhol e que, dada a ausência de variações, não requer de uma análise comparativa minuciosa.

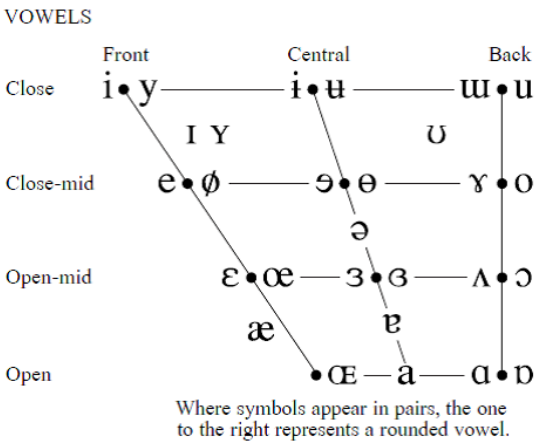
Na seguinte secção, é estabelecida uma breve comparação das vogais do espanhol e do português com o respetivo inventário fonológico e as suas ocorrências.

1.2. O sistema vocálico do português e do espanhol

Tendo por referência o foco do presente estudo, esta secção dá conta da comparação entre vogais de ambas as línguas, considerando o inventário fonológico e as representações de superfície de cada uma.

Em espanhol, só as vogais podem ser núcleo de sílaba e partilham com o português a mesma característica. Tanto as vogais do português como as do espanhol podem ser classificadas, de modo geral, segundo o sistema triangular das vogais, onde /a/ é a mais baixa e aberta; /e, o/ são as médias e /i, u/, as altas.

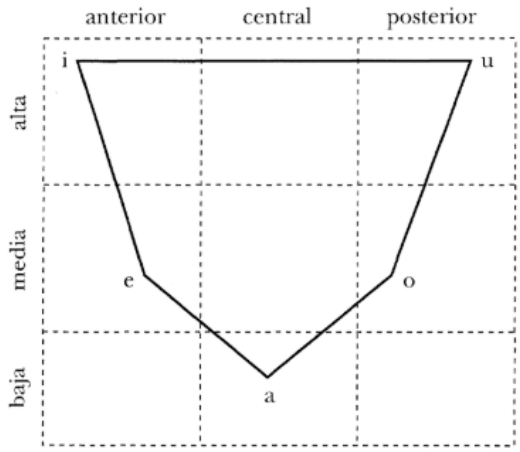
Na articulação das vogais no espaço bucal podemos identificar oito pontos periféricos onde se conjuga o eixo horizontal (anterior – recuada) com o eixo vertical (alta – baixa), que têm correspondência em movimentos da língua. Existem também articulações que ocorrem no centro do esquema, e que dizem respeito a vogais centrais. Cada uma das articulações é apresentada no quadro da IPA que serve como marco de referência para todas as línguas.



Quadro 1: As vogais no alfabeto fonético internacional (adaptado de: International Phonetic Association, 2015)

O espanhol tem cinco vogais, cada uma delas com apenas uma representação fonética, independentemente da posição que ocupe dentro da palavra (inicio, médio ou fim) ou do facto de a sílaba carregar o acento tónico. As vogais em espanhol classificam-se em três graus de abertura, segundo a distância entre o céu da boca e o dorso da língua: máximo, médio e mínimo. Além disso, a relação entre o grau de abertura e a percetibilidade é diretamente proporcional, como Morales e Lagos (2000) indicam, abertura máxima = percetibilidade máxima; abertura média = percetibilidade média, e abertura mínima = percetibilidade mínima. Este padrão também se pode observar no português, onde a duração da vogal é inversamente proporcional à altura (Rothe-Neves e Valentim, 2012).

As cinco vogais fonológicas do espanhol são /i, e, a, o, u/. Cuja distribuição se pode ver no triângulo das vogais espanholas:



Quadro 2: Triângulo articulatório das vogais espanholas (Quilis, 1993: 148)

O sistema vocálico de cinco unidades do espanhol mantém-se sempre inalterado, independentemente das variações de tonicidade ou da posição que as vogais ocupam dentro da palavra. Ou seja, a sua representação fonológica e fonética será sempre de cinco unidades, como exemplificado nos seguintes casos.

Posição tónica: *pipa, pepa, papa, poza, puso*.

Posição átona: *rimar, remar, amar, posar, usar*.

Posição átona final: *taxi, tiene, tinta, tonto, tu*.

As vogais espanholas são fonologicamente orais, com aparecimento de arquifonema nasal modelado pelo contexto (Morales e Lagos, 2000; Salamanca, Figueroa e Cifuentes, 2011; Vaquero de Ramírez, 1998:11). A nasalidade na língua espanhola é contextual, derivada de uma coarticulação de vogal em contexto de consoantes nasais. Pelo facto de ser contextual, não produz mudança de significado das palavras. Ou seja, se houver uma articulação de vogais com alguma nasalidade em espanhol, ela é considerada como nasalidade alofónica. Por exemplo, os <a> da palavra es. *cama* podem não ser foneticamente iguais, no entanto, mesmo que as vogais tenham um alofone nasal em contexto de pausa e consoante nasal ou entre consoantes nasais, não haverá mudança de significado, uma vez que, na língua espanhola, /V/ e /VN/ não constituem pares mínimos.

Relativamente à abertura das vogais em espanhol, o grau está condicionado pelo contexto em que elas aparecem na sílaba, por exemplo, nas sílabas que terminam com as vogais de abertura média e mínima e, i, o, e u, essas vogais têm uma pronúncia fechada. No caso das sílabas acabadas em consoante, as vogais médias são pronunciadas como abertas. Para exemplificar, Morales e Lagos (2000: 44) reproduzem os exemplos de

Navarro (1963), propondo as seguintes palavras: es. *peso* e *pozo* para pronúncia fechada como [e], [o], e as palavras es. *verdad* e *bosta* [ɛ] [ɔ] que, segundo eles, teriam uma pronúncia mais aberta quando comparadas com as primeiras.

Consultando o inventário fónico do es-CL em Borland (2004), é possível corroborar que os fonemas vocálicos são 5, não considera a alofonia nasal, mas sim que as altas apresentam alofones quando formam ditongos. Nomeadamente, /i/: [j] es. *ciencias* e [ɪ] es. *voy.* Para /u/: [w] es. *muestran* e [ʊ] es. *aunque*.

Por outro lado, o português apesar de possuir as mesmas 5 vogais, apresenta mais do que uma representação de superfície para cada vogal. A forma fonética pode variar segundo a posição dentro da palavra, segundo a tonicidade ou não tonicidade da sílaba, ou se estiver influenciada por algum outro elemento (consonântico ou vocálico) que a anteceda ou preceda. Temos, então, um total de 7 representações fonéticas em posição tónica, comuns para ambas as variedades de português, que vão desde a vogal aberta às fechadas. Podemos ver a distribuição no quadro a seguir:

	Anterior	Central	Posterior
Alta	I		u
Média- alta	E		o
Média-baixa	ɛ		ɔ
Baixa		a	

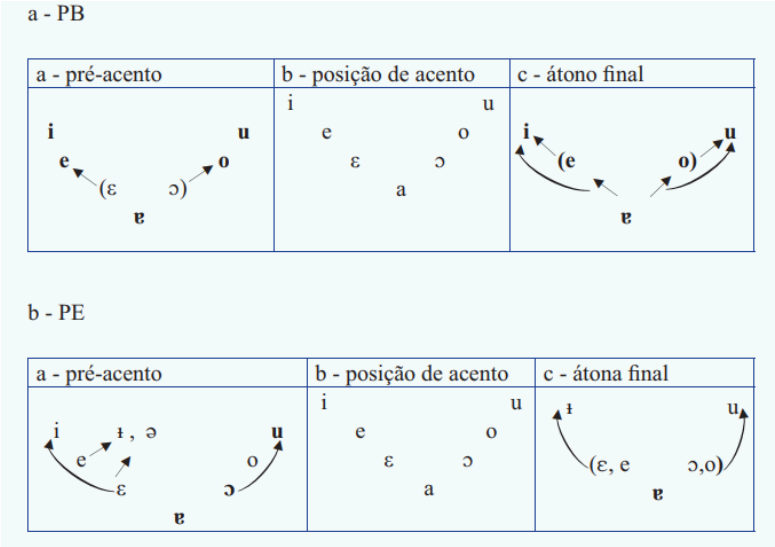
Quadro 3: Sistema vocálico tónico do português (Mateus, 2014)

É possível concluir que as 5 vogais do português podem ser representadas pelas formas de superfície: / i, e, ɛ, a, ɔ, o, u, ɨ, ɐ /, dependendo da sua posição dentro da palavra e da variante de português de que se trate. Para ilustrar as formas de superfície que adquirem as vogais, segundo a posição, tonicidade e a variedade de português, apresenta-se o inventário proposto por Mateus et al. (2003: 1011), para o português europeu contemporâneo (PEC), e para o português brasileiro contemporâneo (PBC), usaremos a proposta de Bisol (2015).

De acordo com a distribuição e contexto, tanto para o PEC como para o PBC, em posição tónica há 7 representações de superfície: / i, e, ɛ, a, ɔ, o, u /. Através do processo de neutralização presente em ambas as variedades, o PBC passa a ter 5 vogais em posição pré tónica: /i, e, ɐ, o, u/, enquanto o PEC passa a 3: /ɨ, ɐ, u/.

A posição final átona absoluta é a mais restritiva de todas, e para a qual o português admite um número muito escasso de vogais. Nesta posição, encontram-se três vogais: /ɨ, ɐ, u/ para o PEC e /i, ɐ, u/ para o PBC.

A neutralização no PBC tem duas etapas: passa de 7 a 5 vogais, e de 5 a 3 vogais, enquanto no PEC a vogais passam diretamente de 7 a 3. Este processo origina subsistemas que diferem em cada variante de português, como se pode constatar a seguir:



Quadro 4: Português brasileiro e português europeu contemporâneos (Bisol, 2015)

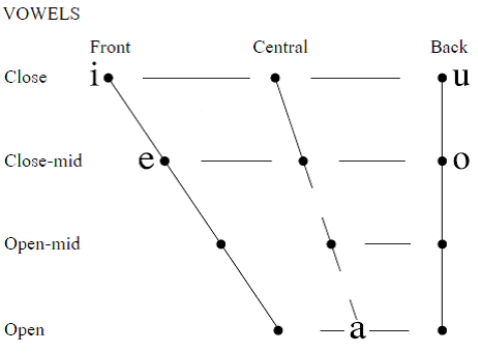
Como conclusão, observa-se que os sistemas vocálicos do espanhol e do português têm em comum os graus de abertura das vogais: o máximo e o mínimo. No entanto, diferem entre si uma vez que o espanhol admite só um grau de abertura intermédia, totalizando três níveis, enquanto o português admite dois, totalizando quatro níveis de abertura. Dentro do sistema fonológico do português é possível encontrar uma vogal semelhante a qualquer das vogais do espanhol, mas o contrário não se verifica. Por essa razão, o português torna-se mais complexo, apresentando contrastes (ausentes no espanhol) entre os dois níveis intermédios.

As vogais do nível intermédio são uma especificidade do português. Elas são [e, ɛ, o, ɔ] e formam oposições nesta língua (por exemplo, em palavras com a mesma grafia, mas com diferente significado) apesar de serem menos claras e pouco produtivas (Mateus, 2014). Isto não ocorre no espanhol, onde uma eventual variação no timbre das vogais médias corresponde a uma caraterística fonética que não altera o significado da palavra.

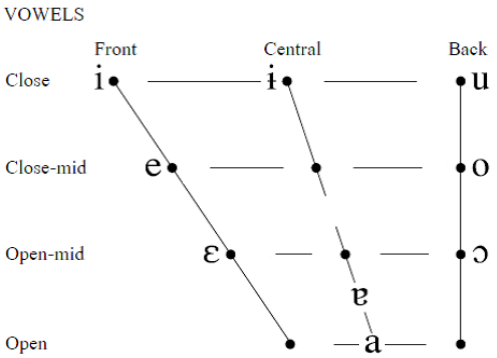
Para mais, as vogais do espanhol têm uma "resistencia a la reducción" (Hualde, 2014: 121). Em sílabas átonas, elas não se reduzem nem desaparecem, ao contrário do que acontece em outras línguas, entre elas o português.

A seguir, apresenta-se uma comparação das vogais de ambas as línguas no nível fonético, tendo como base o alfabeto fonético internacional das vogais descrito pela IPA.

IPA para espanhol



IPA para português



Quadro 5: vogais da IPA para espanhol e português (adaptado de: International Phonetic Association, 2015)

Finalmente, apresenta-se uma comparação de ambos os sistemas no nível fonológico. Para o português, utilizamos Veloso (2016: 658):

(15) O inventário *fonológico* das vogais do português

/i e ɛ a ɔ o u ɐ ɨ /

(16) Correspondência multívoca entre vogais fonéticas e vogais fonológicas em português

/i/	/e/	/ɛ/	/ɨ/	/a/	/ɐ/	/o/	/ɔ/	/u/
[i]	[e]	[ɛ]		[a]		[o]	[ɔ]	
([ɨ])			[ɨ]		[ɐ]			[u]

Quadro 6: vogais fonológicas e fonéticas do português (Veloso, 2016)

Com base no quadro anterior de Veloso (2016), propõem-se as seguintes correspondências para as vogais do espanhol: /i E a O u/

Correspondência unívoca entre vogais fonéticas e vogais fonológicas em espanhol

/i/	/E/	/a/	/O/	/u/
[i]	[e] [ɛ]	[a]	[o] [ɔ]	[u]

Quadro 7: vogais fonológicas e fonéticas do espanhol (adaptado de Veloso, 2016):

A diferença nos graus de abertura intermédia das vogais é uma caraterística intrínseca da língua portuguesa, que apresenta mais sons no seu inventário. A multivocidade é produto dos processos fonológicos que selecionámos para este projeto. No nível subjacente há uma vogal /E/ ou /O/ que, obedecendo a processos gramaticais e derivacionais, resulta numa representação de superfície [ɛ], [e], [ɨ] ou [ɔ], [o], [u] respetivamente. Todavia, existem exceções no caso de palavras do léxico português que apresentam oposições no grau de abertura [aberto2]/[aberto3] mas que não resultam de processos fonológicos, tais como: *sede*, *besta*, *forma*, *cor*, etc. (Veloso, 2016: 644, 649). Para conseguirmos entender as oposições vocálicas do português neste grupo de palavras, não contamos com uma descrição de processos fonológicos que influenciem os graus de abertura das vogais, mas sim com o latim, que apresentava oposições vocálicas. As vogais latinas breves derivaram nas semiabertas, e as vogais latinas longas derivaram nas semifechadas do português. (Veloso, 2016: 644). Para o espanhol, as vogais latinas breves originaram os ditongos [je] e [we] (Hualde, 2014: 73, 115).

Como resultado, para a mesma forma latina, encontram-se representações diferentes em português e em espanhol, que, no entanto, estão ligadas pela mesma regra de evolução: t[ɛ]rra – t[je]rra, e p[ɔ]rta – p[we]rta. Por essa razão, as vogais <e>, <o> do espanhol são qualitativamente mais próximas das vogais médias semifechadas do que das vogais semiabertas do português. Não obstante tal como foi anteriormente referido, as vogais médias do espanhol também podem ser algo mais abertas segundo o contexto (tónico ou enfático ou pragmático) onde se encontrem.

Uma vez descritos os sistemas vocálicos das línguas consideradas neste trabalho, torna-se pertinente apresentar os processos fonológicos existentes na língua portuguesa tentando, quando possível, descrever o mesmo processo na língua espanhola.

1.3. Processos fonológicos

Para este trabalho, foram selecionados três processos fonológicos: a harmonização vocálica (HV), a redução do vocalismo átono (RVA) e o processo de nasalização (NAS).

Por fenómenos fonológicos, entendemos todos os processos que seguem regras sistemáticas e que podem ser aplicados em todo o sistema, desde que as estruturas possuam caraterísticas em comum e permitam estabelecer regras gerais. Matheus et al. (2003: 1009), explicam que os processos fonológicos podem funcionar tanto ao nível lexical como ao nível pós-lexical. Os primeiros admitem exceções às regras gerais, no entanto, o resultado deve estar inserido no sistema da língua. Os segundos, de nível pós-lexical, aplicam-se na sintaxe, não admitem exceções às regras gerais e consideram a palavra em contexto, já que ela pode variar segundo cada dialeto da língua.

Podem encontrar-se três distinções nos processos fonológicos. Processos condicionados (i) pela morfologia (morfologia flexional e derivacional); (ii) pela morfologia e por marcas lexicais relativas à prosódia (posição do acento considerando informação morfológica e lexical); e (iii) por fatores prosódicos (dependem da posição silábica do segmento). Os dois primeiros são lexicais e o terceiro é pós-lexical (Mateus e d'Andrade, 2000).

Apesar de os processos fonológicos estarem sujeitos a regras que podem ser aplicadas em todas as línguas, os mesmos fenómenos não se verificam em todas as línguas, ou assumem formas diferentes. Por esta razão, depois da descrição dos processos fonológicos do português, apresenta-se o que refere a literatura sobre as variações nas vogais do espanhol, à guisa de comparação.

1.3.1. Harmonização Vocálica

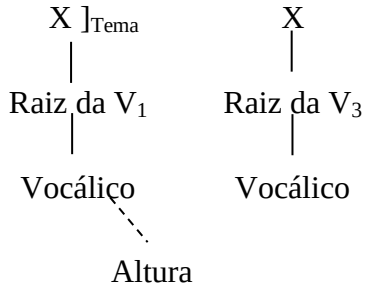
A harmonização vocálica, doravante HV, é um processo fonológico lexical relativo principalmente, mas não só, à flexão verbal.

É um fenómeno presente em todas as variantes de português e consiste na alternância de altura das vogais do radical na conjugação dos verbos, em palavras que têm a merma forma, mas diferente significado, e na flexão nominal.

A HV é um processo de assimilação a nível lexical, pois considera a estrutura interna da palavra, tem exceções arbitrárias e limita-se a uma classe de palavras definida morfologicamente. Corresponde a uma alternância morfofonológica que se pode observar nas formas verbais. Explica-se pela teoria da fonologia autossegmental, pelas características da vogal do radical associada à influência da vogal temática. Segundo Mateus (2003), nas conjugações verbais, a primeira pessoa do singular do presente do indicativo e todas as pessoas do conjuntivo harmonizam por influência da supressão da vogal temática, nos restantes casos , a vogal do radical sofre um abaixamento.

Para haver harmonização, a última vogal do radical (UVR) deve ser acentuada e não especificada, ou seja, deve apresentar os traços de altura [-alto] [-baixo]. Portanto, a vogal do radical deve ser /e/ ou /o/.

Este fenómeno ocorre em duas fases: (i) supressão (ou truncamento, segundo Wetzels, 1991, 1992) da vogal temática em contexto específico (vogal temática + vogal sufixo 1.ª pess.), deixando o seu nó de altura como segmento flutuante; e (ii) assimilação de direita para esquerda dos traços de altura da vogal temática pela vogal do radical. Este processo tem duas restrições: a vogal do radical não pode ser alta /i/, /u/ nem baixa /a/ (Mateus e d'Andrade, 2000).



Quadro 8: Assimilação do traço de altura pela vogal do radical (Mateus, 2003)

Como resultado, na 1ª pessoa do singular, a vogal do radical dos verbos da 1.ª conjugação torna-se baixa: [e] >[ɛ]; [o] > [ɔ]; a vogal do radical dos verbos da 2.ª conjugação torna-se média: [e] > [e]; [o] > [o]; e a vogal do radical dos verbos da 3.ª conjugação torna-se alta: [e] > [i]; [o] > [u]. Vejamos o exemplo dos seguintes verbos com base em Mateus (2003):

1.ª conjugação		2.ª conjugação		3.ª conjugação	
levar	morar	dever	mover	ferir	dormir
l[ɛ]vo	m[ɔ]ro	d[e]vo	m[o]vo	f[i]ro	d[u]rmo

Quadro 9: Abaixamento da vogal do radical na 1.ª conjugação e elevação na 3.ª (Mateus, 2003)

A existência de uma vogal baixa na primeira pessoa do singular deve-se a um processo de harmonização vocálica que resulta da supressão da vogal temática e da assimilação do seu traço de altura. Nos casos em que a vogal não é suprimida, ocorre um abaixamento geral da vogal do radical, quando tónica.

1.ª conjugação		2.ª conjugação		3.ª conjugação	
levar	morar	dever	mover	ferir	dormir
l[ɛ]vo	m[ɔ]ro	d[e]vo	m[o]vo	f[i]ro	d[u]rmo
l[ɛ]vas	m[ɔ]ras	d[ɛ]ves	m[ɔ]ves	f[ɛ]res	d[ɔ]rmes
l[ɛ]va	m[ɔ]ra	d[ɛ]ve	m[ɔ]ve	f[ɛ]re	d[ɔ]rme
l[ɛ]vam	m[ɔ]ram	d[ɛ]vem	m[ɔ]vem	f[ɛ]rem	d[ɔ]rmem

Quadro 10: Alternância de altura nas 2.ª e 3.ª conjugações (Mateus, 2003)

No entanto, dadas as características da vogal do radical, este fenómeno não se verifica quando a última vogal do radical é baixa ou alta (por exemplo -AR: cantar, pintar, lutar, etc.; -ER: bater, viver, etc.; -IR: partir, fingir, sumir, etc.), uma vez que nestes casos, a aplicação das regras da HV, resultariam em palavras que fogem ao inventário vocálico do português (tais como *b[ʌ]to ou *p[ɨ]rto). Assim, a harmonização vocálica atende ao Princípio de Preservação da Estrutura demostrando-se fiel ao sistema fonológico do português.

Outro caso de HV é o que se dá na relação entre verbos e nomes com o mesmo radical. Especificamente a alternância morfofonológica (AMF) entre verbos da primeira conjugação cuja última vogal do radical derivacional (UVRD) é /E/ ou /O/ subespecificados, e nomes com tema em /u/.

Nestes casos, o grau de abertura da UVRD aproxima-se ao grau de abertura do marcador temático, melhor ilustrado no esquema de Veloso (2016) a seguir:

/E v O/ $_{\text{UVRD}}$ & MT_[aberto4]$_{\text{(Verbo_1ªConjug: MT=/a/)}}$ → [ɛ v ɔ]$_{\text{UVRD}}$_[aberto3]
/E v O/ $_{\text{UVRD}}$ & MT_[aberto1]$_{\text{(nome: MT=/u/)}}$ → [e v o]$_{\text{UVRD}}$_[aberto2]
(&= combinação de raiz derivacional com marcador temático teórico, foneticamente expresso ou omitido)

Quadro 11: AMF entre verbos e nomes (Veloso, 2016)

Exemplos:

/E/	
/a/	/ /
Eu gov[ɛ]rno	O gov[e]rno
Eu [ɛ]rro	O [e]rro
Eu despr[ɛ]zo	O despr[e]zo

/O/	
/a/	/u/
Eu ch[ɔ]ro	O ch[o]ro
Eu alm[ɔ]ço	O alm[o]ço
Eu j[ɔ]go	O j[o]go

Quadro 12: HV da UVRD e marcador temático verbal /a/ e nominal /u/ (adaptado de Veloso, 2016)

Contudo, essa oposição entre [ɛ]/[e] e [ɔ]/[o] pode ser neutralizada por [ɨ] e [u], respetivamente, quando a vogal do radical fica em posição átona. Isto corresponde a uma redução do vocalismo átono e será explicada na secção 1.3.2. seguinte

A seguir, apresentam-se exemplos de palavras com alternâncias morfofonológicas cuja vogal radical sofre mudança da sílaba tónica. O diacrítico ´ antecede à sílaba tónica.

Exemplos:

/E/		
/a/	/u/	
go´v[ɛ]rno	go´v[e]rno	gov[ɨ]rna´ção
´s[ɛ]lo	´s[e]lo	s[ɨ]´lar
des´pr[ɛ]zo	des´pr[e]zo	despr[ɨ]´zível

/O/		
/a/	/u/	
´ch[ɔ]ro	´ch[o]ro	ch[u]ramin´gar
al´m[ɔ]ço	al´m[o]ço	alm[u]ça´deira
´j[ɔ]go	´j[o]go	j[u]´gada

Quadro 13: HV e RVA em verbos, nomes e palavras derivadas (adaptado de Veloso, 2016)

Também podemos encontrar alternâncias morfofonólogicas e, portanto, harmonização vocálica, na flexão nominal de nomes em tema /u/. Estes casos se conhecem como plurais metafónicos, e correspondem a nomes com vogal tónica /O/ cujo plural resulta em alteração do timbre.

Quando a última vogal do radical flexional é /O/ tónica, o nome alterna entre [o] para o singular e [ɔ] para as formas plural e femininas, por influência da vogal temática postónica, tal como no exemplo anterior. Este processo encontra uma explicação na sincronia, uma vez que, por influência da vogal final, a vogal latina breve sofreu uma elevação que terá criado a diferença entre as formas singular e plural. No entanto, em

estudos práticos realizados tanto para o PE (Ribeiro, 2018) como para o PB (Gomes e Manoel, 2010) ficou demostrado que os falantes nativos nem sempre reproduzem corretamente este tipo de plurais, por um lado, por serem reduzidos em número em comparação ao plural regular e, por outro lado, por não serem resultado de um processo atual da língua.

/O/			
/u/	/a/		
n[o]vo	n[ɔ]vos	n[ɔ]va	n[ɔ]vas
s[o]gro	s[ɔ]gros	s[ɔ]gra	s[ɔ]gras

Quadro 14: HV da última vogal do radical flexional (Veloso, 2016)

Finalmente, importa mencionar o que se entende por harmonização vocálica no Português Brasileiro Contemporâneo (PBC). Wetzels (1991, 1992), comparando as vogais médias das formas verbais do presente do indicativo e do presente do conjuntivo entre si, e entre os nomes e adjetivos que derivam delas, verifica um fenómeno de harmonização. Para este autor, a HV aplica-se na conjugação verbal, onde a vogal da raiz assimila a altura da vogal temática subjacente, como visto anteriormente. Segundo Wetzels, a HV envolve uma classe de palavras definida morfologicamente.

Por outro lado, Bisol (2013, 2015), defende que a HV acontece em qualquer classe de palavras desde que se conjuguem os seguintes fatores: vogal média em sílaba átona, seguida de vogal alta em sílaba tónica. Neste caso, a vogal média adquire a elevação da vogal em sílaba tónica que está imediatamente a seguir. Apesar de este ser um processo de assimilação regressiva, coincidente com o descrito por outros autores, neste caso não se consideram as alternâncias morfofonológicas.

De acordo com Bisol, a HV no PBC obedece a duas regras, uma de grau de abertura e outra de proximidade: (i) Um grau de diferença entre a sonoridade das vogais: a vogal alvo é uma vogal média e a vogal gatilho é uma vogal alta; e (ii) as vogais devem estar em sílabas sucessivas. O resultado é a elevação da átona pretónica impulsada pela alta tónica: [o]→[u] e [e]→[i]. Por exemplo, a palavra *menina* no PBC pode ser pronunciada como m[i]´nina; e a palavra *bonito*, como b[u]´nito.

Comparando o PEC com o PBC, é possível dizer que em ambos os casos, a harmonização vocálica é motivada pelo contexto especifico da vogal harmonizada e da vogal que desencadeia o processo de assimilação regressiva. No entanto, a primeira

variante aplica a HV especificamente a verbos e nomes como consequência de uma alternância morfofonológica. Na segunda variante, a HV pode ser aplicada a qualquer tipo de palavra, independentemente da classe e sem considerar as alternâncias morfológicas, desde que cumpra com as regras contextuais das vogais explicadas por Bisol (2013, 2015). Pelas razões acima expostas, pode dizer-se que o PEC tem um processo de HV consolidado, enquanto no PBC está ainda em mudança, com "estatuto de regra moderado" (Bisol, 2015), facto confirmado pela coexistência de duas formas fonéticas para *menina:* pronunciada como m[e]nina e m[i]nina, ocorrência que, por sua vez, depende de fatores como a variante diatópica dentro do Brasil.

O processo de HV decorrente de alternâncias morfofonológicas não ocorre no espanhol, uma vez que esta língua apresenta um sistema vocálico mais estável do que o português. O que acontece no espanhol durante a derivação morfológica é uma ditongação da sílaba tónica.

Apesar de o presente trabalho não ter como foco a morfologia, não pode ser ignorada a estreita relação existente entre os níveis morfológico e fonológico. Por esta razão, torna-se pertinente compreender o que acontece na derivação morfológica em espanhol, o que permitirá perceber por que razão não existem contrastes entre vogais médias nesta língua.

As alternâncias morfofonólogicas estão delimitadas a certas palavras, ou seja, aparecem entre morfemas de palavras de uma mesma família, sobretudo na flexão e na derivação.

Relativamente às formas verbais do espanhol, muitas não sofrem mudança na vogal da raiz quando conjugadas, no entanto, em alguns casos quando a sílaba da forma verbal é tónica, surge um ditongo. Quando a sílaba é átona, aparece uma vogal simples.

Com intuito de estabelecer uma comparação entre as duas línguas, português e espanhol, tomam-se como exemplos alguns verbos já abordados na análise de HV em português: *ferir* e *dormir*. Em espanhol, estes verbos conjugam-se da seguinte forma: *yo hiero, tu hieres,* mas *nosotros herimos*; *yo duermo, tu duermes,* mas *nosostros dormimos*; etc.

Esta alternância morfofonológica ditongo/vogal está condicionada pela posição do acento, já que, como vemos, o ditongo aparece na sílaba tónica (Hualde, 2014:191) e reduz-se a vogal quando o acento passa para outra sílaba. Tal como em português, esta alternância aparece no presente do indicativo e no presente do conjuntivo.

No que diz respeito à flexão nominal e adjetival, em espanhol podemos encontrar as mesmas alternâncias ditongo/vogal, segundo a posição do acento: es. *tierra – terreno, puerta – portal; gobierno – gobernación, fuego – fogoso.*

Pode-se, então, inferir que para a vogal da raiz tónica em português aparece uma vogal aberta e no espanhol um ditongo. Para as vogais átonas o português apresenta vogal fechada e o espanhol, vogal simples.

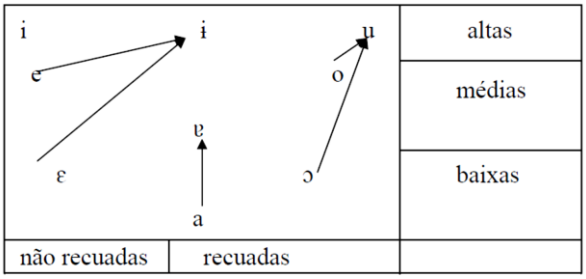
Relativamente à flexão de género e número, não se identificam mudanças das vogais em espanhol, pois /a/ e /o/ marcadoras de gênero não originam alternâncias no timbre. A vogal marcador de classe, quase sempre em posição final de palavra, nunca carrega o acento, portanto, a sua eliminação não acarreta consequências gramaticais. Já o português cria alternância entre [o] e [ɔ] pela abertura provocada pela vogal temática feminina.

É possível concluir que a morfologia do português provocou mais mudanças em comparação com a do espanhol, estando isso refletido nas produções fonológicas. Por um lado, no caso dos verbos, a vogal temática é sempre tónica e desaparece em algumas conjugações deixando o seu traço de altura, que será assimilado pela última vogal do radical, ou seja, harmoniza. No espanhol, o desaparecimento da vogal do radical não implica deixar o traço de altura, mas sim a ditongação da vogal da sílaba tónica. Por outro lado, na flexão nominal o espanhol não apresenta alternâncias fonológicas causadas pela vogal final, ao contrário do que acontece no português, onde ocorrem alternâncias.

1.3.2. Redução do Vocalismo Átono

A redução do vocalismo átono, doravante RVA, é um processo fonológico lexical que considera o timbre das vogais acentuadas e das átonas. Sobre este processo, Mateus et al. (2003: 1010) afirmam que as vogais tónicas têm o mesmo valor que as vogais fonológicas. As vogais átonas sofrem alteração nos traços distintivos aquando da realização fonética, ou podem ser suprimidas mais facilmente do que as pretónicas. Essa alteração resulta em dois processos: um de elevação, no eixo vertical; e outro de recuo, no eixo horizontal. Como resultado, de acordo com Mateus et al (2003: 1012), as vogais baixas e médias passam a altas, e a central baixa também se eleva. Também ocorre mudança na posição no eixo horizontal, o que faz com que as vogais recuem da sua posição original. As vogais altas não sofrem RVA, uma vez que não podem ser mais altas e, por natureza, são menos audíveis do que as outras.

No esquema a seguir, podemos ver o funcionamento da RVA, que produz alteamento da vogal baixa e alteamento e recuo das vogais médias.



Quadro 15: Aplicação das regras fonológicas de elevação e de recuo (Mateus, 2001).

Os processos morfológicos de derivação, como a mudança de categoria gramatical de uma palavra, afetam o léxico e mudam o timbre da vogal acentuada, razão pela qual são também designados por alternâncias morfofonológicas (AMF). Desta forma, as vogais subjacentes podem ocorrer com diferentes graus de abertura no nível de superfície. Em palavras derivadas da mesma raiz, contrastam uma "vogal de timbre mais aberto em posição tónica com uma vogal mais alceada e mais posteriorizada em posição átona. Este fenómeno – redução do vocalismo átono (RVA) – explica, de facto, que muitas vogais de superfície correspondam, no nível subjacente, a vogais fonológicas com mais um ou dois graus de abertura." (Veloso, 2012: 235).

O processo de derivação provoca uma mudança de lugar do acento da palavra. Por exemplo, na palavra *mel* o <e> carrega o acento e é pronunciado como [ɛ]. Na derivação, na palavra *melado* esse <e> é pronunciado como [ɨ], devido à mudança da sílaba tónica. Quando <e> carrega o acento é aberto, mas quando não carrega o acento, reduz-se.

Como exemplos de AMF que produzem RVA, podemos ver as seguintes palavras retiradas de Mateus et al. (2003: 1011):

Vogais tónicas	Vogais átonas
dedo [e]	dedada [ɨ]
festa [ɛ]	festejo [ɨ]
gato [a]	gatinho [ɐ]
porta [ɔ]	porteira [u]
fogo [o]	fogueira [u]

Quadro 16: Mudança nas realizações fonéticas das vogais da raiz tónicas e átonas (Mateus et al., 2003)

Apesar de existirem regras gerais de vocalismo átono, há alguns contextos fonético-fonológicos que não respondem a estas regras e que as inibem, fazendo com que as vogais átonas não se reduzam nem recuem. Por se tratar de exceções regulares ou marcadas no léxico, é possível limitá-las a oito contextos, com base em Mateus et al. (2003: 1013-1016) e Veloso (2016: 654-655):

a. Em início absoluto de palavra: /e, ɛ/ nunca são realizadas como [ɨ]; as vogais recuadas não são obrigatoriamente reduzidas para [u]. Exemplos: *ermida* [e]rˈmida; *olhar* {[o]/[ɔ]/[u]}ˈlhar.

b. Em ditongo decrescente. Exemplos: *flauta* ˈfl[aw]ta, *flautista* fl[aw]ˈtista; *coisa* ˈ[koj] sa, *coisinha* [koj]ˈsinha.

c. Antes de [ɬ]. Exemplos: *relva* ˈ[ʀɛɬ]va, *relvado* [ʀɛɬ]ˈvado; *golpe* ˈ[gɔɬ]pe, *golpear* [gɔɬ]ˈpear.

d. Em sílaba final de palavra terminada por soante segmental ou por coda ramificada excecional. Exemplos: *revólver* reˈvólv[ɛ]r; *abdómen* abˈdóm[ɛ]n; *plâncton* ˈplânct[ɔ]n; *córtex* ˈcórt[ɛ]x; *fórceps* ˈfórc[ɛ]ps.

e. Em palavras formadas com os sufixos -mente ou z-avaliativos. Exemplos: *rapidamente* ˌr[a]pidaˈmente; *cafezinho*: caˌf[ɛ]ˈzinho.

f. Nos casos de vogais descendentes de hiatos medievais, na sua maioria resultantes da síncope histórica de consoante latina intervocálica. Exemplos: *padeiro* lat. PA[n]ATARIUM > pt. med. p[aa]deiro > p[a]ˈdeiro; *caveira* lat. CA[l]AVARIAM > pt. med. c[aa]veira > c[a]ˈveira.

g. Em casos de oscilação/variação em curso. Exemplos: *mestrado* m{[ɛ,ɨ]}sˈtrado; *ingenuidade*: ing{[ɛ,ɨ]}nuiˈdade.

h. Em exceções lexicalmente marcadas. *economia*: ec[ɔ]noˈmia; *inflação*: infl[a]ˈção; *invasão*: inv[a]ˈsão.

Devido ao número de exceções e de neologismos constantemente em integração na língua portuguesa e que não sofrem RVA, é possível afirmar que este processo está em retrocesso. Quer isto dizer que nos casos em que, num estádio anterior da língua, eram aplicadas as regras, atualmente para os mesmos contextos, não são aplicadas.

Finalmente, destacamos que a RVA é tanto um processo fonológico como fonético, dado que, por um lado, na posição átona neutraliza os contrastes vocálicos que se manifestam na posição tónica e, por outro lado, reduz na posição átona o número de articulações fonéticas possíveis (Veloso, 2016: 650).

Cabe mencionar que este processo é referido no PBC, por Bisol (2013, 2015) como harmonização vocálica, como descrito em 1.3.1.

Dado que o processo de RVA, como o seu nome o indica, considera a diferença de timbre entre vogais tónicas e átonas, consideramos pertinente abordar este fenómeno no caso espanhol, partindo de uma comparação entre o timbre e a duração das vogais.

Segundo Silva-Fuenzalida (1953) e Pereira e Soto-Barba (2011), no espanhol, a duração das vogais tónicas e átonas varia levemente. Tal facto pode ser reflexo de uma variável pragmática, relacionada com o maior ou menor tempo utilizado para a produção de fala, ou pode considerar fatores diatópicos e diastráticos. As vogais tónicas e átonas podem aparecer em variação livre, sobretudo, na fala expressiva ou enfática.

A maior ou menor duração das vogais vai depender do facto de se encontrarem em sílaba tónica ou átona respetivamente, no entanto, a diferença na qualidade é tão pequena que não chega a estabelecer contraste entre fonemas do espanhol e, portanto, não tem valor fonológico nesta língua.

As vogais do espanhol mantém a sua tensão articulatória caraterística em qualquer contexto. Apesar de as vogais átonas serem mais fracas, elas nunca se debilitam ao ponto de reduzir (ou desaparecer) tal como no português e noutras línguas, como exemplo disso, referimos a palavra es. *oportunidad* [oportuniðáð] (Alba, 2001:105).

Quando agrupadas por duração e abertura, verifica-se que: as vogais altas têm uma duração semelhante entre elas (por volta dos 60 milissegundos) que é inferior aos outros dois níveis; que as médias também são comparáveis entre si (por volta dos 64 milissegundos); e que a vogal que tem uma maior duração é a central baixa [a].

	x (ms)	dt	n
[a]	69,63	17,08	94
[e]	64,95	15,51	94
[i]	60,66	14,96	95
[o]	64,15	15,42	96
[u]	60,93	14,98	61

Quadro 17: Valores médios de duração das vogais em todos os seus contextos de aparição. (Marín Gálvez, 1994-1995)

Marín Gálvez (1994-1995) confirma que o espanhol é uma língua com três níveis de gradação na abertura vocálica e determina que a abertura é diretamente proporcional à duração.

O mesmo autor compara a duração das vogais acentuadas e não acentuadas, concluindo que efetivamente existe uma diferença entre elas, influenciada pelo contexto: acento, posição na sílaba, natureza da consoante seguinte, posição na frase, etc., mas que não é distintiva. Martínez Celdrán (1995) refere que a mudança de articulação de uma vogal é uma adaptação mecânica ao contexto sem consequências na percepção.

Outro fenómeno envolvendo as vogais, referido na seção 1.1, é a neutralização das oposições fonológicas /e/, /i/ e /o/, /u/, por exemplo: es. pas[i]ar por *pasear*; t[i]atro por *teatro*; c[u]ete por *cohete*. Consideramos importante reiterar esta caraterística, uma vez que consiste na mudança de categoria de uma vogal provocada pelo contexto, no entanto, neste processo de assimilação, a posição do acento não é o desencadeador principal.

Esta assimilação na língua espanhola não possui o estatuto de processo, todavia, e ao contrário do esperado para o português, carrega um estigma social. Esta ideia é sustentada por Vaquero de Ramírez (1998: 12) ao classificá-las como manifestações da fala rústica e vulgar e por Hualde (2014: 78, 291) que classifica a redução de [ea] para [ia] como um processo de redução vocálica da fala coloquial.

O estigma social associado à mudança de articulação das vogais foi comprovado empiricamente por Salamanca e Valverde (2009), que no seu estudo concluíram que a anteriorização e posteriorização das vogais do espanhol chileno está associada às variantes estigmatizadas e prestigiosas da língua, respectivamente.

É possível concluir que existe uma diferença na pronúncia das vogais tónicas e átonas nas duas línguas. As vogais átonas em português diferenciam-se das tónicas porque sofrem o fenómeno de redução do vocalismo átono, que resulta da aplicação das regras gerais de alteamento e recuo das vogais; a raiz disto, as vogais baixa e médias passam a ter uma articulação diferente: mais alta na cavidade oral. Este processo fonológico tem como resultado representações de superfície diferentes para as vogais subjacentes, que pertencem ao inventário fonético do português.

Por outro lado, apesar de se identificar uma alternância no timbre e na duração das vogais átonas em espanhol, não se verifica uma representação de superfície

diferente do som. Assim, a mudança no português é fonológica, enquanto no espanhol é de caráter fonético.

Vários autores (Marín Gálvez, 1994-1995; Martínez Celdrán, 1995; Pereira e Soto-Barba, 2011; Silva-Fuenzalida, 1953; Vaquero de Ramírez, 1998: 21) concordam que a pronúncia dos sons vocálicos articulados de formas diferentes provocada pela tonicidade não envolve mudança de significado.

É importante destacar que os sistemas vocálicos tónico e átono do português são diferentes e apresentam diferentes quantidades de vogais, enquanto o espanhol mantém sempre o mesmo sistema vocálico independente da tonicidade. Nele as vogais são sempre claras e não se reduzem. A redução vocálica em sílabas átonas é caraterística de línguas como o francês e o português.

Por aplicação da RVA, o português em posição átona tem 3 vogais como representações de superfície, enquanto no espanhol, língua que carece desse fenómeno, mantém-se as mesmas 5 vogais fonológicas em qualquer posição.

O quadro a seguir, representa as correspondências entre vogais subjacentes e de superfície retiradas de Veloso (2013). As correspondências em espanhol têm por base o mesmo modelo.

Subjacente PEC	/i/	/e/	/ɛ/	/a/	/ɔ/	/o/	/u/
Superfície tónicas PEC	[i]	[e]	[ɛ]	[a]	[ɔ]	[o]	[u]
Superfície átonas PEC	[ɨ]	[ɨ]	[ɨ]	[ɐ]	[u]	[u]	[u]

Veloso (2013)

Subjacente espanhol	/i/	/E/	/a/	/O/	/u/
Superfície tónicas e átonas	[i]	[e] [ɛ]	[a]	[o] [ɔ]	[u]

Quadro 18: Correspondência entre vogais subjacentes e vogais de superfície tónicas e átonas em português e espanhol (proposta baseada em Veloso, 2013)

1.3.3. Nasalização

A nasalização, doravante NAS, é um processo fonológico lexical, onde o traço de nasalidade incide sobre a vogal e a torna nasal. As sete vogais que se manifestam em posição tónica, por neutralização passam a cinco no contexto nasal, priorizando as

médias altas: [ĩ, ẽ, ã, õ, ũ]. A nasalidade em português pode aparecer tanto em sílaba tónica como em átona (sendo que as tónicas nasalizam mais facilmente) e tem uma função distintiva. Foneticamente, estabelece contrastes com as vogais orais e forma pares mínimos, tais como: *linda-lida, tumba-tuba, senda-seda, lomba-loba, canta-cata* (Bisol, 2016).

Mateus (1975: 43-71) apresenta todas as condições nas quais pode dar-se a nasalidade vocálica: contexto com consoante nasal; ditongo nasal em substantivos e terminações verbais; derivação; plurais, entre outros; e estabelece um conjunto de regras de nasalização. Define, ademais, três graus de nasalização: forte, menos forte e fraca. A primeira corresponde à nasalização de vogal antes de consoante nasal suprimida, por exemplo: *pão* e *bem*. A segunda alude à vogal nasal assimilada à consoante seguinte, em palavras como *antes* e *ombro*. Finalmente, a nasalização fraca da vogal é quando esta aparece antes de consoante nasal não suprimida nem assimilada, em palavras como *ano* e *cama*.

Este processo é comum a ambas as variantes do português, tanto o PB como o PE apresentam as mesmas vogais nasais em sílaba tónica, por exemplo: *canto, entre, cinco, irmã, fim, bom*, etc. e átona: *cantar, entrar, findar*, etc. (Mateus e d'Andrade, 2000).

De acordo com Moraes e Wetzels (1992), existe uma nasalidade contrastiva e uma nasalidade alofónica. A primeira aparece em sílaba travada em palavras como *campo* [kãmpo], a segunda corresponde a uma consoante nasal intervocálica: *cama* [kãma] onde o traço nasal se espalha à vogal anterior. Neste último caso, a nasalidade pode variar segundo a posição do acento, a natureza da consoante nasal e o dialeto, enquanto no primeiro, a nasalização contrastiva acontece em qualquer posição dentro da palavra.

Segundo Bisol e Veloso (2016: 82), o debate entre a interpretação da nasalidade como fonética ou fonológica está ainda em curso. Há duas interpretações sobre a nasalidade das vogais em português originadas pelas três formas de pronunciar um segmento nasal, principalmente no PB. A primeira forma de interpretação afirma que a nasalidade é contrastiva nas vogais (/Ṽ/ vs. /V/) e que, portanto, a vogal nasal é um segmento do sistema vocálico. Esta interpretação é designada por monofonêmica (Moraes e Wetzels, 1992).

A outra forma de interpretação define a nasalização como uma representação bifonémica, que consiste numa sequência de vogal oral seguida de uma consoante nasal

tautossilábica, ou seja, /VN/. Esta é a análise mais desenvolvida como atestado por diversos autores (Bisol, 2016; Bisol e Veloso 2016; Mateus e d'Andrade, 2000).

A nasalidade em português pode aparecer tanto em vogais simples, quanto em ditongos, em ambos os casos, com propriedades distintivas (*pão*/*pau*). Os ditongos nasais podem ser derivados de uma sequencia /VN/ e lexicais, neste último caso a vogal temática pode ser /a/ ou /o/.

Quando comparamos o estatuto fonológico da nasalidade do espanhol com a do português, podemos ver que em ambas as línguas as vogais nasais correspondem às vogais orais, seguidas de um segmento nasal, quando estão em posição pós-nuclear em palavras como *tinta*, *compra.* No entanto, a grande diferença é o estatuto que ambas as línguas outorgam a este processo. Enquanto na lingua portuguesa a nasalidade é fonológica, pois é capaz de estabelecer pares mínimos, no espanhol é considerada como alofónica, apenas motivada pelo contexto (de consoantes nasais) e incapaz de estabelecer contrastes fonológicos com as vogais orais.

Tal como definido por Morales e Lagos (2000: 19), a nasalidade em espanhol é uma caraterística fónica irrelevante ou não distintiva, carece de uma função diferenciadora de signos, é desnecessária para estabelecer oposições fonológicas e, portanto, não estabelece diferenças de significado nesta língua. Ou seja, emitir um <a> de forma nasal ou oral, e dizer es. *mano* como [mano] ou [mãno] é completamente irrelevante para o significado veiculado pela palavra. Com este exemplo, podemos concluir que o fonema espanhol /a/ em contextos nasais, pode ter um alofone nasal [ã]. Este fenómeno pode ser generalizado a todos os outros fonemas vocálicos.

Pode realizar-se uma vogal nasal, em espanhol, em três contextos: (i) depois de consoante nasal, (ii) entre consoantes nasais, como em es. *mano* e (iii) antes de consoante nasal, na mesma sílaba como em es. *antes.* Podemos ver representada a alofonia nasal no esquema a seguir:

fon	alóf	contexto	ejemplos
/a/	[ã]	[+nas] _ $ [+nas]	[mãnø] /máno/
		# _ [+nas] $ C	[ãntes] /ántes/
	[a]	en los demás casos	[pára] /pára/

Quadro 19: Relação entre fonema e alofone nasal (Morales e Lagos, 2000: 20)

Contudo, não é consensual entre os teóricos a ideia de que as realizações nasais das vogais sejam alofones. Alguns autores consideram a nasalidade como uma assimilação (Salamanca, Figueroa e Cifuentes, 2011) ou como uma coarticulação (Román, s.d.) provocada pelo contexto nasal, uma vez que a vogal não poderia ser articulada de outra maneira.

Sobre a nasalidade, podemos ainda referir que os alofones nasais não são destacáveis na variante es-CL, onde se encontram 9: /i/: [i, j,ɪ]; /e/: [e]; /a/: [a]; /o/: [o] e (u/: [u , w, ʊ]. Ao contrário do que acontece na variante espanhola, onde são considerados como alofones e contribuem para que o inventário fónico vocálico do espanhol peninsular ascenda a 17 representações , como se pode apreciar a serguir no inventrátio de Borland (2004).

Español tradicional		Habla culta de Santiago	
Fonema	Alófonos	Fonema	Alófonos
/i/	[i, j, i̯, ĩ]	/i/	[i, j, ɪ]
/e/	[e, e̯, ẽ]	/e/	[e]
/a/	[a, ɑ, ã]	/a/	[a]
/o/	[o, o̯, õ]	/o/	[o]
/u/	[u, w, u̯, ũ]	/u/	[u, w, ʊ]

Quadro 20: Variación alofónica tradicional del español y la del habla culta de Santiago de Chile, Borland (2004)

Pelas caraterísticas acima expostas é possível afirmar, em primeiro lugar, que a nasalidade em português é fonológica, enquanto no espanhol é alofónica (Morales e Lagos, 2000:19). Podemos comprovar estes estatutos diferentes com o seguinte exemplo: Quando um falante de espanhol pronuncia a palavra es. *lana*, pode apresentar ou não uma nasalização da vogal baixa provocada pelo contexto nasal. No entanto, a mesma palavra em português, *lã*, deve ser pronunciada com a nasalidade caraterística, pois se não for assim, obtém-se outro significado: a palavra *lá*. Vemos que, a opção oral/nasal não envolve mudança de significado em espanhol.

Em segundo lugar, em espanhol não há supressão da consoante nasal intervocálica e, portanto, não há ditongos nasais. Comparem-se as formas do português e do espanhol: *pão/pães* e *pan/panes*; *irmão/irmãos* e *hermano/hermanos*, etc. Como explicado por Mateus (1975: 46-52) e por Bisol e Veloso (2016: 81-82) a derivação deste tipo de palavras mostra a supressão da consoante nasal intervocálica, que deixa o seu traço de nasalidade com a consequente formação de ditongo nasal.

Capítulo 2. Metodologia

O objetivo deste capítulo é descrever a metodologia de trabalho utilizada no desenvolvimento desta investigação, desde a seleção e justificação das amostras selecionadas, ao desenho e aplicação do instrumento de recolha de dados.

O capitulo organiza-se em 3 secções corespondentes com as etapas da investigação. Assim, a primeira secção apresenta uma descrição detalhada dos participantes; seguidamente, apresenta-se a descrição do desenho dos instrumentos de recolha de dados; e na secção final descreve-se o processo de aplicação dos instrumentos.

2.1. Participantes

Para este estudo foram selecionados dois grupos de participantes que têm como caraterística principal serem falantes nativos de espanhol que aprendem ou trabalham com português e que, portanto, estão em contato com ambas as línguas. Foi pedido aos participantes que lessem um conjunto de frases em português que seriam analisadas de seguida.

O primeiro grupo da amostra é constituído por estudantes de língua portuguesa de nível intermédio-avançado da Universidade de Santiago do Chile. O segundo grupo da amostra é composto por profissionais da língua portuguesa que desempenham funções de docência universitária, em áreas como a tradução e a interpretação, ensino de língua e pesquisa, e portanto, são considerados como altamente qualificados para trabalhar com o par espanhol-português.

Para facilitar a identificação, referir-nos-emos à primeira amostra como “amostra de estudantes” e à segunda como “amostra de académicos”.

Foi ainda considerado um terceiro grupo na amostra, com o objetivo de estabelecer parâmetros de referência não só teóricos, mas também práticos, que sustentassem a teoria. Esta amostra é constituída por um falante nativo de português.

Tomando por referência as características dos vários grupos da amostra, é expectável que tanto os estudantes de português de nível intermédio-avançado, como os académicos que trabalham há vários anos com a língua portuguesa, dominem um amplo leque de atributos da língua, que possuam conhecimentos de gramática, de sintaxe, e que tenham um bom desempenho nas áreas de fonética/fonologia da L2.

À partida, dado o tempo e nível de contato com a LP, poderíamos esperar um melhor desempenho na produção de sons, por parte da amostra de académicos.

A seguir, caracterizam-se cada um dos grupos da amostra.

2.1.1. Amostra de estudantes

A amostra de estudantes é constituída por estudantes universitários de nível intermédio-avançado da Licenciatura em Linguística Aplicada à Tradução (LAT), da Universidade de Santiago do Chile (Usach). A seleção desta amostra é justificada pela sua pertença a um contexto de aprendizagem formal de língua portuguesa. LAT corresponde a uma licenciatura de cinco anos, conducente ao título de tradutor profissional português-espanhol. Na referida instituição, o ensino de língua diferencia-se de outros cursos de português, pela abordagem teórica e prática do conteúdo, com foco na compreensão detalhada da gramática, semântica, tradução, e oralidade da língua portuguesa. O fim último da licenciatura na Usach é a formação de tradutores profissionais que contribuirão com a divulgação, tradução e interpretação da língua portuguesa.

A amostra contempla 12 sujeitos, dos quais 9 são mulheres e 3 são homens. A cada participante foi solicitada a leitura e assinatura de um Termo de Consentimento para a elaboração do corpus oral. Os alunos estavam divididos da seguinte maneira: 5 frequentam o terceiro ano da licenciatura; 1 frequenta o quarto ano da licenciatura; e 6 frequentam o quinto ano da licenciatura. Para efeitos de análise, agruparam-se os elementos da amostra, em três grupos, correspondentes aos três anos de licenciatura que frequentam: Terceiro ano, Quarto ano e Quinto ano.

Apesar de a LAT ter uma duração de cinco anos, para este estudo foram selecionados alunos a partir do 3.º ano, uma vez que, neste nível, os alunos já estudaram na licenciatura durante os 2 primeiros anos as disciplinas de: língua portuguesa (níveis I-IV), fonética e fonologia portuguesa, comunicação oral em português, além de cultura em língua portuguesa. Todas essas disciplinas são lecionadas completamente em português. Ou seja, além do estudo sistemático da língua, os alunos possuem já um contato com a oralidade em sala de aula de forma constante, pelo que este grupo de alunos terá já atingido (pelo menos teoricamente) o nível B2.

Não foram considerados os alunos do 1º e 2º ano da licenciatura, por se considerar que poderiam ter maior interferência da língua materna e por não terem ainda

atingido o nível mínimo desejado para este estudo pelo facto de não possuirem ainda os conhecimentos de base que se adquirem nos primeiros anos desta formação académica.

Considera-se que o perfil dos alunos da "amostra de estudantes" é o mais adequado para responder aos objetivos deste trabalho, uma vez que, por terem frequentado unidades curriculares dedicadas à fonética e comunicação oral em português que abrangem áreas como audição, transcrição, análise e produção oral de LP, serão capazes de reproduzir sons caraterísticos da língua de estudo sem interferências da língua materna

À amostra de estudantes foi solicitado que desempenhassem tarefas de leitura 1 e leitura 2. Foi ainda solicitada a resposta a um inquérito on-line.

2.1.2. Amostra de académicos

A amostra de académicos é constituída por seis sujeitos cuja língua materna é o espanhol, e que exercem funções enquanto académicos, trabalhando em tradução, interpretação, e docência universitária com as línguas espanhola e portuguesa. Dos 6 participantes, dois são mulheres e quatro são homens. Três académicos da amostra residem em Espanha, e os restantes três residem em Portugal. Para efeitos de análise entre os componentes da amostra, a mesma será dividida em dois grupos, correspondentes com o local de residência: Académicos em Espanha e Académicos em Portugal.

O âmbito de atuação do grupo de académicos é semelhante. O grupo é constituido por licenciados em tradução e interpretação; filologia românica e clássica; em estudos portugueses e espanhóis, línguas e literaturas modernas variante português-espanhol. São profissionais que traduzem (obras literárias, e textos jurídicos), interpretam e dão aulas não só nessas áreas como também de língua e cultura portuguesas. Alguns elementos da amostra de académicos possuem mestrados em tradução, doutoramentos em filologia, estudos literários comparados português-espanhol. Alguns elementos são, ainda, coordenadores de centros de avaliação de português língua estrangeira, entre outros. Todos os académicos que compõem a amostra são investigadores e autores de publicações sobre as suas pesquisas.

Considerando este perfil, a nossa hipótese inicial é que a amostra de académicos, pelo facto de ter uma alta frequência de uso e maior tempo de exposição à LP, apresente melhor desempenho na produção de sons da língua portuguesa, quando comparados com a amostra de estudantes.

Tendo em consideração a sua experiência de trabalho em contextos profissionais e formais com a LP, espera-se que tenham a formação e a prática suficientes para por um lado, perceber as diferenças fonéticas, sobretudo no que concerne a sons que diferem da sua língua materna, e por outro lado, conseguir reproduzir oralmente os sons da LP.

Foi solicitado à amostra de académicos, que desempenhasse a tarefa de leitura 1.

2.1.3. Amostra de nativos

Foi selecionada uma terceira amostra com intuito de obter um parâmetro de medição. Considerou-se que a pesquisa beneficiaria de um corpus de produções por parte de nativos que, aliado ao enquadramento teórico de referência sobre produção de vogais, permita estabelecer comparações com as produções das outras duas amostras. Assim, o estudo conta com um grupo controle que será a referência para avaliar as produções das amostras.

2.2. Instrumentos de recolha de dados

Esta seção apresenta a descrição do processo de desenho dos instrumentos de recolha de dados.

Para o desenvolvimento do presente trabalho, foram utilizados dois instrumentos para recolha de dados. O primeiro é um teste de leitura, e o segundo, um inquérito on-line. Os testes foram elaborados a partir da experiência do grupo avaliador, sem ter como base outro instrumento padronizado.

Dado que o estudo é de caráter quantitativo e visa obter resultados medíveis sobre a realização das vogais do português por falantes nativos de espanhol, procurou-se desenhar um instrumento que visasse a produção de palavras que contemplassem os processos fonológicos considerados para este estudo.

Os dois instrumentos, teste de leitura e inquérito on-line, passarão a ser descritos a seguir.

2.2.1. Teste de leitura

O teste de leitura foi elaborado tendo por objetivos a produção dos processos fonológicos vocálicos do português selecionados para este estudo, a saber: harmonização vocálica, redução do vocalismo átono e nasalização.

Considerando que era objetivo deste trabalho avaliar a produção das vogais em português e observar os fenómenos fonológicos acima referidos, e que as amostras são constituidas por falantes nativos de espanhol, em cujo inventário fonológico os fenómenos não existem, considerou-se conveniente construir um instrumento com frases e palavras previamente escolhidas.

Por esta razão, optou-se por um texto com frases feitas com palavras-chave que servissem como estímulo para a produção dos sons em estudo. Para isso, foram escolhidas palavras para o processo de NAS que tivessem [ĩ, ẽ, ɐ̃, õ, ũ, ɐ̃j, ɐ̃w, ẽj, õj]; palavras representativas de HV com AMF que tivessem contraste entre as vogais médias [o] e [ɔ]; e palavras representativas de RVA com alternância [o]/[u].

O teste é constituído por 26 palavras, selecionadas por representarem os fenómenos em estudo. As palavras foram inseridas em diferentes lugares em frases com estrutura sintática simples de modo a que o participante não sentisse dificuldades durante a leitura.

Algumas palavras foram utilizadas em diferentes frases, numa tentativa de testar se o lugar em que se encontram as palavras tem alguma influência na produção oral. O teste era composto por um total temos 16 frases, com 26 palavras-chave, em 42 lugares diferentes. Além disso, foram também utilizadas 5 frases que serviram apenas como elementos distratores.

2.2.2. Inquérito on-line

Este instrumento foi desenvolvido para ser aplicado à amostra de estudantes, com o objetivo de recolher dados acerca da sua percepção sobre o estudo de fonética e para identificar a sua preferência na hora de utilizar diversos elementos ou técnicas para estudar essa matéria. Por outro lado, também interessava saber qual é a autoavaliação que fazem relativamente ao seu desempenho em fonética do português.

O inquérito é constituído por 10 perguntas, estruturadas da seguinte forma: duas perguntas de identificação, destinadas a conhecer o nível onde se encontra o estudante; duas perguntas para recolha de opinião sobre o papel da fonética na aprendizagem de uma língua estrangeira; cinco perguntas de escolha múltipla formuladas com o intuito de recolher dados sobre as estratégias que os estudantes usam para aprender fonética e as que preferem para o ensino da mesma. Finalmente, uma pergunta desenhada para que o aluno fizesse uma autoavaliação geral sobre o seu desempenho em fonética, na qual

foi utilizada uma escala de notas entre 1 e 7, que correspondem respetivamente à nota mínima e máxima, na nomenclatura chilena.

2.3. Aplicação de instrumentos

Sobre aplicação dos instrumentos, o teste oral foi aplicado presencialmente a ambas as amostras, o inquérito on-line, pela sua vez, foi aplicado de forma virtual, e apenas a amostra de estudantes. Este último instrumento, pela sua natureza, foi pensado só para estudantes porque visava avaliar as suas preferências de aprendizagem, entre outras variáveis como descrito anteriormente.

2.3.1. Aplicação do teste oral

Para aplicar o teste oral, procurou-se, a maioria das vezes, que a leitura tivesse lugar num ambiente sem distrações nem barulho que pudessem interferir com a gravação, o que nem sempre foi possível. No entanto, apesar da diferença de locais e condições de gravação para cada participante, a qualidade do material permitia uma audição sem interferências.

Pouca ou quase nenhuma informação foi entregue aos participantes antes da gravação, para evitar qualquer interferência que a informação prévia pudesse provocar no desempenho da tarefa de leitura em português. Apesar disso, foi explicado aos participantes que não havia qualquer problema caso fosse necessário repetir uma palavra da frase, caso se enganassem na leitura ou caso quisessem começar de novo. Considerou-se que para o objetivo da pesquisa, nenhuma dessas variáveis seria impeditiva da análise dos dados.

Alguns participantes pediram para ler as frases antes de gravar, outros gravaram sem leitura prévia. Este facto é irrelevante para a análise de resultados, já que os fenómenos estudados supostamente devem aparecer quer numa fala cuidada quer numa fala descuidada, não estando relacionados com uma boa dicção, nem com o grau de familiaridade com o texto, mas sim com saber reproduzir corretamente os sons das vogais do português segundo o contexto.

Como mencionado anteriormente, não houve preparação prévia da leitura, os participantes conheceram o texto apenas no momento da entrevista. As frases foram lidas em velocidade de elocução normal por parte dos participantes, tendo sido registadas em áudio com recurso a um gravador ou telemóvel.

A amostra de estudantes leu o teste duas vezes, enquanto a amostra de académicos só uma. A diferença entre a primeira e a segunda leitura é que, para esta última, tínhamos o mesmo teste, mas com marcas visuais no texto. Por exemplo, foram sublinhadas as palavras que continham o fenómeno que se estava a avaliar, e foram destacadas com um círculo partes com consoantes e vogais com pronúncia diferente do espanhol. Esta segunda leitura foi pensada com o objetivo de perceber se, através do estímulo visual, se verificavam alterações na produção da palavra destacada.

Ambas as versões do teste oral estão reproduzidas na íntegra no Anexo 2 deste trabalho.

Os resultados deste teste serão apresentados no capítulo 3 de análise e resultados.

2.3.2. Aplicação do inquérito on-line

O inquérito era independente do teste oral e, como mencionado anteriormente, foi aplicado apenas à amostra de estudantes. A resposta ao questionário era voluntário, pelo que dos 12 elementos da amostra de estudantes, apenas 10 responderam o inquérito on-line.

O inquérito foi elaborado utilizando a plataforma *Google forms*, tendo o link de acesso e resposta ao mesmo sido enviado por e-mail aos participantes da amostra de estudantes.

O inquérito on-line encontra-se reproduzido na integra no Anexo 3 deste trabalho e os resultados serão apresentados no seguinte capítulo.

Capítulo 3. Análise e resultados

Neste capítulo são apresentados os resultados e análise de cada teste individualmente, tendo em consideração a natureza distinta de cada um. Relativamente ao teste oral, a análise divide-se em duas partes: resultados gerais para cada amostra e resultados para cada processo.

Como comentário inicial, podemos dizer que se espera que as diferentes articulações vocálicas, produto dos processos fonológicos, especialmente aqueles de natureza morfofonológica como a RVA ou a HV, apresentem menor grau de produção por parte dos participantes. Por outro lado, o processo de nasalização poderá ter um maior índice desde que acompanhado por marcas visuais, quer pelo contexto nasal, quer

por um til que indica uma articulação nasal da vogal. Nos restantes processos, em que não há uma "marca visual" que indique se a vocal deve ser pronunciada de forma semiaberta ou semifechada, o contexto da frase dirá se se trata de um verbo ou um nome, por exemplo.

Pelo acima exposto, coloca-se a hipótese de que a nasalização possa ter uma frequência mais elevada que os outros dois processos.

3.1. Análise e resultados teste oral

Dado que o teste foi desenhado para obter um corpus oral relativo às vogais do português, não foram considerados na análise os erros de leitura, as interrupções, nem as correções. Tendo em conta o objetivo da pesquisa, apenas se destacam os processos fonológicos selecionados. Assim sendo, também não são relevantes para este estudo os sons das consoantes, independente de terem sido correta ou incorretamente pronunciadas de acordo com o que se espera para a fonética do português padrão.

O foco principal é a correta produção vocálica dos processos fonológicos supra mencionados, pois, espera-se que tanto os estudantes de nível intermédio-avançado (amostra de estudantes), como os académicos (amostra de académicos) apresentem fortes atributos na proficiência oral em L2.

As gravações foram analisadas por forma a selecionar o material que seria utilizado. Interessava constatar a ocorrência dos processos fonológicos do português, ou seja, medir quantitativamente a ocorrência de nasalidade e de vogais semiabertas e semifechadas, em diferentes posições dentro da frase.

Foi elaborada uma grelha com as palavras selecionadas e a respetiva transcrição fonética do som vocálico que devia ser produzido nesse contexto. Esta grelha serviu como base para comparar cada produção com as frases de referência.

As produções da amostra de estudantes e da amostra de académicos foram comparadas com a amostra de nativos. A partir dessa comparação, foram classificados os dados orais obtidos, observando se a vogal produzida coincidia com a vogal esperada. As produções que coincidiram com o modelo fonético esperado receberam pontuação 1, enquanto as produções que fugiam ao esperado recebiam pontuação 0. Os dados foram inseridos numa planilha Excel que foi utilizada para determinar percentagens de acertos e de erros.

A classificação foi feita através de uma análise perceptual, sem contar com a ajuda de softwares de análise acústica.

Foram consideradas 7 variáveis na análise. Uma aplicável apenas à amostra de estudantes; uma pensada só para a amostra de académicos e cinco variáveis relativas aos processos fonológicos que são aplicadas de forma transversal para relacionar o desempenho ambas amostras.

As variáveis são as seguintes:

- "Quantidade de anos de estudo" na amostra de estudantes: através desta variável pretende-se aferir se a maior quantidade de anos de estudo é proporcional a um melhor desempenho na produção oral. Para analisar esta variável, a amostra foi dividida em três grupos: Terceiro ano, Quarto ano e Quinto ano.
- "Local de residência" da amostra de académicos: com esta variável pretende-se verificar se há alguma relação entre o local de residência e o desempenho na produção oral. Para analisar esta variável, a amostra foi dividida em dois grupos: Académicos em Espanha e Académicos em Portugal.
- "Categoria da amostra": com esta variável pretende-se verificar se a condição de estudante ou académico acarreta diferenças no desempenho.
- "Processo HV": esta variável faz referência à análise do desempenho das amostras por separado e em conjunto relativamente à harmonização vocálica.
- Posição da palavra na frase: definida com intuito de aferir se os lugares (fim ou início de frase) têm influência na realização das vogais em português. Esta divisão poderá ajudar a estabelecer se uma posição diferente dentro da frase para uma palavra tem implicações na sua articulação no processo de HV.
- "Processo RVA": esta variável faz referência à análise do desempenho das amostras por separado e em conjunto relativamente à redução do vocalismo átono.
- "Processo NAS": esta variável faz referência à análise do desempenho das amostras por separado e em conjunto relativamente à nasalização.

Os resultados são apresentados, primeiramente, a nível geral; seguindo-se os resultados de cada amostra de forma separada e, por fim, os resultados da análise por processo.

A ordem de apresentação dos resultados é harmonização vocálica (HV), seguida de redução do vocalismo átono (RVA) e, terminando com os resultados do processo de nasalização (NAS).

3.1.1. Resultados gerais

Apresentam-se os resultados gerais em dois grupos, primeiro para cada amostra e, de seguida, para cada palavra do processo fonológico. Para apresentar os dados quantitativos, serão utilizados gráficos de barras. No caso das amostras, no eixo vertical do gráfico, está representada a quantidade total de acertos em números. No eixo horizontal, estão indicados os participantes com letras de A – L, para a amostra de estudantes e letras A – F para a amostra de académicos. A última barra indica a média geral do grupo.

Na apresentação de resultados por palavras, no eixo vertical está representada a quantidade de acertos e, no vertical, as palavras utilizadas nesse processo fonológico.

Começamos por uma apresentação do desempenho geral das duas amostras.

Os 12 sujeitos da amostra de estudantes estão identificados pelas letras no intervalo A – L, inclusive. Considerando que o teste de leitura foi realizado por cada participante duas vezes, a primeira leitura está identificada no gráfico como Le1 (leitura 1, azul escuro) e a segunda como Le2 (leitura 2, azul claro). No eixo vertical está representada a quantidade de acertos do teste: 42 pontos, em cada barra está indicado o resultado obtido por cada participante em cada leitura.

O Gráfico 1 contém os resultados gerais obtidos pela amostra de estudantes.

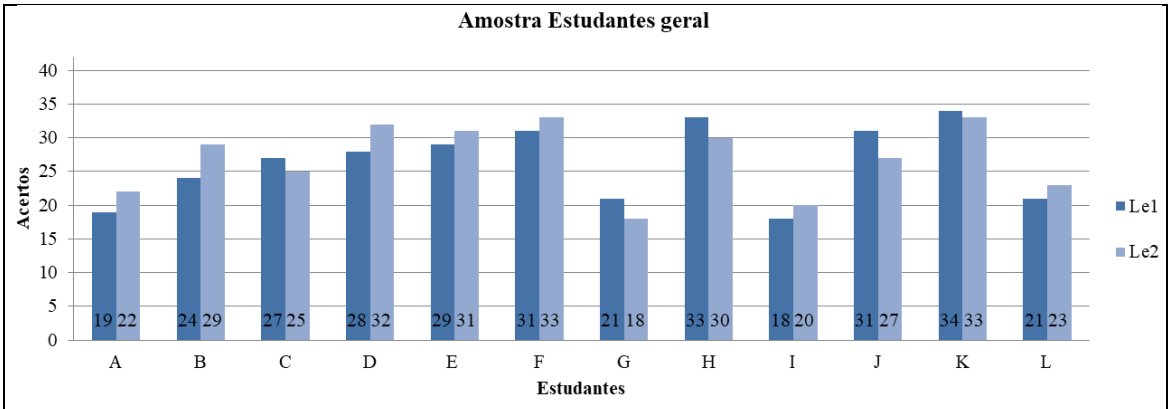


Gráfico 1: Amostra de estudantes – Resultados gerais Le1 e Le2

O azul escuro corresponde à leitura 1 (Le1) e o azul claro, à leitura 2 (Le2). Dentro de cada barra, aparecem os resultados obtidos em números, em um máximo de 42 pontos. As letras A – L correspondem aos 12 participantes da amostra.

A análise do gráfico 1, revela que não se verificam diferenças significativas entre as tarefas de leitura Le1 e Le2. Houve casos onde o resultado melhorou e outros

onde não. Apesar disso, quer nos casos de aumento, quer nos casos de diminuição na quatidade de acertos, a diferença não ultrapassa 5 pontos. As barras mostram que os estudantes tiveram desempenhos similares, e não lineares, contrariando a ideia inicial de uma tendência ascendente, ou seja, que na segunda leitura se obtivessem melhores resultados do que na primieria. Dos 12 estudantes, 7 casos tiveram um aumento nos acertos, enquanto 5 experimentaram uma queda durante a Le2.

Podemos inferir que, a nível geral, a produção oral dos estudantes não é um processo estabilizado, pois, se assim fosse, ambas as leituras deveriam ter os mesmos resultados. Com exceção do estudante K, cujos resultados mostram uma variação mínima entre as duas tarefas.

Contrariamente ao esperado, o instrumento utilizado para a Le2 não foi de utilidade, já que não se observa um aumento regular no desempenho dos estudantes. Sobre o instrumento utilizado em Le2, podemos dizer que não teve uma contribuição destacável e que, mais ainda, pode ter sido prejudicial. Por exemplo, foram registados casos em que uma palavra que tinha sido corretamente pronunciada durante a Le1 foi incorretamente pronunciada na Le2, ao ser sublinhada no instrumento utilizado. Essa marca visual induziu ao erro, pois os estudantes tenderam a enfatizar a palavra, e essa ênfase veio dada pela abertura de um som que deveria ser pronunciado como semifechado. Este ponto, será discutido mais aprofundadamente na análise por processos, no entanto, importa destacar por ter sido verificado nas palavras que utilizadas para o processo de harmonização vocálica. Neste caso, por influência do instrumento, onde na Le1 se produziu uma vogal semifechada, na Le2 foi produzida uma vogal semiaberta.

Uma vez que não se verificam diferenças significativas entre a leitura 1 e a leitura 2, considerou-se pertinente trabalhar com a média entre elas, a fim de estabelecer comparações com a amostra de académicos que só realizaou Le1. O Gráfico 2 apresenta os dados com a média que serão utilizados para a amostra de estudantes.

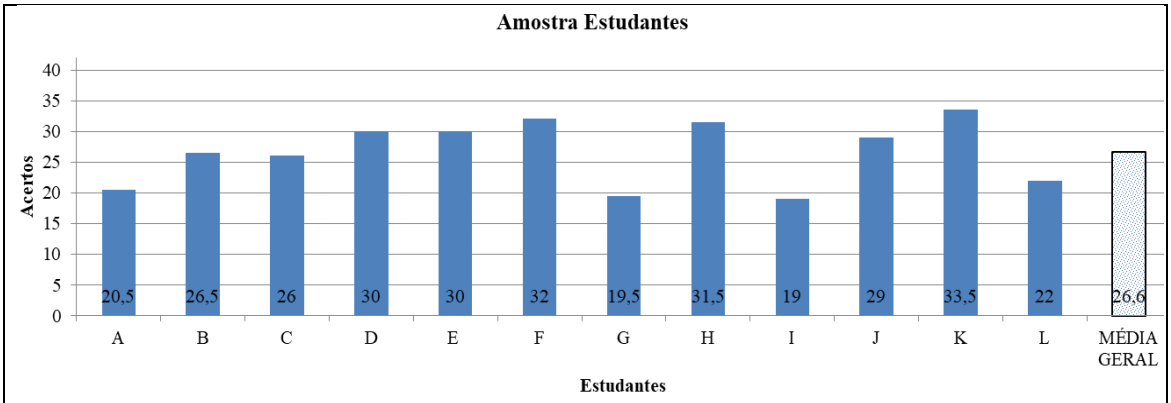


Gráfico 2: Amostra de estudantes – Resultados individuais e média geral

Resultados individuais para os 12 participantes da amostra de estudantes, indicados na horizontal pelas letras A – L, mais a média geral. Os números dentro de cada barra correspondem à quantidade de acertos de um máximo de 42 pontos.

A média geral da amostra de estudantes é 26,6 acertos em um total de 42 pontos. A nível geral, esta amostra respondeu corretamente 63% do teste de leitura. 6 estudantes apresentam resultados abaixo da média geral, e 6 apresentam resultados acima da média.

Dos 12 estudantes, 9 tiveram mais de 50% das respostas corretas, com mais de 21 acertos, e 3 estudantes (A, G e I) tiveram um desempenho levemente inferior.

O estudante K teve o melhor resultado com 33,5 das 42 palavras, o equivalente a 79,7% de respostas corretas. Por outro lado, o estudante I apresentou o desempenho mais baixo, com 19 acertos, o equivalente a 45% de respostas corretas. A diferença entre o resultado mais alto e o mais baixo é de 14,5 pontos.

Cabe mencionar que tanto K como I pertencem ao mesmo ano da licenciatura em tradução, o que poderia levar a assumir que teriam o mesmo desempenho nos testes aplicados. No entanto, os diferentes resultados levam-nos a concluir que, apesar de os estudantes estarem no mesmo nível de formação, o desempenho em fonética é uma tarefa que se executa de forma individual. Esta caraterística de desempenho individual, apesar da mesma formação, também apareceu na amostra de académicos, e será exposta mais adiante.

A seguir, apresenta-se a amostra de estudantes divida por grupo e compara-se cada grupo com a média geral, esta divisão será útil para analisar a variável “quantidade de anos de estudo”.

A amostra de estudantes divide-se em 3 grupos segundo o ano da licenciatura em tradução em que se encontram os participantes: Terceiro ano (3°), com 5 estudantes identificados por A – E; Quarto ano (4°), com 1 estudante representado pela letra F; e Quinto (5°) ano com 6 estudantes, referidos como G – L. A média dos resultados de cada grupo são as seguintes: média 3° ano: 26,6 acertos; média 4° ano: 32 acertos; e média 5° ano: 25,8 acertos de um total de 42 pontos. A média geral da amostra de estudantes foi de 26,6, equivalente a 63% de acertos no teste.

As médias por grupo e a média geral podem ser visualizadas no Gráfico 3, a seguir:

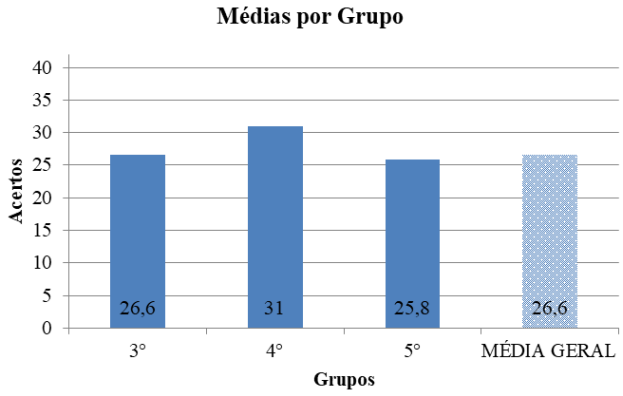


Gráfico 3: Amostra de estudantes – compara as médias por grupo com a média geral

Resultados gerais no teste de leitura da amosta de estudantes dividida segundo o ano de frequência no curso. Na horizontal, os grupos do 3°, 4° e 5° ano, mais a média geral da amostra. Na vertical, total de acertos, dentro das barras, acertos de cada grupo.

Quando dividimos a amostra de estudantes segundo o ano do curso que frequentam podemos ver que não se comprova a relação entre a variável "quantidade de anos de estudo" e desempenho na produção oral. Era esperado que a um maior número de anos de estudo, correspondesse um melhor desempenho na oralidade em português, mas tal não foi o caso. O grupo com mais anos de estudo, o do quinto ano, apresentou um desempenho levemente abaixo da média, em menos de 1 ponto. O grupo do quarto ano apresenta um desempenho 5,4 pontos acima da média, e o grupo do terceiro ano, com menor quantidade de anos de estudo, apresenta um desempenho em linha com a média geral. A diferença entre a média mais alta e a mais baixa é de 6,2 pontos.

Não se verifica grande variação nos desempenhos entre os grupos, pois as percentagens de respostas corretas são 63% para o grupo Terceiro ano; 76% para o grupo Quarto ano; e 61% para o grupo Quinto ano.

Estes resultados são interessantes, pois podem ser indicativos do nível de investimento no ensino de pronúncia, no curso de LAT. De modo geral, não se verifica uma evolução positiva nos resultados da pronúncia do português ao longo do percurso académico o que pode ser reflexo de as disciplinas dedicadas a esta matéria se concentrarem apenas no terceiro ano do curso. Acresce a este aspeto a possibilidade de existir reforço pobre durante o resto do percurso académico.

Seguidamente são apresentados os resultados gerais para a amostra de académicos. Esta amostra é constituída seis participantes representados pelo intervalo de letras A – F, inclusive. Os resultados individuais e a média geral apresentam-se no Gráfico 4.

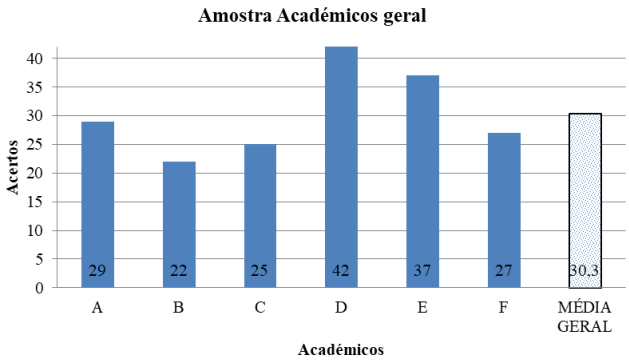


Gráfico 4: Amostra de académicos – Resultados individuais e média geral

Resultados individuais para os seis participantes da amostra de académicos, representados por letras A – F, mais a média geral, na horizontal. Os números em cada barra correspondem às respostas corretas de um máximo de 42 pontos, no eixo vertical.

A amostra de académicos tem como média geral 30,3 acertos de um total de 42, o que representa 72% de respostas corretas no teste de leitura. Todos os participantes conseguiram responder corretamente a mais de metade do teste, apesar de dois participantes terem obtido uma pontuação pouco acima de 21. Dos 6 participantes, 4 tiveram desempenho abaixo da média geral e apenas 2 participantes apresentaram resultados acima da média.

O académico D, bilíngue perfeito, teve o melhor resultado com 42 pontos, ou seja, 100% de realizações corretas. Por sua vez, o académico B apresentou o nível de desempenho mais baixo, com apenas 22 acertos, equivalente a 52% de respostas corretas. A diferença entre o resultado mais alto e o mais baixo é de 20 pontos. Os resultados mostram, à semalhança do que acontece no caso dos estudantes, diferenças significativas entre as pontuações mais alta e mais baixa. A repetição deste facto, nesta amostra, apoia a conclusão de que o desempenho em fonética é uma tarefa que se mede a nível individual, pois, contrariamente ao esperado, tanto alunos do mesmo nível como académicos do mesmo nível, apresentam diferenças entre si no desempenho da mesma tarefa de leitura.

A seguir, apresenta-se a amostra de académicos dividida por grupos segundo o local de residência, e comparando cada grupo com a média geral no Gráfico 5.

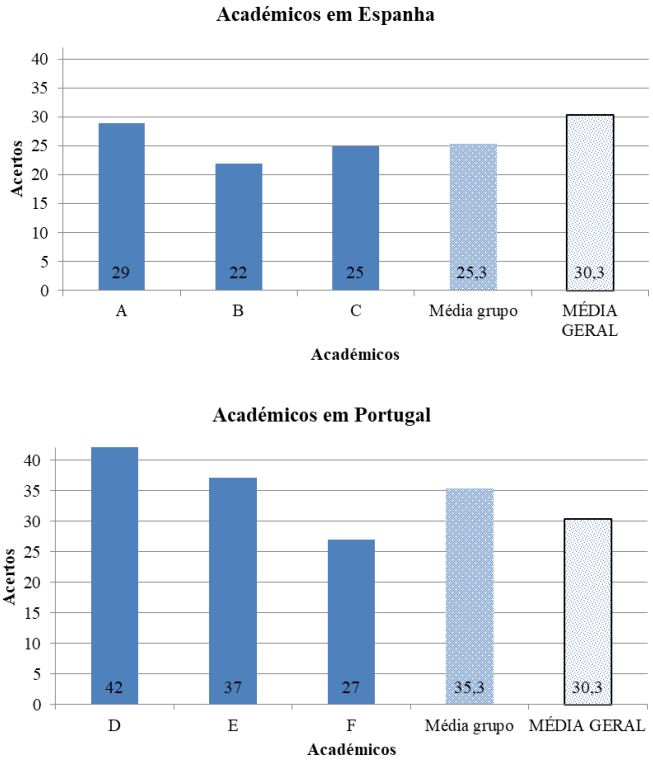


Gráfico 5: Amostra de académicos – Médias por grupo e média geral

Resultados gerais no teste de leitura da amosta de académicos dividida segundo o lugar de residência.

Grupo dos académicos em Espanha e em Portugal, com média por grupo, mais a média geral da amostra.

De acordo com o local de residência, a amostra de académicos divide-se em dois grupos: Académicos em Espanha, com 3 participantes identificados por letras no intervalo A – C; e Académicos em Portugal, com 3 participantes representados como D – F. Os grupos apresentam médias de 25,3 e 35,3 pontos respetivamente. A média geral da amostra de académicos foi 30,3 equivalente a 72% de acertos no teste.

Dividindo a amostra de académicos segundo o local de residência, é possível verificar que a variável "local de residência" tem influência no desempenho na produção oral. Era esperado que os participantes que moram em contexto de imersão em língua portuguesa tivessem melhores resultados que os participantes que vivem em outro país. Tal foi comprovado, pois o grupo de académicos que trabalha em Portugal está 5 pontos acima da média geral, com uma média de grupo de 35,3 acertos. Por outro lado, o grupo de académicos que mora em Espanha teve um desempenho 5 pontos abaixo da média geral, com um total de 25,3 acertos.

Podemos constatar que a diferença entre as médias de ambos os grupos de académicos é de 10 pontos, com 60% de respostas corretas para o grupo de académicos em Espanha, versus 80% de acertos por parte do grupo de académicos em Portugal.

Pelo acima exposto, é possível dizer que o contexto tem influência no desempenho da tarefa de leitura: positivo no caso dos participantes residentes em contexto português e negativo na produção oral em LP para os residentes em outro contexto.

É, também, interessante, sublinhar que o grupo de académicos em Espanha e a amostra de estudantes apresentam resultados muito próximos, sendo que, em 3 casos, o resultado do grupo de estudantes é ligeiramente mais alto que o do referido grupo de académicos.

A seguir, comparam-se os resultados gerais obtidos por ambas as amostras, estabelecendo algumas observações particulares.

Começamos por mostrar a média geral da amostra de estudantes e a da amostra de académicos no Gráfico 6.

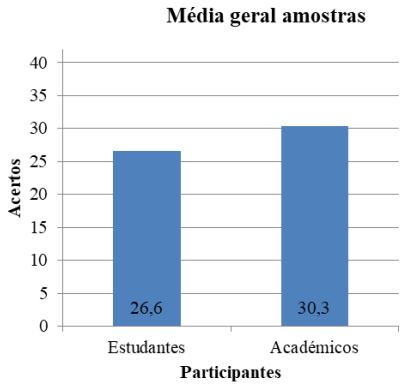


Gráfico 6: Média da amostra de estudantes e da amostra de académicos

Comparação dos resultados gerais de ambas as amostras: estudantes e académicos. Os números dentro das barras indicam o total obtido pela amostra de um máximo de 42 pontos.

De um total de 42 pontos, a amostra de estudantes obteve 26,6, ou seja, 63,3% de respostas corretas. Por outro lado, a amostra de académicos atingiu 30,3 acertos, representando 72% de respostas corretas.

Estes dados permitem analisar a variável "categoria da amostra" e comparar ambos os grupos. Seria expectável que a amostra de académicos, dadas a suas condições de contato e tempo de trabalho com a língua portuguesa, tivesse melhor desempenho geral na produção de sons vocálicos do português. E que, consequentemente, a amostra de estudantes tivesse um desempenho inferior na mesma tarefa. Os resultados obtidos comprovam esta hipótese, uma vez que, a nível geral a média da amostra de académicos é mais alta que a da amostra de estudantes.

Contudo, gostaríamos de salientar que a diferença entre os resultados de ambas as amostras é apenas de 3,7 pontos, ou seja, a média da amostra de estudantes não difere muito da média da amostra de académicos.

Matem-se a mesma tendência no desempenho em cada um dos três processos fonológicos: a amostra de académicos foi sempre levemente superior à amostra de estudantes, na HV, na RVA e na NAS.

Para concluir esta análise geral, apresenta-se o Quadro 20 que contém todos os processos fonológicos com a respetiva pontuação máxima e percentagem equivalente.

Para cada um deles, são indicados os resultados obtidos por cada amostra e a respetiva percentagem.

Amostra de estudantes				
Processo	**Pontuação máx.**	**%**	**Pontuação obtida**	**%**
HV	11	26%	5,8	13,8%
RVA	3	7%	0,8	1,9%
NAS	28	67%	20	47,6%
Geral	42	100%	26,6	63,3%

Amostra de académicos				
Processo	**Pontuação máx.**	**%**	**Pontuação obtida**	**%**
HV	11	26%	6,5	15,5%
RVA	3	7%	1,3	3,1%
NAS	28	67%	22,5	53,6%
Geral	42	100%	30,3	72%

Quadro 21: resultados gerais por amostra para cada processo fonológico

As duas amostras apresentam os mesmos resultados no que diz respeito ao desempenho por processos. Em ambas, o processo com maior quantidade de acertos foi a NAS, em segundo lugar encontra-se a HV e em último lugar está a RVA, com menos de metade das realizações totais.

A amostra de académicos foi, em todos os casos, superior à amostra de estudantes, mas nunca em mais do que 2,5 valores. Portanto, a margem entre ambas as amostras é estreita.

De modo geral, podemos inferir que o facto de ambas as amostras apresentarem médias mais altas e/ou mais baixas nos mesmos processos, pode indicar que alguns processos do português são mais familiares para falantes de espanhol. Por isso, ambas as amostras, independentemente de pertencerem ao grupo de estudantes ou de académicos, alcançaram resultados semelhantes.

Por um lado, a nasalidade é uma caraterística que pode aparecer na língua espanhola, razão que pode explicar o resultado mais alto neste processo. Pelo contrário, a redução do vocalismo átono, por estar ausente nesta língua, poderá explicar porque obteve resultados mais baixos.

Considerou-se, ainda, pertinente abordar algumas observações particulares relativas aos desempenhos individuais que se destacaram nos resultados obtidos.

Para ajudar na visualização dos resultados, apresentam-se a seguir os resultados da amostra de estudantes e da amostra de académicos no Gráfico 7.

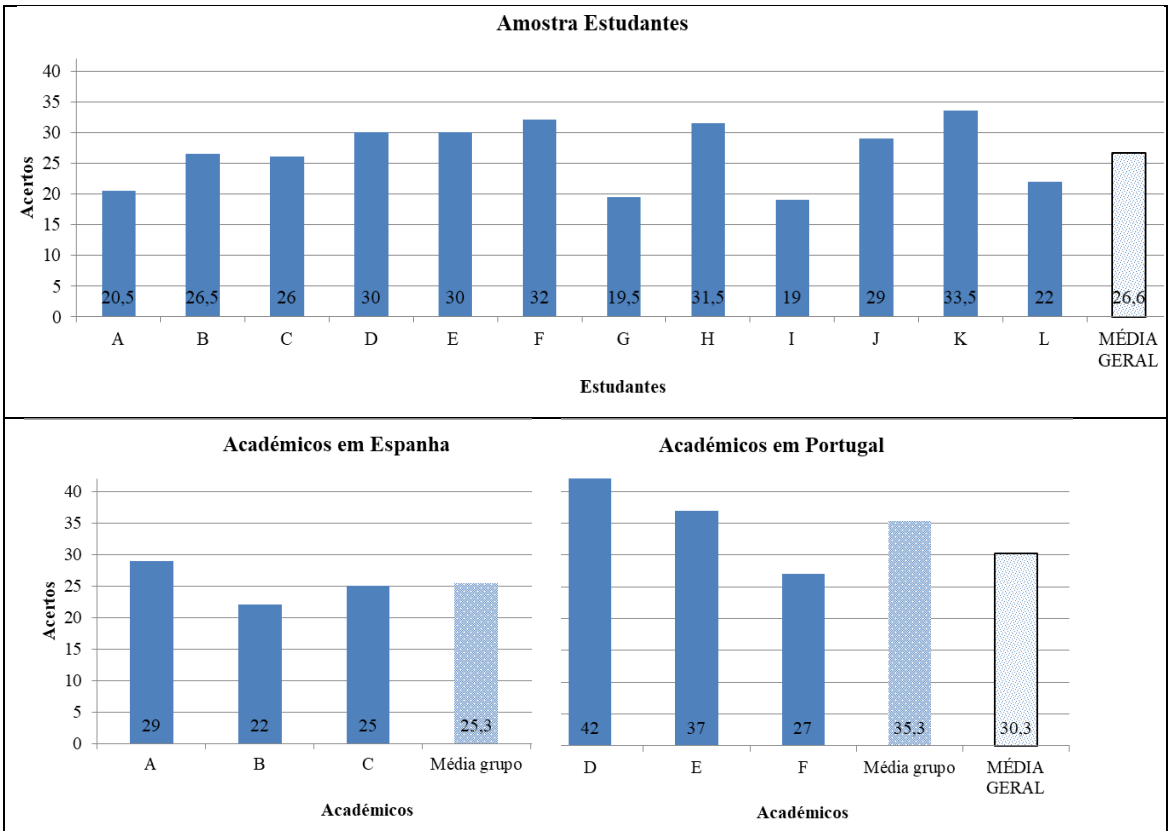


Gráfico 7: Comparação dos resultados entre a amostra de estudantes e a amostra de académicos. As letras na horizontal designam os participantes e os números dentro das barras representam os resultados obtidos por eles em um total de 42 pontos. Aparece, no fim, a média geral.

Estabelecendo uma comparação entre o melhor desempenho da amostra de estudantes (K com 33,5 valores), e o pior desempenho da amostra de académicos (B com 22 valores), verificam-se comportamentos opostos aos resultados gerais. Em primeiro lugar, o estudante K por ter tido o melhor desempenho na sua categoria, apresenta resultados acima da média da amostra de estudantes e, mais ainda, acima da média da amostra de académicos.

Por sua vez, o académico B, que teve o desempenho mais baixo da sua categoria, não só se encontra abaixo da média da amostra de académicos, como também abaixo da média dos estudantes. Também o académico C se encontra abaixo da média dos estudantes.

A nível particular, o grupo académicos em Espanha e a amostra de estudantes apresentam resultados muito próximos sendo, em três casos, o resultado do grupo de estudantes levemente mais elevado do que o resultado do referido grupo de académicos.

Relativamente aos resultados mais altos, é digno de relevo que três estudantes (F, H e K) apresentam resultados acima da média dos académicos e que a média geral dos estudantes é superior à média do grupo de académicos em Espanha.

Estes resultados particulares, contrariamente ao registado pela variante "categoria da amostra", demostram que um bom desempenho nem sempre está relacionado com o nível de profissionalização. Por um lado, um académico pode não prestar atenção à sua produção oral por considerar que já adquiriu um nível suficientemente bom; Por outro lado, um estudante pode ter os conteúdos mais presentes na sua formação e estar melhor preparado nessa área. Reforça-se, uma vez mais, a ideia de que o desempenho em fonética da língua estrangeira é uma habilidade de caráter individual.

A diferença entre a pontuação maior e menor para a amostra de estudantes é de 14,5 pontos, e a diferença entre o resultado mais alto e o mais baixo da amostra de académicos é de 20 pontos. A partir deste dado, podemos observar que a distância entre o desempenho mais alto e o mais baixo é menor na amostra de estudantes quando comparado com os resultados dos académicos. Esta observação é reforçada quando comparamos a quantidade de participantes que está abaixo da média da respetiva categoria. Enquanto 6 dos 12 estudantes (50%) estão abaixo da média geral, 4 dos 6 académicos (66%) estão abaixo da média geral da própria categoria. Com isto, podería afirmar-se que os estudantes são um conjunto mais homogêneo, enquanto os académicos são mais heterogêneos. É expectável que um grupo em formação apresente um nível semelhante, uma vez que não possuem a experiência inerente ao exercício da profissão. No entanto, parece relevante que existam profissionais (já formados e em exercício) com níveis díspares entre si. Indubitavelmente que o desempenho de cada um deles pode variar de acordo com as tarefas a que se dedicam; não se esperaria que os tradutores tivessem a mesma competência oral que os intérpretes, ou professores, a nível geral. Todavia, esta amostra em específico caracteriza-se por um elevado perfil

académico, e por isso fazemos esta observação. Ao mesmo tempo, esta situação leva a refletir que, aparentemente, a oralidade não tem a importância que deveria, pois um desempenho oral baixo, médio ou alto não faz a diferença para formar futuros profissionais da LP nas universidades.

Há quem possa argumentar que o mais importante é ser capaz de comunicar e entender ou fazer-se entender. Apesar de isso ser possível no contexto geral, tratando-se de um nível superior, e no contexto universitário, esta diferença no desempenho oral não deve ser desconsiderada. Principalmente, por se tratar de um contexto de formação de futuros profissionais da língua portuguesa e no qual a pronúncia do formador vai moldar a pronúncia dos formandos.

Nessa mesma linha, outra situação relevante prende-se com a comparação entre os resultados mais altos e os resultados mais baixos de cada amostra. O estudante com o resultado mais baixo, I, apresenta um resultado de 19 pontos, estando relativamente próximo do académico que obteve o resultado mais baixo, B, com 22 pontos. Os dois participantes apresentam uma diferença de apenas três palavras entre si. No caso do melhor desempenho, o estudante K tem 33,5 pontos, estando afastado em 8,5 unidades do melhor desempenho dos académicos, D com 42 pontos. É provável que, apesar de ser o melhor estudante, não esteja ao mesmo nível do melhor académico, pois há anos de estudo e de trabalho que os sepraram. Seguindo esta mesma lógica, não nos parece expectável que o desempenho de um académico, com anos de estudo e de trabalho, esteja tão próximo do desempenho do estudante com os resultados mais baixos do grupo.

Nas secções seguintes apresentam-se os resultados por processo fonológico, para cada amostra em separado, comparando as amostras entre si, e as conclusões.

3.1.2. Harmonização Vocálica

Este processo foi avaliado através de seis palavras do corpus. Foram selecionados verbos e nomes com a mesma grafia, mas que oralmente apresentam alternância entre vogal [ɔ] e [o]. As palavras utilizadas nas frases foram *jogo, almoço* e *gosto,* cada uma enquanto verbo e enquanto nome, num total de 11 vezes, que equivalem a 11 pontos.

Utilizamos uma mesma palavra em lugares diferentes para analisar a variável "posição na frase" e determinar a existência de variações influenciadas pela posição, quer no início quer no fim da frase.

As palavras, e a sua respetiva posição nas frases são apresentadas a seguir, “ini” refere-se à posição no início de frase e “fim” à posição no fim da frase.

jogo	verbo	ini	Eu não jogo com bonecas, já estou velha para isso.
	nome	ini	O jogo de palavras que usam nas piadas é engraçado.
		fim	Fui ao estádio Nacional e vi um emocionante jogo.
almoço	verbo	ini	Eu almoço todos os dias depois das 12 horas.
		fim	Eu gosto da cantina da faculdade, sempre vou lá e almoço.
	nome	ini	O almoço da cantina da universidade é muito bom, eu sempre como lá.
		fim	Hoje comi pão com queijo ao pequeno-almoço.
gosto	verbo	ini	Eu gosto da cantina da faculdade, sempre vou lá e almoço.
		fim	Chocolates, bolachas, gelados, bolos... é isso que eu gosto!
	nome	ini	O gosto da fruta no verão é muito melhor do que no inverno.
		fim	A minha roupa é linda! Tenho muito bom gosto!

Quadro 22: Palavras utilizadas para medir HV

Apresentam-se primeiro os resultados gerais obtidos por cada amostra, através de um gráfico de barras. No fim de cada gráfico aparecem a análise e as conclusões.

O Gráfico 8 mostra os resultados do processo de harmonização vocálica por cada participante da amostra de estudantes para a tarefa de Le1, Le2 e a média. Este processo tem um total de 11 pontos.

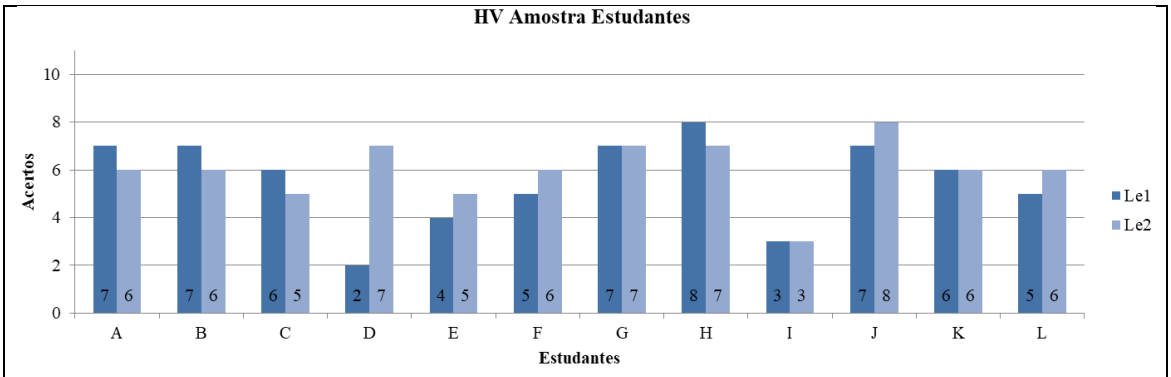


Gráfico 8: HV – Le1, Le2 e média por estudante. Total 11 palavras.

O azul escuro corresponde à leitrua 1 (Le1) e o azul claro, à leitura 2 (Le2). Dentro de cada barra, aparecem os resultados obtidos em números, em um máximo de 11 pontos. As letras A – L correspondem aos 12 participantes da amostra**.**

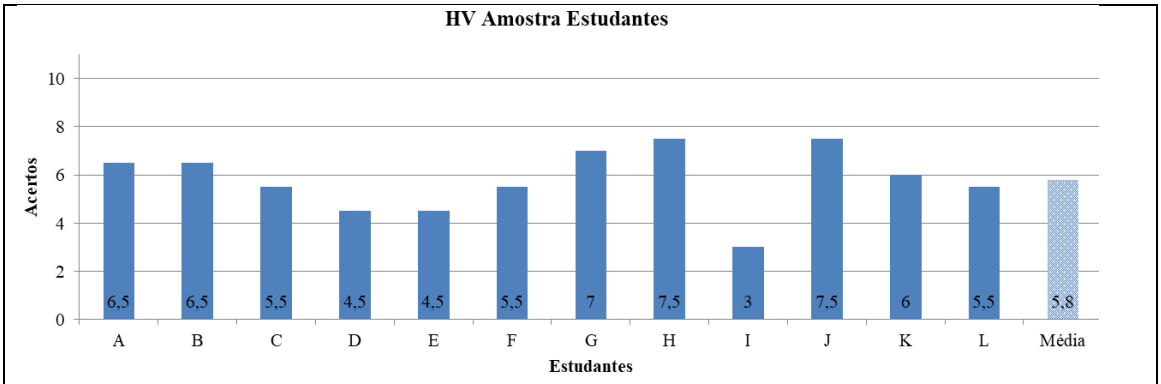


Gráfico 9: HV – Média amostra de estudantes. Total 11 palavras.
No eixo horizontal as letras designam os estudantes, no vertical, os números dentro das barras representam os resultados individuais para a tarefa de HV, mais a média do grupo.

Apesar de as palavras utilizadas terem a mesma forma gráfica, é possível identificar a categoria gramatical (verbo ou nome), pelo contexto onde se encontram. Na oralidade, essa diferença é feita através da oposição entre os sons [o] e [ɔ].

Partimos da premissa de que se um estudante é capaz reconhecer a função da palavra dento da frase, saberá aplicar a contrastividade fonética respetiva, independentemente da posição onde se encontre a palavra dentro da frase.

Inicialmente, equacionou-se que a Le2 apresentaria melhores resultados que a Le1, por um lado, por ser uma segunda aproximação ao texto e, por outro, por o texto apresentar marcas tais como o sublinhado nas palavras em análise. Contudo, o Quadro 8, que compara aleitura 1 com a leitura 2, mostra resultados diferentes da suposição

inicial, o que sugere que, mesmo identificando a palavra, não se conseguem produzir diferenças sistemáticas entre a produção fonética de [o] e [ɔ]. Como se vê nos gráficos, não há uma única tendência na sua reprodução, de facto, não é claro que todos melhoraram ou diminuiram a quatidade de resultados corretos.

Na passagem de Le1 a Le2, esperava-se que o desempenho melhorasse pelo facto de as palavras-chave terem sido sublinhadas no teste. No entanto, não foi possível comprovar esta ideia com resultados tão díspares como: 5 estudantes melhoraram, 4 estudantes baixaram na pontuação, e 2 mantiveram a sua pontuação.

Os falantes nativos de espanhol tendem a pronunciar indiscriminadamente os sons [o] e [ɔ], pois estes não são contrastantes na sua língua. De facto, como vimos na teoria de referência, este tipo de vogais aparece em variação livre no espanhol, estando sobretudo associadas à fala enfática.

Como resultado, este tipo de palavras, que em português têm só uma pronúncia aceite, são pronunciadas aleatoriamente como verbo ou nome por falantes nativos de espanhol, independente da função que desempenhem na frase.

Neste caso, não se trata de falhar no reconhecimento da função gramatical da palavra dentro da frase, mas sim de que essa função não se reflete na produção oral.

O gráfico 10 mostra os resultados para cada uma das 11 palavras do corpus de HV.

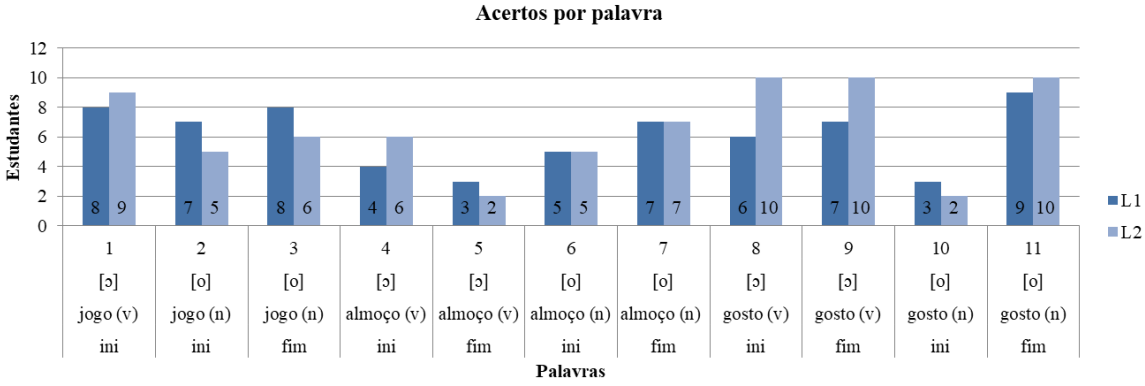


Gráfico 10: HV – Acertos por palavras e a sua posição, amostra de estudantes.

O desempenho varia entre a Le1 e a L2

Analisando os resultados para cada palavra do teste, reforçamos a ideia de que não se verificam contrastes claros entre as vogais médias [ɔ] e [o]. Os dados fonéticos são oscilantes sendo, possivelmente, produto de uma pronúncia instável.

A comparação de Le1 com Le2, também permite inferir que o instrumento usado para a Le2 não foi útil. Serviu de ajuda, mas também interferiu, como veremos a seguir.

Entre a Le1 e a Le2, o instrumento ajudou, tendo-se verificado um aumento na quantidade de respostas corretas em 4 das 5 palavras com pronúncia [ɔ]. Numa primeira leitura, a palavra foi pronunciada com o som [o], na segunda leitura, devido ao sublinhado da palavra-chave, vários alunos tenderam a enfatizar a palavra pronunciando-a com uma vogal mais aberta.

Por outro lado, o instrumento interferiu negativamente, com três de seis palavras inicialmente pronunciadas corretamente em Le1, e que sofreram uma diminuição na quantidade de acertos em Le2. As palavras com som [o], na Le2, foram pronunciadas como [ɔ], ou seja, com uma tendência a abrir sons para torná-los mais enfáticos. Contudo, considerando que a nível geral a pronúncia é oscilante, inferimos que a produção de vogal [ɔ] foi dada por ênfase, pelo facto de a palavra estar sublinhada e pela sua posição na frase. Caso os os estudantes soubessem quando produzir um tipo de vogal ou o outro, não haveria variação entre as Le1 e Le2.

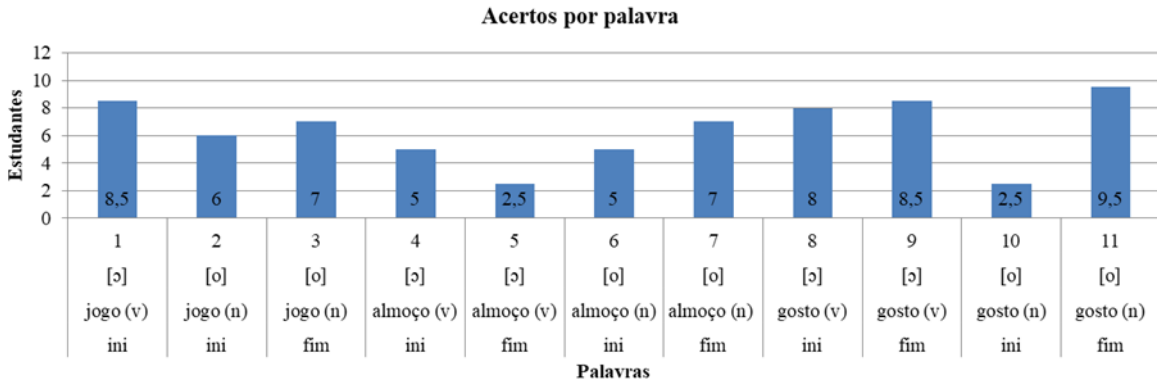


Gráfico 11: HV – Acertos por palavras e a sua posição, amostra de estudantes.

Para este processo, foram selecionadas três palavras , utilizadas várias vezes em posições extremas dentro da frase, ora no início ora no fim. Esta opção encontra justificação na variável "Posição da palavra na frase", e na intenção de perceber se existe relação entre posição e pronúncia.

Relativamente à posição da palavra dentro da frase e sua consequência na pronúncia, é possível dizer, de forma muito geral, que se relaciona com a entoação. Sem pretender aprofundar neste tema, recorremos a Quilis (1993: 409) para defender que a entoação é difícil de analisar devido às formas e funções variadas que assume. No

entanto, podemos referir os universais da entoação para conseguir explicar o que acontece no nosso caso.

De modo geral, há dois tipos de entoação, a do enunciado declarativo e a do enunciado interrogativo. A entoação das frases interrogativas é ascendente, enquanto a entoação das frases declarativas, tanto afirmativas como negativas, caracteriza-se por terminar de forma descendente (Quilis 1993: 423, Alba 2001: 173).

A nossa hipótese pode revelar-se válida, quando relacionamos essa caraterística com os nossos resultados. Vemos que a tendência na pronúncia das frases do teste corresponde à entoação das frases declarativas. Foneticamente, isto resulta num som aberto [ɔ] na primeira parte, com abaixamento de tom no fim da frase, com consequente som [o]. Vamos utilizar como exemplo as frases: *O gosto da fruta no verão é muito melhor do que no inverno* e *O almoço da cantina da universidade é muito bom, eu sempre como lá.* Tanto o nome *gosto* como o nome *almoço,* em posição inicial, tiveram poucos acertos. Ambas as amostras tenderam a pronunciar o som semiaberto, coincidente com a elevação do tom na primeira parte do enunciado declarativo. Na mesma posição inicial, na frase: *Eu não jogo com bonecas, já estou velha para isso*, o verbo *jogo* teve pronúncia correta com som [ɔ]. Em ambas as amostras, a produção oscila entre [ɔ] e [o] independentemente do contexto, com alguma influência da posição da palavra e do tipo de enunciado.

Finalmente, as caraterísticas da língua materna estão presentes não só no vocabulário ou na gramática, mas também em aspectos mais abstratos e pragmáticos. No entanto quando a pronúncia na língua estrangeria é estável, a posição da palavra dentro do enunciado não deveria influenciar a abertura ou fechamento da vogal tónica, tal como acontece com os falantes nativos de português.

A seguir, analisa-se o desempenho da amostra de académicos.

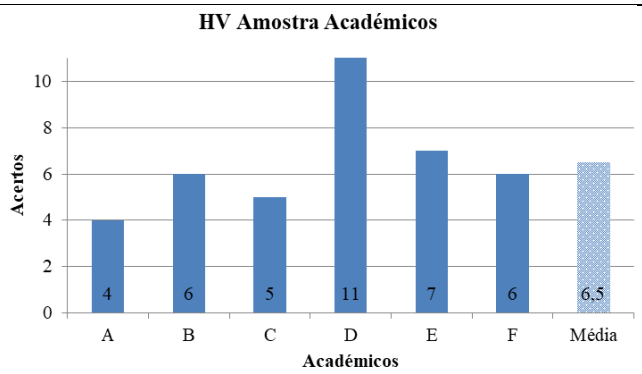


Gráfico 12: HV – Média resultados amostra de académicos. Total 11 palavras

A média dos 6 académicos (A – F) foi de 6,5 palavras. Quatro dos 6 académicos apresentam resultados abaixo da média geral e 2 acima da média. De um total de 11 palavras consideradas para este processo, apenas um académico produziu de forma correta a harmonização vocálica em todas elas.

Tal como no caso da amostra de estudantes, é possível fazer uma análise ao nível da palavra, tal como mostra o Gráfico 13:

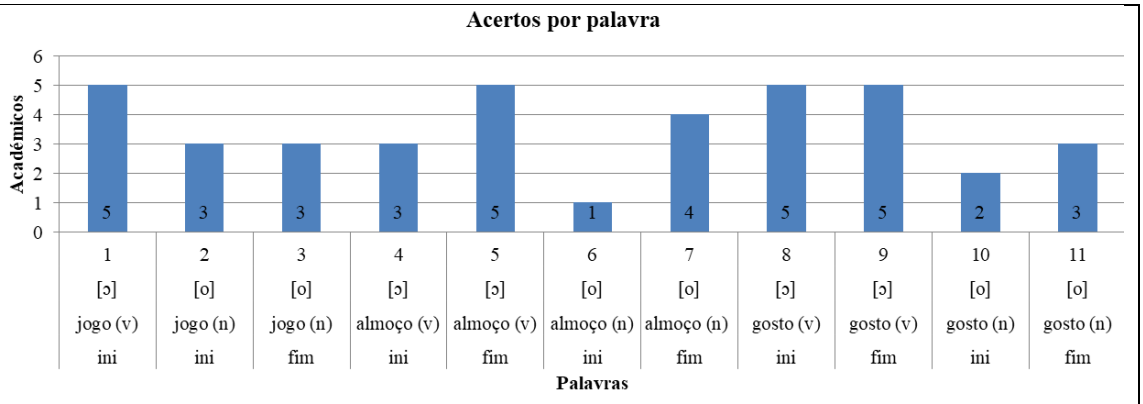


Gráfico 13: HV – Acertos por palavra e a sua posição para a amostra de académicos. No eixo horizontal aparecem de 1 a 11 as palavras, com o respetivo som e posição dentro da frase. No eixo vertical, encontram-se os 6 académicos, e dentro das barras, a quantidade de pronúncias corretas da palavra.

O teste considerou 11 palavras que apresentavam harmonização vocálica, especificamente o contraste entre as vogais intermédias [ɔ] e [o]. É possível verificar que não há produção sistemática dos sons referidos, pois tendem alternar entre um e outro.

As palavras com menor quantidade de realizações corretas correspondem a nomes (palavras 2, 3, 6 10 e 11). Pelo contrário, as palavras com mais realizações

corretas correspondem a verbos (palavras 1, 5, 8 e 9), isto quer dizer que tanto umas como outras foram pronunciadas com som [ɔ] independentemente da posição na frase. Geralmente, um falante de espanhol tende a pronunciar todos os /O/ de uma mesma forma. Neste caso, a quantidade de acertos pode ter sido resultado de coincidência mais do que de uma produção consciente do som aberto no contexto específico.

À semelhança do que aconteceu com a amostra de estudantes, considera-se que não se trata de uma dificuldade em reconhecer a categoria gramatical da palavra (nome ou verbo), mas sim de uma dificuldade em reproduzir oralmente essa diferente categoria. Neste caso, a pronúncia pode ter uma influência da L1.

Tendo presente o facto de que em espanhol não existem dois níveis de vogais médias, os falantes nativos dessa língua apresentam dificuldades na produção dos sons das vogais intermédias do português. Além da categoria gramatical da palavra dada pelo contexto da frase, não há nenhuma referência visual que indique a realização de [ɔ] ou [o] (muito menos de redução de /o/ a [u]).

Coincidente com o estudo de Machry da Silva (2014: 157) os resultados desta pesquisa mostram que, para um falante de espanhol, existe uma dificuldade em produzir sons que não se encontram no inventário da sua língua materna, no entanto, através da instrução formal são capazes de produzi-los.

Contudo, essa produção não é sistemática. Ou seja, apesar de conseguirem produzir sons como [ɔ] e [o], nem sempre conseguiram utilizá-los nos contextos adequados. Isso leva a colocar duas hipóteses: a produção do som de acordo com o esperado foi consciente por parte do participante; ou a produção de som segundo o esperado pode ser catalogada como uma coincidência, por não se revelar sistemática nos casos em que deveria aparecer.

Considerando outras produções proferidas pelos participantes, a primeira hipótese parece ser a mais viável uma vez que, pelo facto de terem recebido instrução formal, aparecem /s/ intervocálicos sonorizados e diferenças entre /v/ e /b/, entre outros. Todas essas articulações não se encontram na sua língua materna, no entanto foram corretamente produzidas, o que demostra que os grupos são capazes de perceber e produzir os sons consonânticos da língua portuguesa. No entanto, talvez não saibam como configurar a cavidade oral para conseguir produzir as vogais.

Assim, fazemos nossas as palavras de Machry da Silva (2014), quando diz que as pessoas que recebem instrução formal percebem o contraste da língua alvo, mas não o aplicam necessariamente nas suas produções.

3.1.3. Redução do vocalismo átono

Para avaliar este processo utilizamos duas palavras do *corpus*: o nome *corpo* e o adjetivo *corporal*, a primeria como referente da redução que debe aparecer na segunda, ou seja as duas representam a redução de [o] tónico para [u] átono. Ambas as palavras foram utilizadas em diferentes frases totalizando 3 pontos.

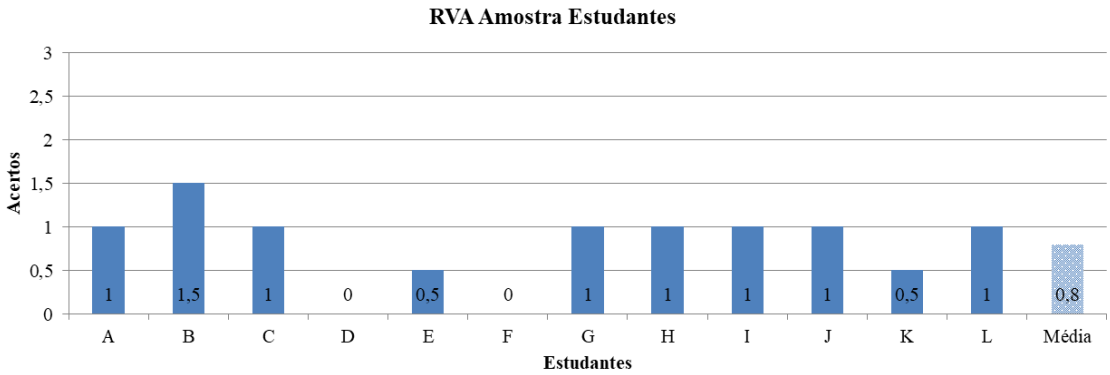
As frases aparecem no Quadro 22.

corpo	A preparação do corpo faz parte da formação do ator.
corporal	A expressão corporal e a voz são importantes no teatro.
	Um ator deve dominar sua expressão corporal.

Quadro 23: palavras utilizadas para medir RVA

É importante começar por referir que a redução do vocalismo átono foi o processo fonológico com menos realizações corretas. Ambas as amostras tiveram resultados abaixo de 50%. Julgamos pertinente expressar as quantidades em percentagens, já que a quantidade de palavras era reduzida. No entanto, quando falamos em percentagens, mantemos as proporções.

Tal como nos outros dois processos fonológicos, na RVA não se verificaram diferenças acentuadas no desempenho global das amostras. Por essa razão, o desempenho das duas amostras é analisado em conjunto. O Gráfico 14 representa os resultados gerais de cada amostra.



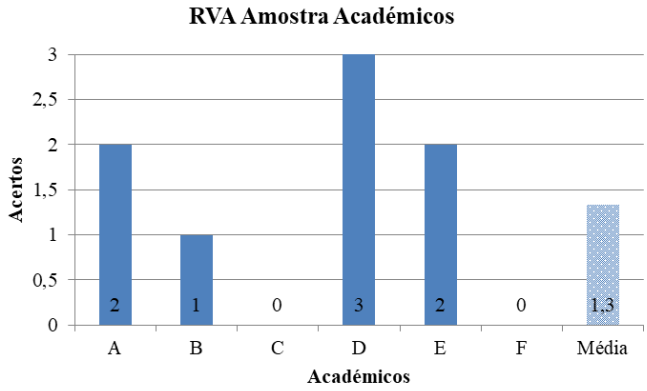


Gráfico 14: RVA – Médias amostra de estudantes e de académicos. Total 3 palavras.

No eixo horizontal, as letras indicam os participantes, os números dentro das barras, o total obtido por cada um deles, num máximo de 3 pontos. No fim aparece a média por grupo.

O corpus selecionado para estudar este processo foi de três palavras, em que duas deviam apresentar redução da vogal pré-tónica. Nenhuma das amostras atingiu o máximo desejado. De facto, ambas têm uma média situada abaixo de 50%, com 0,8 acertos para os estudantes e 1,3 para os académicos.

Na derivação de uma palavra, não é evidente que a mudança na tonicidade faça com que um <o> gráfico, seja produzido com forma reduzida, como [u]. Por isso, não se evidencia RVA nos resultados, tal como o Gráfico 15 mostra.

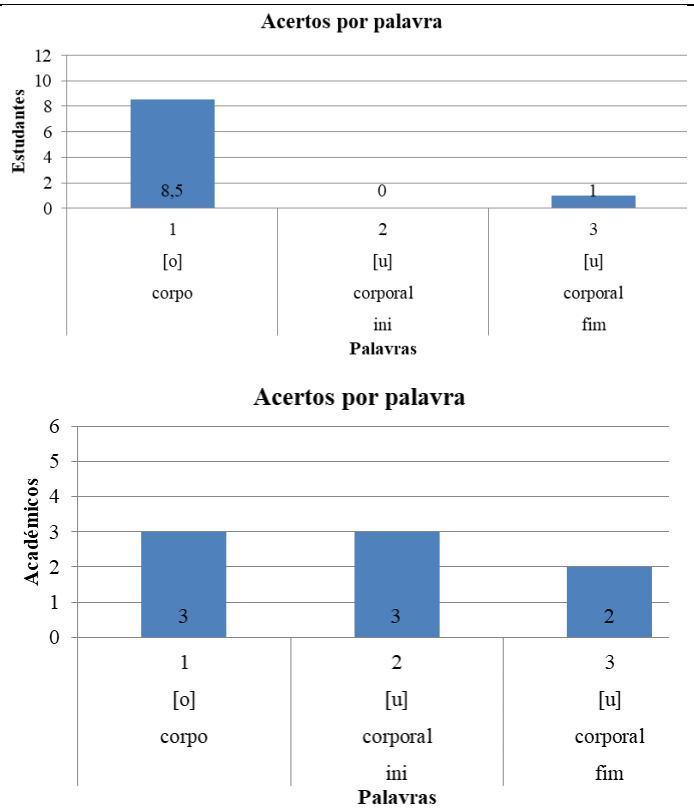


Gráfico 15: RVA – Acertos por palavra estudantes e académicos. No eixo horizontal aparecem as três palavras, com o respetivo som e posição dentro da frase. No eixo vertical, encontram-se os 12 estudantes e os 6 académicos, e dentro das barras, a quantidade de pronúncias corretas da palavra.

Na análise palavra a palavra, não se identifica uma ocorrência sistemática nem articulação correta na pronúncia dos sons das amostras. Por um lado, *corpo*, como visto no processo anterior, foi pronunciado quer como [o] ou como [ɔ], por outro lado, *corporal* foi reduzido a [u] muito poucas vezes.

Este baixo desempenho, pode ser justificado pelo facto de as amostras serem constituídas por falantes nativos de espanhol. As vogais do espanhol caracterizam-se por ter uma pronúncia forte e clara em qualquer contexto e, apesar de ser possível uma diminuição no timbre da vogal átona, esta nunca se reduz. Portanto, em palavras como *corporal*, o grafema <o> tende a ser pronunciado como o indica a fonética das vogais espanholas: [o].

A secção seguinte apresenta os resultados e análise do processo de nasalização, por amostra e comparando as amostras entre si.

3.1.4. Nasalização

Este processo fonológico foi avaliado através de 18 palavras, utilizadas em 10 frases, de forma aleatória, num total de 28 lugares equivalentes à mesma quantidade de pontos.

Os sons avaliados neste processo são 8: [ĩ],[ẽ],[ɐ̃],[õ],[ũ],[ɐ̃j],[ɐ̃w] e [õj], nas seguintes palavras:

[ĩ]	minha, linda
[ẽ]	noventa, sempre
[ɐ̃]	emocionante, grande, cantina, importantes, fã, fãs
[õ]	bom
[ũ]	um, muito
[ɐ̃j]	mãe
[ɐ̃w]	expressão, são, preparação, formação
[õj]	emoções

Quadro 24: palavras utilizadas para medir NAS

As palavras foram utilizadas nas seguintes frases:

1. Fui ao Estádio Nacional e vi um emocionante jogo.
2. A minha mãe é fã da música dos noventa.
3. O almoço da cantina da universidade é muito bom, eu sempre como lá.
4. Cristiano Ronaldo tem um grande clube de fãs.
5. Eu gosto da cantina da faculdade, sempre vou lá e almoço.
6. A expressão corporal e a voz são importantes no teatro
7. Um ator deve dominar sua expressão corporal
8. A preparação do corpo faz parte da formação do ator.
9. A minha roupa é linda! Tenho muito bom gosto
10. Além da voz, as emoções também são transmitidas pelos corpos.

O Gráfico 16 apresenta os resultados obtidos pela amostra de estudantes na Le1 e Le2; o gráfico 17 mostra os resultados gerais.

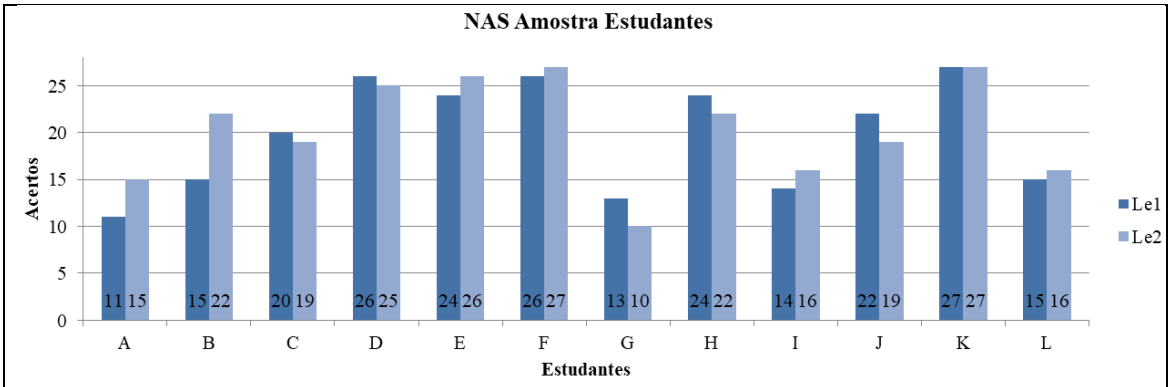


Gráfico 16: NAS – Le1 e Le2 amostra de estudantes. Total 28 palavras.

O azul escuro corresponde à leitrua 1 (Le1) e o azul claro, à leitura 2 (Le2). Dentro de cada barra, aparecem os resultados obtidos em números, em um máximo de 28 pontos. As letras A – L correspondem aos 12 participantes da amostra**.**

Com um total de 28 pontos, o processo de nasalização teve uma média de 20 acertos, o que posiciona este processo como o melhor realizado por ambas as amostras. Ao mesmo tempo, comprova-se a hipótese de que este processo teria melhor desempenho do que os outros.

O gráfico 16, que compara a Le1 e a Le2, mostra, mais uma vez, que o desempenho dos estudantes não melhorou substancialmente na segunda leitura. De um total de 12 estudantes, 6 tiveram um incremento leve nas respostas corretas; 5 estudantes, uma diminuição na quantidade de respostas corretas, e um manteve o seu resultado inicial. A variação no desempenho indica que a pronúncia dos participantes não é estável, com exceção do estudante K.

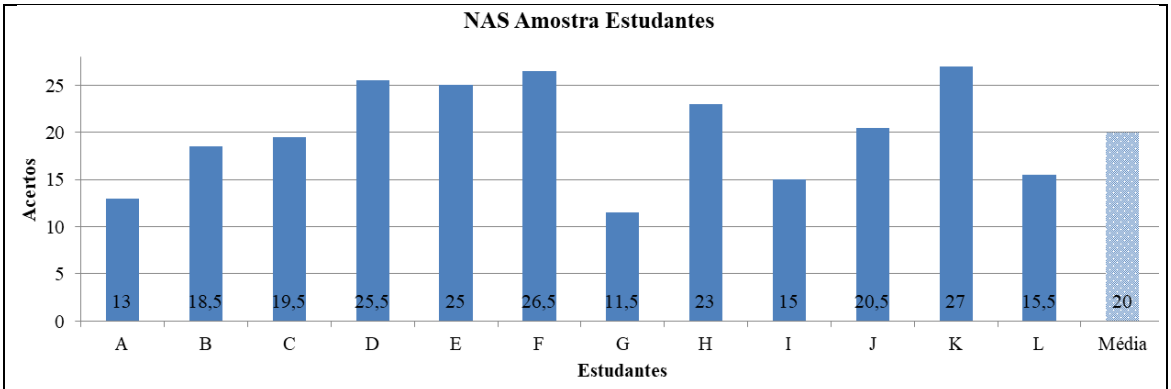


Gráfico 17: NAS – Média amostra de estudantes. Total 28 palavras.

No eixo horizontal as letras designam os estudantes, no vertical, os números dentro das barras representam os resultados individuais para a tarefa de NAS, mais a média do grupo.

Metade da amostra obteve resultados destacáveis, com valores acima da média de respostas corretas.

Um dos fatores que pode explicar o melhor desempenho nesta tarefa é a existência do til. Como se trata de um teste de leitura, o til, para os alunos, corresponde a uma marca de nasalidade, e, portanto, cada vez que ele aparece numa palavra, é sinal do tipo de som que eles devem realizar.

Quanto a palavras com nasalidade, mas sem til, a realização do som nasal pode ser explicada pelo contexto nasal. Vimos em 1.3.3. que, em espanhol, as vogais que se encontram em contextos nasais podem assimilar esse traço, contudo não se trata de uma regra.

O gráfico 18 apresenta as 28 palavras utilizadas para medir a nasalização em português e a quantidade de acertos tanto para a Le1 como para a Le2.

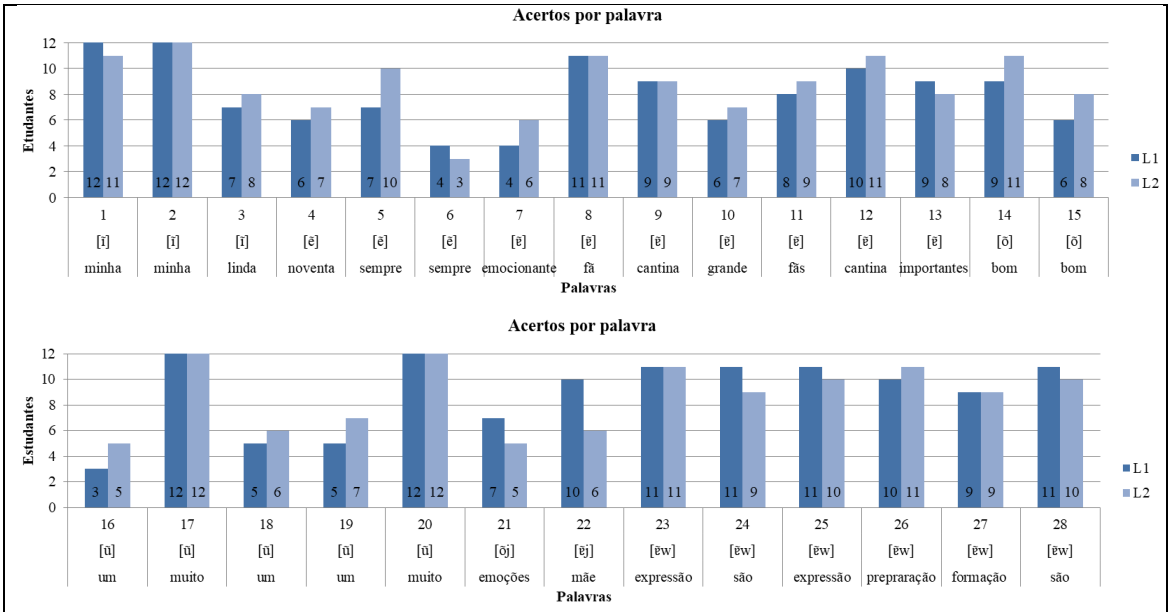


Gráfico 18: NAS – Acertos por palavra amostra de estudantes

No eixo horizontal aparecem as 28 palavras, com o respetivo som. No eixo vertical, encontram-se os 12 estudantes e, dentro das barras, a quantidade de pronúncias corretas da palavra. Azul oscuro indica a leitura 1 e azul claro mostra a leitura 2.

Para esta análise, consideremos que o máximo corresponde a 12, que é a quantidade de participantes da amostra de estudantes.

Ao contrário dos dois processos descritos anteriormente, a nasalidade vocálica em português tem uma marca ortográfica: o til. Esta marca ortográfica ajuda os participantes a reconhecerem que a vogal com til tem uma caraterística diferente, que se expressa oralmente como nasalidade. De facto, as palavras que têm til apresentam o maior número de realizações corretas. Servem como exemplo as palavras 8 (*fã*), 23 (*expressão*), 26 (*preparação*) e outras no gráfico.

Nos casos em que a nasalidade é contextual, ou seja, com presença de consoantes nasais, a nasalização não se produz de forma evidente nem sistemática, sobretudo nas palavras que têm a mesma grafia no espanhol como 4 (*noventa*), 6 (*sempre*), 7 (*emocionante*), 10 (*grande*) e 16 (*um*). O facto de a nasalidade não ser uma caraterística evidente do espanhol como indicado por Borland (2004) e outros autores, pode explicar por que não aparece na totalidade dos contextos.

Chama à atenção a grande diferença na quantidade de acertos em palavras com o mesmo som. Por exemplo, /u/ de *muito* teve mais realizações nasais que /u/ de *um*. A

tendência nesta última palavra foi a de pronunciar a consoante nasal final, tal como se faz no espanhol.

Passemos agora aos resultados obtidos pela amostra de académicos, apresentados no Gráfico 19.

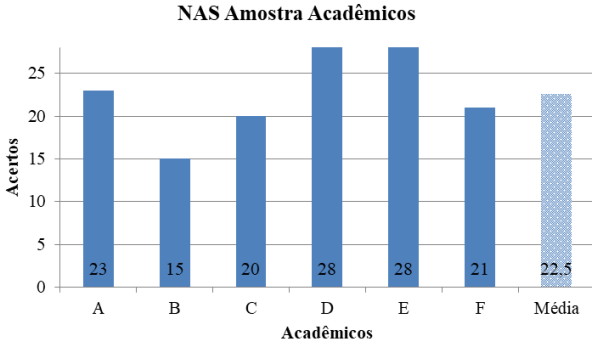


Gráfico 19: NAS – Resultados e média geral amostra de académicos. Total 28 palavras. No eixo horizontal as letras designam os académicos, no vertical, os números dentro das barras representam os resultados individuais para a tarefa de NAS, mais a média do grupo.

A amostra de académicos teve uma média geral levemente mais elevada que a da amostra de estudantes, fenómeno cuja tendência se manteve nos três processos estudados.

Metade dos participantes desta amostra apresentam resultados acima da média geral, e dois conseguiram o resultado máximo.

A seguir faremos a análise por palavra para este processo.

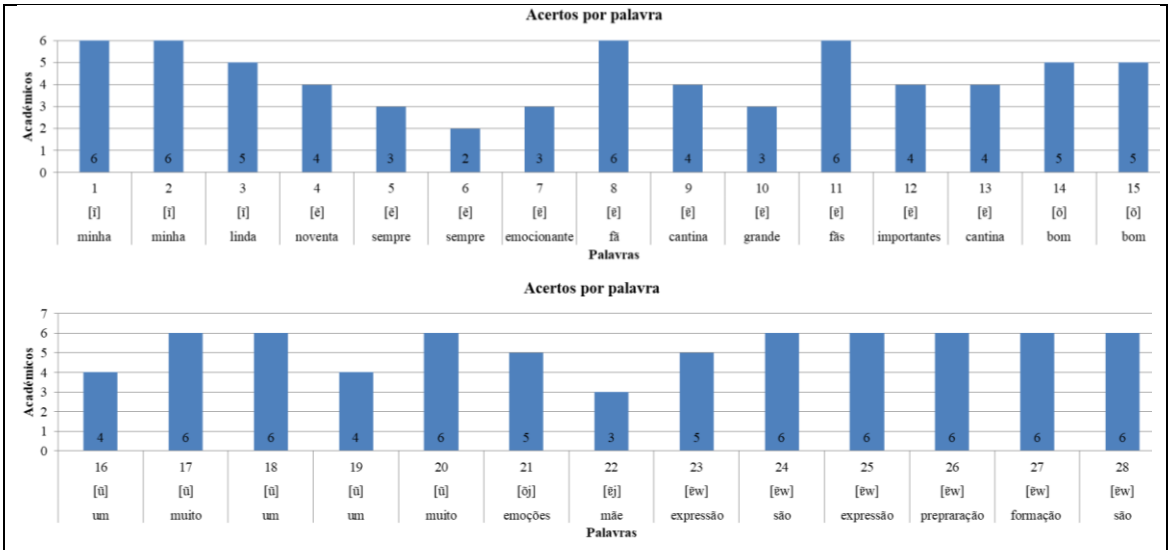


Gráfico 20: NAS – Acertos por palavra amostra de académicos. No eixo horizontal aparecem as 28 palavras, com o respetivo som. No eixo vertical, encontram-se os 6 académicos e, dentro das barras, a quantidade de pronúncias corretas da palavra.

Para esta análise o valor máximo é 6, que coincide com a quantidade de participantes da amostra. Assim, é possível ver que as palavras com maior quantidade de acertos são aquelas que apresentam sinal gráfico de nasalização, ou seja, o til.

Consideramos que o facto de se repetir este padrão em ambas as amostras é sinal de que a língua espanhola obedece foneticamente ao que se vê graficamente, assim temos muita nasalização com presença de til, mas pouca nasalização na sua ausência.

Chamam a atenção os elevados índices de nasalização das vogais altas, que nasalizam mais do que as outras vogais nos mesmos contextos, exemplo é o que acontece com a palavra número 3: *linda*, versus a palavra 10: *grande*. Isto coincide com o descrito por Silva (2015:71) que refere que a altura da vogal está diretamente relacionada com a altura da língua durante a nasalização. Assim sendo, é mais fácil nasalizar uma vogal alta do que uma baixa, uma vez que para a primeira basta um pequeno abaixamento do véu palatino, enquanto que as outras requerem maior movimento do véu para que as vogais sejam percebidas como nasalizadas.

Como conclusão, ambas as amostras tiveram melhor desempenho geral neste processo, tendo-se verificado uma maior quantidade de realizações corretas. Tal pode ser explicado, em primeiro lugar, pela presença do til, que influencia a produção de vogais nasais, pois serve como um indicador visual do que se deve produzir oralmente; e em segundo lugar, pela nasalização com base na língua materna dos participantes, uma vez que há influência do contexto nasal, que provoca uma assimilação da nasalidade pelas vogais.

A secção seguinte dá conta da análise do inquérito on-line.

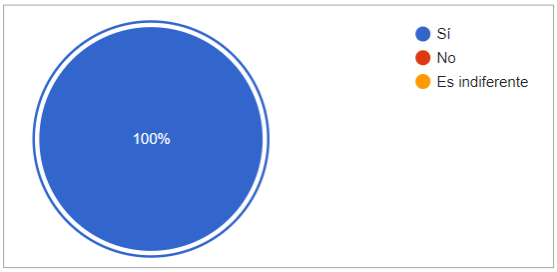
3.2. Resultados inquérito on-line

Como descrito na seção 2.2.2., o inquérito on-line foi desenhado para conhecer as preferências de aprendizagem de fonética dos participantes da amostra de estudantes.

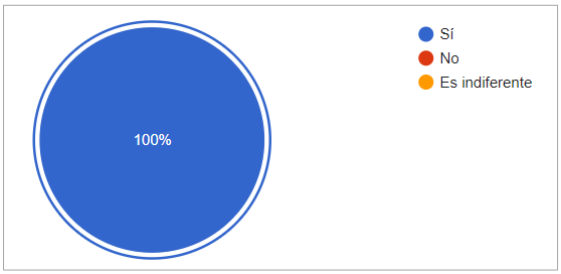
Os resultados das preferências de aprendizagem organizam-se em ordem ascendente, sendo apresentadas em primeiro lugar as opções com menor número de escolhas, seguindo-se as outras alternativas, que aumentam em preferência segundo a quantidade de escolhas. Dos 12 entrevistados da amostra de estudantes, 10 responderam o inquérito on-line, que consistia numa parte complementar e independente do teste oral.

As perguntas e resultados são apresentados a seguir.

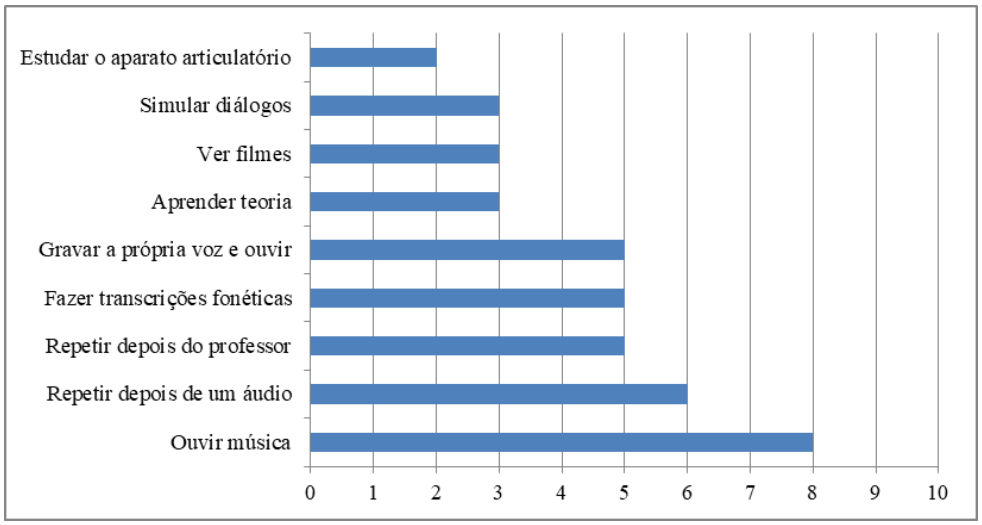
Pergunta 1: Considera que estudar fonética ajuda para aprender uma língua estrangeira em geral?



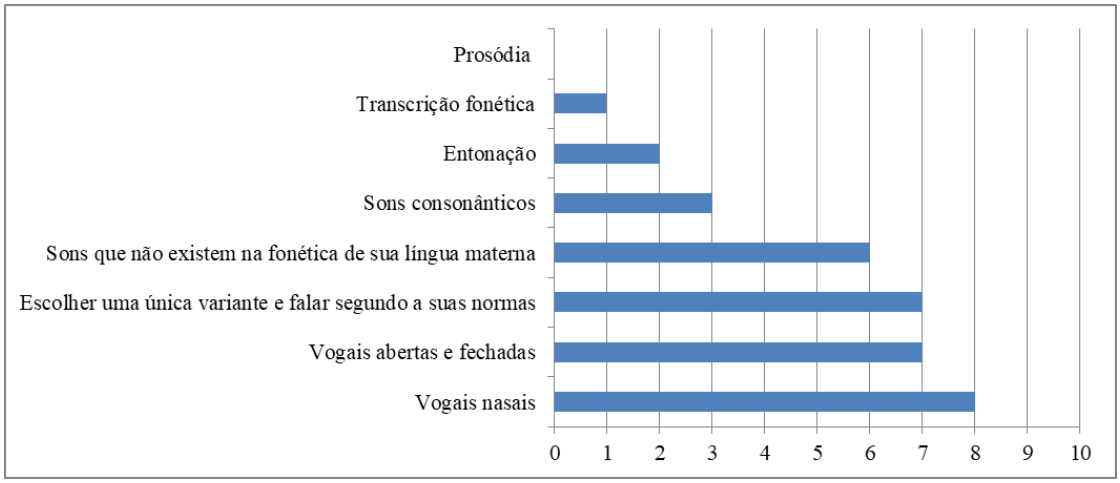
Pergunta 2: Considera que estudar fonética portuguesa ajuda na aprendizagem desta língua?



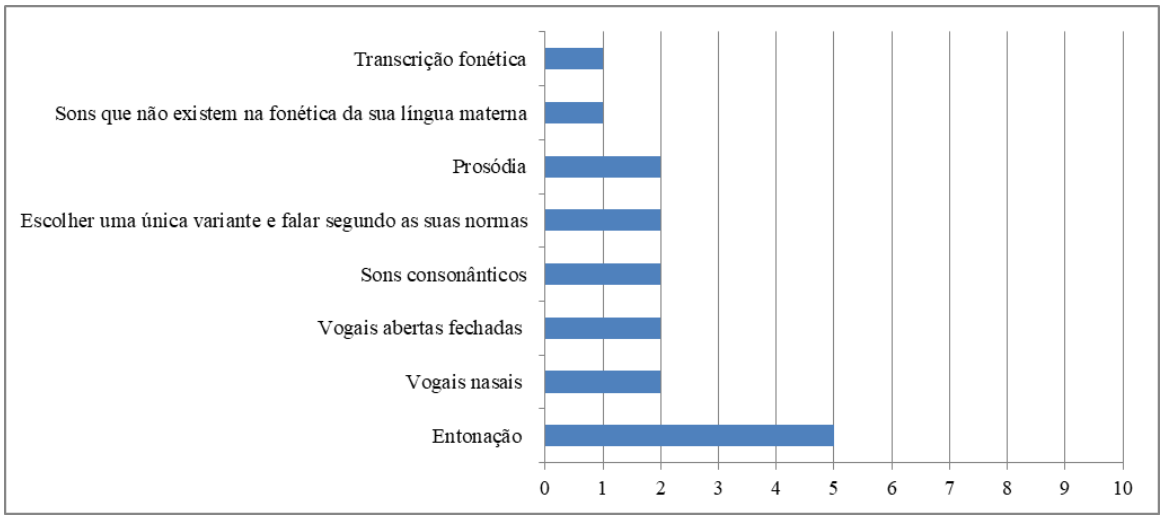
Pergunta 3: Nas aulas, que método prefere para aprender fonética portuguesa?



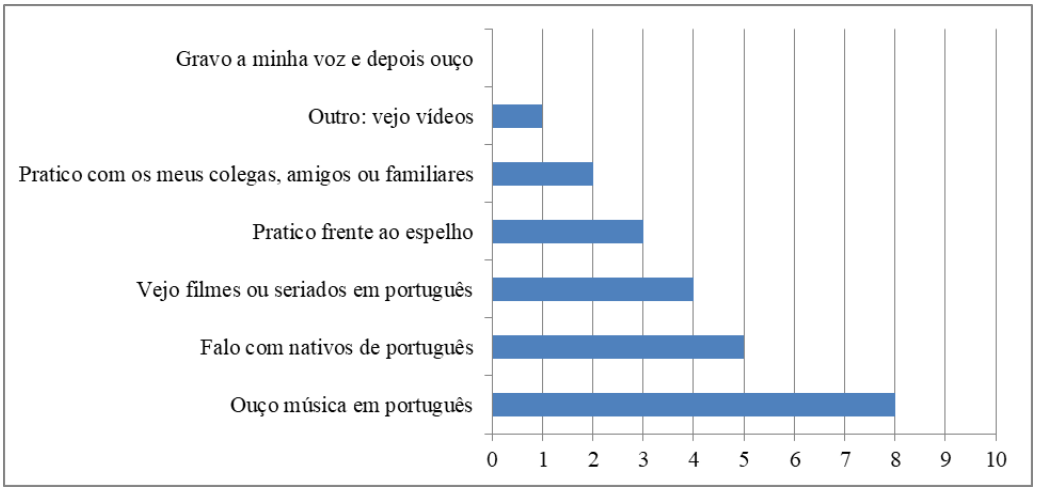
Pergunta 4: Segundo a sua experiência, que é o mais DIFÍCIL da fonética portuguesa?



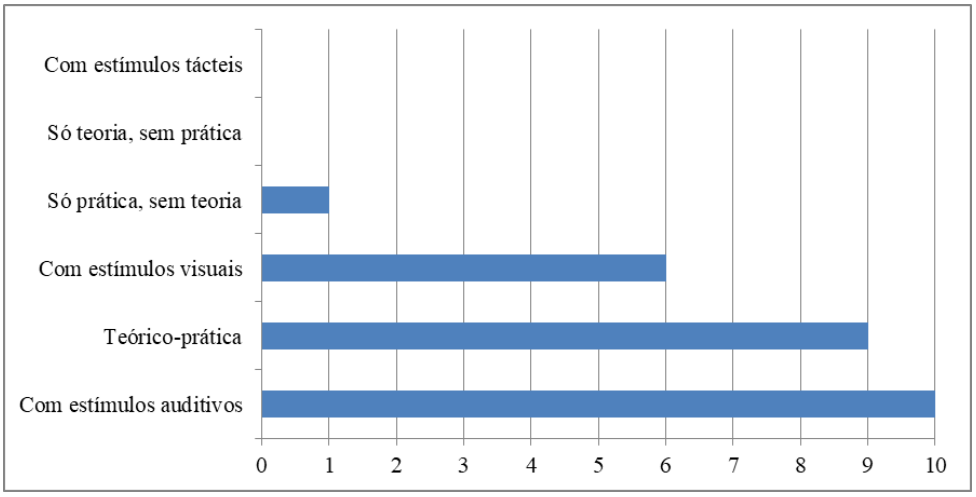
Pergunta 5: Segundo a sua experiência, que é o mais FÁCIL da fonética portuguesa?



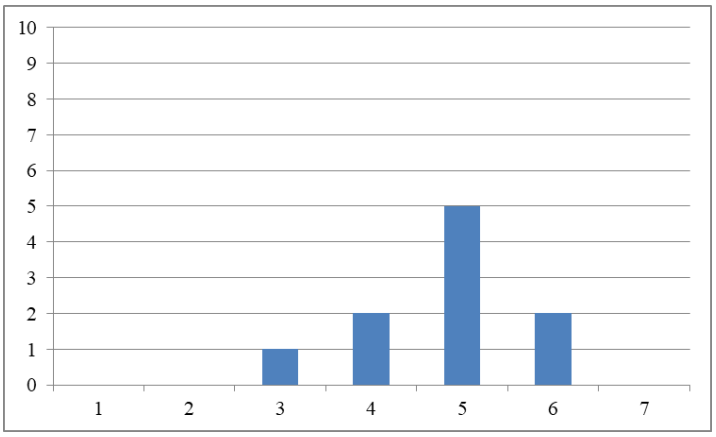
Pergunta 6: Fora de sala de aulas, como pratica a fonética portuguesa?



Pergunta 7: Como gostava que fosse uma aula de fonética portuguesa?



Pergunta 8: Numa escala de notas de 1 a 7, como avalia o seu desempenho na fonética portuguesa?



Considerando que apenas 10 participantes responderam ao inquérito, a pontuação máxima que pode ser atribuída a cada alternativa é de 10 valores.

Na primeira parte do inquérito, dedicada à importância do estudo de fonética, todos os participantes coincidiram na relevância do estudo desta matéria e consideraram que faz parte da aprendizagem de línguas em geral e do português em particular.

Sobre as preferências e estratégias dos estudantes na aprendizagem, as respostas mostram uma clara tendência para atividades de cunho prático, tanto de percepção como de produção, mas sem deixar de lado a teoria.

Apesar de serem testes independentes, comparando o teste oral e o inquérito on-line, verifica-se que as respostas sobre o que os alunos consideram ser o mais difícil da fonética do português, se reflete na prática. Os entrevistados referem como difícil,

segundo a sua experiência pessoal, a produção de vogais tanto nasais como abertas e fechadas, antes da produção de consoantes, tal como mostram os resultados do teste oral.

Vista de um modo geral, a autoavaliação que fizeram coincide com os resultados obtidos na prática. A nota mínima na escala chilena é 1 e a máxima é 7, pelo que os alunos deveriam autoavaliar-se de acordo com esses valores.

A média da autoavaliação é 4,8 que equivale a 68% da nota. A nível geral este resultado está perto dos 26,6 pontos equivalentes a 63,6% no desempenho do teste oral. Ou seja, os resultados da autoavaliação refletem-se nos resultados do teste oral e vice-versa.

No entanto, a nível individual, alguns participantes que obtiveram resultados acima da média geral do seu grupo avaliaram-se com nota 3, considerada baixa nesta escala. Do mesmo modo, alguns participantes quese avaliaram com nota intermédia, obtiveram resultados abaixo da média na parte prática. As questões de percepção do próprio desempenho são muito subjetivas, pois cada pessoa utiliza uma escala particular para avaliar a sua execução e, às vezes, são muito auto exigentes.

Considerações finais

O presente trabalho de pesquisa teve como objetivo geral analisar a articulação dos sons vocálicos do português por parte de falantes nativos de espanhol. O interesse neste tipo de sons deve-se ao facto de se considerar que uma das tarefas mais complexas é a correta pronunciação da língua portuguesa e, por se ter detectado (e vivenciado) dificuldades na reprodução de alguns destes sons. Outra motivação para a escolha deste tema prende-se com a o facto de as vogais serem menos estudadas e, portanto, estarem menos presentes na literatura comparativa entre português e espanhol, do que as consoantes.

Com o intuito de fazer uma análise fundamentada tanto na teoria quanto na prática, começámos pela caraterização dos sistemas vocálicos da língua portuguesa e da língua espanhola. Deste modo, seria possível estabelecer algumas relações entre eles, e encontrar argumentos para sustentar para os resultados de pesquisa.

A principal conclusão resultante da análise teórica é que a nível vocálico, o português e o espanhol têm processos diferentes que originam dois triângulos vocálicos diferentes. O português conta com dois graus de abertura intermédia e, portanto, com maior número de sons vocálicos; tem processos fonológicos que incidem sobre as vogais, abrindo ou fechando a sua articulação; além de dois (no PEC) ou três (no PBC) sistemas vocálicos segundo a tonicidade da vogal. O espanhol, por sua vez, tem só um nível de vogais intermédias, com um triângulo de vogais que se mantém estável quer em posição átona quer em posição tónica. Além disso, os processos fonológicos nesta língua criam ditongos e não novas vogais.

Para o desenvolvimento da parte empírica, recorreu-se à recolha de *corpus* orais com dois grupos: "amostra de estudantes" e "amostra de académicos". Foi pedido que ambos os grupos lessem um teste que avaliou a produção vocálica em português de palavras que apresentavam três processos fonológicos: harmonização vocálica (HV), redução do vocalismo átono (RVA) e nasalização (NAS).

Os processos fonológicos considerados para este estudo não existem como tal na língua espanhola, portanto, não se podem estabelecer equivalentes exatos entre ambas as línguas. Contudo, foi possível estabelecer pequenas comparações, relativamente à HV e à NAS. O mesmo não foi possível no caso da RVA, dado que no espanhol não se verificam reduções vocálicas em sílabas átonas, pois, como sabemos, é uma língua com

um sistema vocálico estável, ou seja, possui, apenas um som para cada vogal, com articulação clara de cada um deles.

Finalizada a análise do *corpus* oral, foi possível concluir que todos os participantes do estudo são capazes de articular os sons da L2, mas não os usam de forma sistemática. Este facto pode estar relacionado com o desconhecimento dos processos fonológicos, ou, por não conseguir discriminar entre sons semelhantes.

De modo geral, as vogais semiabertas e semifechadas do português são produzidas como se pertencessem a um único nível pelos falantes nativos de espanhol. O que coincide com a divisão em três e não em quatro níveis de grau de abertura do seu sistema vocálico.

De forma mais específica, o nível dos participantes deste estudo é suficiente para lhes permitir reconhecer entre os dois níveis de abertura vocálica do português, contudo, os participantes não são capazes de discriminar quando devem aplicar as regras de HV. Por isso, equaciona-se a possibilidade de os seus acertos terem sido resultado de uma mera coincidência com o contexto, mais do que uma produção consciente.

Sabemos que nem todas as línguas românicas apresentam oposições na abertura das vogais intermédias (Veloso, 2016). Eeste trabalho mostrou que os sistemas vocálicos espanhol e português têm em comum os graus de abertura máxima e mínima, mas que diferem ao nível das vogais intermédias, apresentando o português dois níveis que estabelecem oposições fonológicas (semifechadas e semiabertas) em palavras como j[o]go/j[ɔ]go ou alm[o]ço/alm[ɔ]ço, estudadas neste trabalho.

Esta diferença nos graus de abertura intermédia das vogais portuguesas faz com que os falantes de espanhol não consigam produzir de forma sistemática os dois níveis intermédios, quando falam em português. Independentemente de serem vogais mais abertas ou fechadas, não há uma correta reprodução dos sons em português, pois as produções das amostras oscilam entre [o] e [ɔ]. Esta constatação coincide com o observado por Veloso (2016):

> Línguas como o italiano e o espanhol, por exemplo, admitem unicamente, quer na série das vogais anteriores, quer na das recuadas, uma vogal intermédia, /E/ ou /O/, foneticamente realizável, respetivamente, como [ɛ]/[e] e [ɔ]/[o] (Lausberg 1981, 59–62, 110, 116ss.; Alarcos Llorach 41991, 146ss.; Dardano 2005, 27; Kenstowicz 2010). A oscilação entre uma vogal semifechada ([e]/[o]) e uma vogal semiaberta ([ɛ]/[ɔ]), nestas línguas, depende, na maior

parte dos casos, de fatores de natureza contextual, prosódica ou dialetal (cf. e.g. Alarcos Llorach 41991, 149; Dardano 2005, 27; Kenstowicz 2010).

Encontramos uma explicação válida na natureza dos triângulos vocálicos de cada língua, nos quais se verifica uma diferença nos níveis de abertura, e que incide sobre a reprodução das vogais médias. Os falantes nativos de espanhol não são capazes de reproduzir essa diferença a nível fonético. Apesar de estarem conscientes da categoria gramatical da palavra em função do contexto em que esta aparece, não conseguem exprimir essa diferença na oralidade.

Referindo-nos aos resultados, ambas as amostras tiveram resultados gerais mais altos no processo de nasalização, tendo melhor desempenho nesta tarefa. O melhor desempenho na nasalidade é comprovado pela maior quantidade de acertos nas produções vocálicas que obteve este fenómeno, dentro dos parâmetros esperados. Um dos fatores que se podem atribuir a este desempenho mais elevado é que a nasalidade em português é uma caraterística fonética/fonológica que tem uma indicação visível na escrita, na forma de um til, ou no contexto de vogal acompanhada de consoantes nasais. Assim o falante de PLE consegue nasalizar a vogal graças à parte visual do texto, caso não saiba quando o fazer de forma autónoma. Outro fator é que a nasalidade contextual pode ser mais familiar, já que é produto de uma assimilação que, às vezes, acontece no espanhol.

O mesmo não acontece com as vogais semiabertas e semifechadas, na medida em que não há uma marca visual que sirva como indicador do grau de abertura/fechamento de uma vogal, apesar de o contexto ajudar a identificar duas categorias gramaticais diferentes, por exemplo, as palavras *jogo* verbo, e *jogo* nome.

Por outro lado, obtiveram-se resultados mais baixos na redução do vocalismo átono. Como vimos, os sistemas fonológicos átonos do português e do espanhol são diferentes. O primeiro aceita três representações de superfície, enquanto o segundo, cinco (que é igual ao tónico).

Por esta razão, todas as realizações de superfície de <o> corresponderam a /O/, a única representação de subjacente com pronúncia indiscrimiada em superfície como [o] ou [ɔ] coincidente com o que existe para esse grafema no espanhol. Relativamente às palavras em estudo (*corpo* vs. *corporal*) o <o> gráfico átono não foi reproduzido como [u].

Apesar da aparente diferença no nível das amostras, assente na experiência de cada uma, os resultados mostram que os falantes nativos de espanhol comportam-se de

maneira semelhante entre eles. Portanto, não é possível estabelecer dois grupos marcadamente diferentes, baseando-nos na categoria dos participantes. Não se obtêm resultados marcadamente diferentes comparando estudantes e académicos. Também não é possível estabelecer grupos diferentes com base na variedade como espanhol chileno vs. espanhol peninsular, pois, como foi referido anteriormente o espanhol é bastante estável, sobretudo no que diz respeito ao sistema vocálico. O comportamento das amostras assim o comprova.

Os participantes deste estudo, independentemente do seu nível de português e do tempo de contacto com a língua portuguesa, manifestam dificuldades em produzir os sons vocálicos do português e, portanto, em diferenciar os dois níveis de vogais intermédias. Isto pode dever-se principalmente ao facto de a sua língua materna, o espanhol, possuir apenas um nível intermédio. Disto resultam pronunciações ora com [o], ora com [ɔ] para uma mesma classe de palavra (nome vs. verbo). Palavras com a mesma grafia, com contraste fonológico apenas na vogal, em português formam pares mínimos e, portanto, manter este contraste é relevante.

Ambas as amostras têm em comum o ensino formal de língua portuguesa, com a diferença de que a amostra de académicos tem mais experiência com a língua. Ambos os grupos são capazes de reproduzir de forma diferenciada os fonemas semiabertos, semifechados e nasais, no entanto, não apresentam uma produção sistemática e de acordo com o contexto em que se espera um som em específico.

Esta aleatoriedade na pronúncia dos nossos participantes pode ser reflexo de uma falta de maturidade fonético-fonológica, pois não duvidamos que os participantes são capazes de identificar as categorias gramaticais das palavras. No entanto, não têm sucesso em exprimir foneticamente essa diferença, através de sons diferentes. Também pode ser reflexo da pouca importância atribuída a este tema nos cursos de formação, que dão prioridade a outros assuntos como a gramática, a sintaxe, etc., em detrimento da oralidade. Além disso, o desempenho na oralidade pode ser influenciado pela área na qual se desenvolve um profissional: tradutores, intérpretes, professores e pesquisadores de português podem ter diferentes áreas de ação.

Esta investigação mostrou que tanto os estudantes de português como os académicos da língua precisam atingir níveis mais elevados no entendimento da fonologia da L2, e melhorar a qualidade da sua produção oral. Por um lado, porque os estudantes são futuros profissionais da língua e, por outro, porque os académicos, no seu

papel de formadores de profissionais, devem utilizar um modelo de pronúncia estável, caso contrário, estariam perpetuando uma pronúncia inadequada.

A forma de instrução e o tempo de contato com a língua de trabalho ajudam a criar novas categorias de sons que não estão presentes na língua materna, sejam eles consonânticos, ou vocálicos. Deste modo, considera-se que, através de uma adequada abordagem pedagógica da fonologia, que considere tanto o nível subjacente como de superfície, é possível que os estudantes reproduzam as vogais que não pertencem ao sistema da sua língua materna.

Dado que os processos fonológicos obedecem a regras sistemáticas, mas também consideram exceções conhecidas na língua, a sua teoria, internalização e reprodução poderá ser ensinada para que os estudantes de PLE utilizem a fonética de forma a cumprir as regras.

Comparar os sistemas vocálicos de ambas as línguas ajuda, em primeiro lugar, a compreender as caraterísticas de cada um, a ver como são diferentes e a perceber a que se devem as dificuldades na pronúncia de português. Em segundo lugar, a que, a partir daí, se possam elaborar estratégias ajustadas ao perfil dos estudantes de português, seguindo a sua formação, os seus interesses e as caraterísticas da sua língua materna. Com isto, podemos ter um ponto de referência com o qual comparar as pronúncias e ajudar a que tenham um maior nível de correção. Julgamos que o mesmo princípio possa funcionar para falantes nativos de português que aprendem espanhol.

Concordamos com Mateus (2014) na ideia de que a explicitação das caraterísticas fonéticas das vogais do português revela-se importante no ensino desta língua, sobretudo, no caso de estudantes cujas línguas não apresentam os fenómenos aqui estudados.

Por último, gostaríamos de referir algumas limitações e projeções deste estudo. A principal limitação está relacionada com o tamanho da amostra. Por ser uma amostra pequena, o trabalho tem pouco valor estatístico e, em caso algum, pode ser utilizado para fazer generalizações, pois avalia o desempenho de pessoas em um contexto muito específico. Assume-se que uma amostra maior poderia ter dado mais peso às análises, sobretudo as que dizem respeito a inferências.

Outro ponto que pode ser discutido é que a amostra de estudantes não apresenta uma distribuição equitativa de participantes por nível. Considera-se que uma mesma quantidade de participantes por grupo, resultaria em comparações mais fidedignas.

Todavia, lamentavelmente, é uma variável que não conseguimos contornar, já que a participação no estudo era de caráter voluntário.

A análise do corpus oral foi perceptiva, no entanto, consideramos que uma análise com recurso a software específico poderia ter facilitado a classificação das produções orais. Nesse sentido, para um estudo futuro pode ser feita uma análise acústica para estudar a configuração da cavidade oral e a posição da língua durante a produção de sons vocálicos da língua estrangeira.

O instrumento de recolha de dados foi elaborado pelo grupo investigador, mas não foi validado antes da aplicação, pelo que mais tarde encontraram-se algumas dificuldades em categorizar os processos. No entanto, os dados obtidos foram suficientes para alcançar o objetivo do trabalho. Numa pesquisa futura, o teste poderá ser redesenhado ou poderá ser utilizado um teste padronizado, com mais controlo sobre o que se pretende avaliar ou com mais diversidade de palavras.

Finalmente, as projeções deste estudo dizem respeito ao desenho de metodologias de ensino da fonologia de português ou de qualquer L2. Quer elas sejam desenvolvidas com base na L1, associadas à percepção, à atitude, à motivação, ou a estratégias diversas, etc. devem contribuir para a proficiência na oralidade.

Assim também contribuímos com a valorização do ensino de fonética e fonologia, sobretudo em cursos profissionalizantes e em ambientes académicos.

A experiência com o teste oral permite pensar em relacionar, num estudo futuro, as variáveis “correção” e “inteligibilidade”. Os resultados obtidos mostram que o nível de correção é consideravelmente mais baixo do que o nível de inteligibilidade. Todas as palavras são entendíveis (dada a proximidade pt-es), mas nem todas são pronunciadas com o mesmo nível de proficiência. O presente estudo foi dicotómico ao avaliar se havia ou não correção, sem considerar níveis intermédios.

A inteligibilidade é mais fácil de atingir do que a correção, principalmente devido à proximidade das duas línguas em estudo, ao facto de as palavras do teste serem inseridas dentro de um contexto e à atitude compreensiva do interlocutor/avaliador.

Podemos resumir a interação destas variáveis dizendo que uma mensagem pode ser compreendida, graças ao contexto, mas sem prestar atenção rigorosa à articulação ou pronunciação. Contudo, essa compreensão não seria a mesma se se produzissem palavras isoladas, em que a única forma de saber a que significado correspondem é a correta produção de um som vocálico. Para o perfil das pessoas envolvidas neste estudo, linguistas formandos e formados, a correta pronúncia deve ter um nível maior.

Referências bibliográficas

Alba, O. (2001). Manual de Fonética Hispánica. Puerto Rico: Plaza Mayor.

Almeida, M. (1990). El timbre vocálico en español actual. *Filología Románica*, 7, 75–86. Disponível em http://revistas.ucm.es/index.php/RFRM/article/view/RFRM9090110075A

Bisol, L. (2003). Neutralização das átonas. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada,* 19(2), 267–276. Disponível em https://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502003000200002

Bisol, L. (2013). Harmonização vocálica: efeito parcial e total. *Organon,* 28(54), 49–61. Disponível em https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/38159/27047

Bisol, L. (2015). A harmonização vocálica como indício de uma mudança histórica. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada,* 31(1), 185–205. Disponível em https://dx.doi.org/10.1590/0102-445003866807305352

Bisol, L. (2016). A nasalidade fonológica no português e suas restrições. *Diadorim*, 18, 116–126. Disponível em https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4050/3028

Bisol, L. e Veloso, J. (2016). Phonological processes affecting vowels: neutralization, harmony, and nasalization. In Wetzels, L., Menuzzi, S., Costa, J. (Eds.), *The Handbook of Portuguese Linguistics* (pp. 69–85).

Borland Delorme, K. E. B. (2004). La variación y distribución alofónica en el habla culta de Santiago de Chile. *Onomázein*, 2(10), 103–115. Disponível em http://onomazein.letras.uc.cl/Articulos/10/5_Borland.pdf

Gomes, C. e Manoel, C. (2010). Flexão de número na gramática da criança e na gramática do adulto. *Veredas on line. Atemática*, 1, 122–134. Disponível em http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/08/ARTIGO-91.pdf

Hualde, J. (2014). *Los sonidos del español: Spanish Language edition*. Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511719943.005

International Phonetic Association, (2015). *The International Phonetic Alphabet*. Disponível em https://www.internationalphoneticassociation.org/content/full-ipa-chart#ipachartdeja

Lipski, J. (1996). *El español de América*. Madrid: Cátedra.

Machry da Silva, S. (2014). *Aprendizagem fonológica e alofônica em L2: percepção e produção das vogais médias do português por falantes nativos do espanhol* (Tese de Doutorado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre). Disponível em http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2134/1/455116.pdf

Marín Gálvez, R. (1994-1995). La duración vocálica en español. *E.L.U.A. Estudios de Lingüística*, 10, 213–226. Disponível em https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6389/1/ELUA_10_11.pdf

Martínez Celdrán, E. (1995). En torno a las vocales del español: análisis y reconocimiento. *Estudios de fonética experimental*, 7, 195–218. Disponível em https://www.raco.cat/index.php/EFE/article/view/144415/256847

Mateus, M.H. M. (1975). *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Publicações do Centro de Estudos Filológicos. Lisboa.

Mateus, M.H. M. (2001). A face exposta da língua portuguesa. Disponível em http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2001-mhmateus-lportuguesa.pdf

Mateus, M.H. M. (2003). A Harmonização vocálica e o abaixamento de vogais nos verbos do português. In *Língua portuguesa, estruturas, usos e contrastes* (pp. 289–301). Disponível em https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/18497

Mateus, M.H. M. (2014). O comportamento das vogais nas variedades do português. *Lingüística*, 30(2), 19–43. Disponível em http://www.scielo.edu.uy/pdf/ling/v30n2/v30n2a03.pdf

Mateus, M.H. M. et al. (2003). Fonologia. In *Gramática da Língua Portuguesa (5ª edição, revista e aumentada)*. Lisboa: Editorial Caminho (pp. 988–1033).

Mateus, M. H. M. and d'Andrade, E. (2000). *The phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press. Pp. x 162. Phonology, 18(2), 309–312. doi:10.1017/S0952675701004109

Moraes, A. e Wetzels, L. (1992). Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonologia experimental. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 23, 153–166. Disponível em https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636851/4572

Morales, F. y Lagos, D. (2000). *Manual de fonología española*, 4ª edición, Playa Ancha (Chile): Puntángeles.

Pereira, D., y Soto Barba, J. (2011). Duración absoluta de las vocales del español urbano y rural de la provincia de Ñuble. *Boletín de Filología*, 46(1), 153–160. Disponível em https://boletinfilologia.uchile.cl/index.php/BDF/article/view/18031/18813

Quilis, A. (1979). Comparación de los sistemas fonológicos del español y del portugués. *Revista española de lingüística*, 9(1), 1–22. Disponível em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=41058

Quilis, A. (1993). Entonación. In *Tratado de fonología y fonética españolas*. Madrid: Gredos. (pp. 409–489).

Rabanales, A. (2000). El español de Chile: presente y futuro. O*nomázein*, 5, 135–141. Disponível em http://onomazein.letras.uc.cl/Articulos/5/8_Rabanales.pdf

Ribeiro, M. (2018). Um singular, dois plurais? A alteração de timbre da vogal tónica na formação dos plurais metafónicos do PE. *Elingup: revista eletrónica de linguística dos estudantes da Universidade do Porto,* 7(1), 10–28. Disponível em http://ojs.letras.up.pt/index.php/elingUP/article/view/5076/4740

Román, D. (s.d.). Las vocales del español. Domingo Román Montes de Oca. Disponível em http://domingo-roman.net/vocales.html

Rothe-Neves, R. e Valentim, H. (2012). On the duration of nasal vowels in Brazilian Portuguese. *Diadorim*, 12, 108–128. Disponível em https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3974/2952

Sadowsky, S. (2015). Variación sociofonética de las consonantes del castellano chileno [Sociophonetic variation in Chilean Spanish consonants]. *Sociolinguistic Studies,* 9(1), 71–92. doi: https://doi.org/10.1558/sols.v9i1.19927

Salamanca, G., Figueroa, M. y Cifuentes, E. (2011). Sistematización de los criterios para la determinación de los fonos, alófonos y formas básicas de los fonemas del español de Chile: una herramienta para la investigación y la docencia. *Boletín de Filología*, 46(2), 107–133. Disponível em https://boletinfilologia.uchile.cl/index.php/BDF/article/view/18624/19681

Salamanca, G. y Valverde, A. (2009). Prestigio y estigmatización en variantes anteriorizadas y posteriorizadas de las vocales del español de Chile. *Literatura y Lingüística*, 20, 125–140. Disponível em https://dx.doi.org/10.4067/S0716-58112009000100007

Silva, T. C. (2015). *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.* 10. ed. São Paulo: Contexto.

Silva-Fuenzalida, I. (1953). Estudio fonológico del español de Chile. *Boletín de Filología*, 7, 153-176. Disponível em https://revistaei.uchile.cl/index.php/BDF/issue/view/5002

Vaquero de Ramírez, M. (1998). *El español de América I: Pronunciación*. Madrid: Arco Libros.

Veloso, J. (2012). Vogais centrais do português europeu contemporâneo: uma proposta de análise à luz da fonologia dos elementos. *Letras de Hoje*, 47(3,) 234–243. Disponível em http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/11853/8073

Veloso, J. (2013). Redução do vocalismo átono do português europeu contemporâneo: Assimetria dos elementos de tonalidade e interação entre diversos tipos de redução vocálica. In F. Silva, I. Falé, I. Pereira (Orgs.). *XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Faro, outubro 2012). Textos Selecionados*.

Coimbra: Associação Portuguesa de Linguística (pp. 655-672). Disponível em https://www.researchgate.net/publication/259892099

Veloso, J. (2016). Sistema Vocálico e a redução e neutralização das vogais átonas. In A.M. Martins e E. Carrilho (Eds.), *Manual de linguística portuguesa* (pp. 636–662). Berlin, Boston: De Gruyter. https://doi.org/10.1515/9783110368840-026

Wetzels, L. (1991). Harmonização vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização no sistema verbal do português: uma análise auto-segmental. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 21, 25–58. Disponível em https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636878/4600

Wetzels, L. (1992). Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 23, 19–55. Disponível em https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636844/4565

Anexos

A seguir se incluem os documentos utilizados para desenvolver este estudo. Nomeadamente Anexo 1: consentimento informado (em espanhol); Anexo 2 Teste de Leitura utilizado para Le1 e Le2, mais o Anexo 3 inquérito on-line (em espanhol).

Anexo 1

UNIVERSIDAD DE SANTIAGO DE CHILE
CONSENTIMIENTO INFORMADO DE PARTICIPANTES

Título del proyecto. Levantamiento de datos para elaboración de un corpus oral con alumnos de 3°, 4° y 5° años de la Licenciatura en Lingüística Aplicada a la Traducción, mención inglés-portugués.

El equipo investigador. El levantamiento será realizado por Carolina Contreras, profesora en el programa de Lingüística Aplicada a la Traducción (LAT).

Invitación a participar. Se invita a los alumnos a participar en el levantamiento de datos a desarrollarse durante la jornada de clases en la Universidad de Santiago de Chile, consistente en 2 etapas: a) grabar voluntariamente la lectura de frases cortas y b) responder un cuestionario en línea sobre sus preferencias de aprendizaje de fonética en lengua extranjera.

La Universidad requiere que Ud. entregue su consentimiento firmado para participar en este proyecto, para ello, se brinda la siguiente información para que tome una decisión con respecto a participar.

Naturaleza y propósito. El objetivo de este levantamiento de datos es elaborar un corpus de producciones orales en portugués hecha por parte de los alumnos de la carrera de LAT. Los datos serán utilizados para elaboración de una tesis de Magister en Lingüística Portuguesa de la Universidade do Porto.

Explicación del procedimiento. Las clases de lengua portuguesa y traducción en portugués serán grabadas para obtener las producciones orales, además, se pedirá a los alumnos que graben la lectura de frases en lengua portuguesa, y finalmente, se les solicita responder un cuestionario en línea sobre sus preferencias de aprendizaje de fonética extranjera. Las producciones orales serán grabadas en audio y, posteriormente, se transcribirán para análisis.

Riesgos. La participación de los estudiantes y profesores en este procedimiento no implica riesgos de ninguna naturaleza.

Beneficios. Los estudiantes podrán tener la satisfacción personal de saber que con su participación colaboran a aumentar el conocimiento en el área de fonética y fonología del portugués aplicado al contexto de LAT. Lamentablemente, no disponemos de incentivos monetarios por su participación.

Confidencialidad. La identidad de los alumnos participantes en este proceso estará protegida. Asimismo, se garantiza total derecho de privacidad por parte de la profesora. Los datos recolectados serán usados para la elaboración de la tesis, para presentaciones académicas, y para publicaciones en revistas especializadas. Estos datos no serán utilizados por otras personas.

Para resguardar su seguridad, en caso de tener que utilizar textualmente alguna de las contribuciones se utilizarán pseudónimos. Las grabaciones y transcripciones serán almacenadas para análisis.

Derecho a rehusarse o retirarse. La participación es completamente voluntaria. Usted es libre de no participar y no será penalizado por hacer eso.

Consultas. Si tiene consultas acerca de esta investigación, puede contactarse con la profesora Carolina Contreras al e-mail carolina.contrerasf@usach.cl

Acuerdo

Estoy consciente de la naturaleza y grado de mi participación en esta investigación, tal y como aparece explicado anteriormente. De forma voluntaria, acepto participar en el levantamiento de datos, pues entiendo que mis respuestas serán de ayuda para la investigación.

Recibí copia de este procedimiento. Soy mayor de 18 años.

Nombre y firma: _____

E-mail: _____

Fecha: _____ de abril de 2018.

Anexo 2

FOLHA 1

Ler em voz alta as seguintes frases em português:

Eu não jogo com bonecas, já estou velha para isso.

Eu almoço todos os dias depois das 12 horas.

Fui ao estádio Nacional e vi um emocionante jogo.

Não sabemos como vai ser o novo governo.

Hoje comi pão com queijo ao pequeno-almoço.

Eu moro em Santiago, mas os meus pais moram no sul.

Os governos da América Latina deveriam ser mais unidos.

A minha mãe é fã da música dos noventa.

O almoço da cantina da universidade é muito bom, eu sempre como lá.

O gosto da fruta no verão é muito melhor do que no inverno.

Cristiano Ronaldo tem um grande clube de fãs.

Eu gosto da cantina da faculdade, sempre vou lá e almoço.

Quando vou a festas eu volto sempre cedo.

Chocolates, bolachas, gelados, bolos... é isso que eu gosto!

A expressão corporal e a voz são importantes no teatro.

Um ator deve dominar sua expressão corporal.

A preparação do corpo faz parte da formação do ator.

A minha roupa é linda! Tenho muito bom gosto.

O jogo de palavras que usam nas piadas é engraçado.

Cada vez que os alunos voltam das férias, têm que escrever um conto.

Além da voz, as emoções também são transmitidas pelos corpos.

FOLHA 2

Ler em voz alta as seguintes frases em português:

Eu não jogo com bonecas, já estou velha para isso.

Eu almoço todos os dias depois das 12 horas.

Fui ao estádio Nacional e vi um emocionante jogo.

Não sabemos como vai ser o novo governo.

Hoje comi pão com queijo ao pequeno-almoço.

Eu moro em Santiago, mas os meus pais moram no sul.

Os governos da América Latina deveriam ser mais unidos.

A minha mãe é fã da música dos noventa.

O almoço da cantina da universidade é muito bom, eu sempre como lá.

O gosto da fruta no verão é muito melhor do que no inverno.

Cristiano Ronaldo tem um grande clube de fãs.

Eu gosto da cantina da faculdade, sempre vou lá e almoço.

Quando vou a festas eu volto sempre cedo.

Chocolates, bolachas, gelados, bolos... é isso que eu gosto!

A expressão corporal e a voz são importantes no teatro.

Um ator deve dominar sua expressão corporal.

A preparação do corpo faz parte da formação do ator.

A minha roupa é linda! Tenho muito bom gosto.

O jogo de palavras que usam nas piadas é engraçado.

Cada vez que os alunos voltam das férias, têm que escrever um conto.

Além da voz, as emoções também são transmitidas pelos corpos.

Anexo 3

Preferencias de aprendizaje de Fonética Portuguesa

Se solicita responder este cuestionario para conocer cuáles son sus preferencias personales para aprender mejor la fonética de la lengua portuguesa.

Dirección de email *

¿En qué semestre de la carrera se encuentra? Para responder, considere su año de ingreso, es decir, en qué semestre va según su curso de ingreso (no importa si está atrasado en algunos ramos). *

- ☐ Semestre 3, segundo año
- ☐ Semestre 5, tercer año
- ☐ Semestre 7, cuarto año
- ☐ Semestre 9, quinto año
- ☐ Semestre 10, quinto año
- ☐ Otra: [ ]

¿Considera que estudiar fonética es de ayuda para aprender cualquier lengua extranjera en general? *

- ○ Sí
- ○ No
- ○ Es indiferente

¿Considera que estudiar fonética portuguesa le ha ayudado para aprender esta lengua? *

- ○ Sí
- ○ No
- ○ Es indiferente

En clases, ¿qué método prefiere para aprender fonética portuguesa? *

Seleccione entre 1 a 4 opciones de su preferencia. Si su opción no está en la lista, puede agregarla en el campo "otro".

- ☐ Aprender teoría
- ☐ Estudiar el aparato articulatorio
- ☐ Repetir después del profesor

- ☐ Repetir después de un audio
- ☐ Hacer transcripciones fonéticas
- ☐ Escuchar música
- ☐ Ver películas
- ☐ Simular diálogos
- ☐ Grabar la propia voz y escucharse
- ☐ Otra: _____

Según su experiencia, ¿qué es lo más DIFÍCIL de la fonética portuguesa? *

Seleccione entre 1 a 4 opciones de su preferencia. Si su opción no está en la lista, puede agregarla en el campo "otro".

- ☐ Vocales nasales
- ☐ Vocales abiertas y cerradas
- ☐ Sonidos consonánticos
- ☐ Entonación
- ☐ Sonidos que no existen en la fonética de su lengua materna
- ☐ Transcripción fonética
- ☐ Escoger una única variante y hablar según sus normas
- ☐ Prosodia
- ☐ Otra: _____

Según su experiencia, ¿qué es lo más FÁCIL de la fonética portuguesa? *

Seleccione entre 1 a 4 opciones de su preferencia. Si su opción no está en la lista, puede agregarla en el campo "otro".

- ☐ Vocales nasales
- ☐ Vocales abiertas y cerradas
- ☐ Sonidos consonánticos
- ☐ Entonación
- ☐ Sonidos que no existen en la fonética de su lengua materna
- ☐ Transcripción fonética
- ☐ Escoger una única variante y hablar según sus normas
- ☐ Prosodia
- ☐ Otra: _____

Fuera de sala de clases, ¿cómo practica la fonética portuguesa? *

Seleccione entre 1 a 4 opciones de su preferencia. Si su opción no está en la lista, puede agregarla en el campo "otro". Si usted NO practica de ninguna forma fuera de clases, por favor, seleccionar "otro" y poner "no practico".

- ☐ Escucho música en portugués
- ☐ Veo películas o series en portugués
- ☐ Hablo con nativos de portugués
- ☐ Grabo mi voz y luego me escucho
- ☐ Practico frente al espejo
- ☐ Practico con mis compañeros, amigos o familia
- ☐ Otra: _____

¿Cómo le gustaría que fuese una clase de fonética portuguesa? *

Seleccionar de 1 a 3 opciones de su preferencia. Si su opción no está en la lista, puede agregarla en el campo "otro".

- ☐ Sólo teoría, sin práctica
- ☐ Sólo práctica, sin teoría
- ☐ Teórico-práctica
- ☐ Con estímulos auditivos
- ☐ Con estímulos visuales
- ☐ Con estímulos táctiles
- ☐ Otra: _____

En una escala de notas de 1 a 7, ¿cómo evalúa su fonética portuguesa? *

1 nota mínima y 7 nota máxima

1	2	3	4	5	6	7
○	○	○	○	○	○	○